



**ESTOU ONLINE!**

**O imperativo da conexão reconfigurando sensibilidades nas relações de afeto entre sujeitos jovens contemporâneos**



**Cíntia Bueno Marques**

**ESTOU ONLINE!**

**O imperativo da conexão reconfigurando sensibilidades nas  
relações de afeto entre sujeitos jovens contemporâneos**

Tese apresentada no Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Doutora em Educação.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Elisabete Maria Garbin

**Linha de Pesquisa:** Estudos Culturais

Porto Alegre  
**2013**

## CIP - Catalogação na Publicação

Marques, Cintia Bueno

Estou online! O imperativo da conexão  
ressignificando sensibilidades nas relações de afeto  
entre sujeitos jovens contemporâneos / Cintia Bueno  
Marques. -- 2013.  
145 f.

Orientadora: Elisabete Maria Garbin.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-  
Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2013.

1. Redes sociais. 2. Privacidade compartilhada.  
3. Relações de afeto. 4. Juventudes contemporâneas. 5.  
Educação. I. Garbin, Elisabete Maria, orient. II.  
Título.

**Cíntia Bueno Marques**

**ESTOU ONLINE!**  
**O imperativo da conexão reconfigurando sensibilidades nas  
relações de afeto entre sujeitos jovens contemporâneos**

Tese apresentada no Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Doutora em Educação.

Aprovada em 16 de janeiro de 2013.

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Elisabete Maria Garbin – Orientadora

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Carmem Zeli de Vargas Gil - UFRGS

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Clarice Saete Traversini – FACED/UFRGS

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rosa Maria Hessel Silveira – FACED/UFRGS

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Saraí Patrícia Schmidt - FEEVALE

## AGRADECIMENTOS

...à minha orientadora, Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Elisabete Maria Garbin, agradeço pela paciência, dedicação e, sobretudo, pelas palavras amigas nas horas de crise;

...aos colegas do grupo de orientação – os que já concluíram e os que permanecem na realização dos seus estudos – agradeço pelas importantes contribuições que tornaram possível vencer as dificuldades encontradas ao longo do caminho;

...à minha família agradeço pela compreensão das minhas ausências, pelos valores me ensinaram e pelo apoio incondicional na busca dos meus sonhos;

...às minhas amigas de longa data, agradeço pela disponibilidade em compartilhar seu carinho e renovar minhas energias;

...à minha filha Laura, em especial, agradeço por ser minha maior motivação de vida, profunda inspiração na tentativa de tornar-me um exemplo positivo, uma referência ‘sólida’ neste mundo tão fluído.

*Não sei quantas almas tenho.  
Cada momento mudei.  
Continuamente me estranho.  
Nunca me vi nem acabei.*

*De tanto ser, só tenho alma.  
Quem tem alma não tem calma.  
Quem vê é só o que vê,  
Quem sente não é quem é.*

*Atento ao que sou e vejo,  
Torno-me eles e não eu.  
Cada meu sonho ou desejo  
É do que nasce e não meu.*

*Sou minha própria paisagem;  
Assisto à minha passagem,  
Diverso, móbil e só,  
Não sei sentir-me onde estou.*

*Por isso, alheio, vou lendo  
Como páginas, meu ser.  
O que segue não prevendo,  
O que passou a esquecer.*

*Noto à margem do que li  
O que julguei que senti.  
Releio e digo: “Fui eu?”  
Deus sabe, porque o escreveu.*

(Fernando Pessoa, 1973)

## RESUMO

Esta Tese tem por objetivo analisar as práticas de compartilhamento da vida privada no espaço virtual como produtoras de sensibilidades reconfiguradas nas relações de afeto entre sujeitos jovens contemporâneos. Utilizando a netnografia como escolha metodológica, analisei postagens disponibilizadas por dez jovens nas páginas de abertura dos perfis que mantinham nas redes sociais. Devido à fluidez característica do espaço virtual e, em especial, aos deslocamentos dos sujeitos nas redes sociais, o estudo iniciado no *Orkut* foi sendo ampliado, incluindo a observação focada nestes movimentos e em cenas cotidianas relacionadas ao tema proposto. O trabalho está organizado em quatro partes: na primeira delas, *Conectando: cliques e conceitos entrelaçados*, apresento motivações que me interpelaram e me conduziram à realização do estudo, desenvolvo conceitos que irão orientar a pesquisa, apresento o espaço do *Orkut* e os sujeitos envolvidos na pesquisa; na segunda parte, *Da etnografia à netnografia*, descrevo as trilhas metodológicas que construí contextualizando e justificando tais escolhas; na terceira parte, denominada *O Imperativo da conexão: privacidade compartilhada nas redes de relacionamento virtual*, desenvolvo análises a partir de dois eixos de pesquisa – o compartilhamento da privacidade como condição para o pertencimento ao grupo de amigos e as formas de ‘consumir’ afetos e relacionar-se na modernidade líquida; na quarta e última parte, *Do Orkut ao Facebook: espaços fluídos e sujeitos nômades*, abordo os deslocamentos dos sujeitos nas redes sociais e suas implicações na realização deste estudo e na compreensão do tema proposto. Ao concluir a Tese, considero ter trazido importantes subsídios para o campo da educação, no que se referem à compreensão das juventudes contemporâneas, suas formas expressar sensibilidades e vivenciar vínculos de afeto.

Palavras-chave: **Redes sociais. Privacidade compartilhada. Relações de afeto. Juventudes contemporâneas. Educação.**

## ABSTRACT

This thesis aims to analyze the practices for sharing personal privacy in the Cyberspace as producers of redefined emotional feelings within relations of affection between contemporary youngsters. Using netnography as a methodological tool, we analyzed messages posted by ten youngsters in the opening pages of their existing blogs kept in the social networks. Due to the typical fluidity of the Cyberspace and, in particular, to the high mobility of people in social networks, the study, which had started in the *Orkut*, was gradually expanded, including the observation focused on this high mobility and on everyday scenes related to the proposed theme. This work is organized into four parts as follows: in the first part, “*Connecting: clicks and entangled concepts*”, we disclose the reasons that made us to question the issue, leading us to conduct this study, develop the concepts that guided the research and present the *Orkut* and the youngsters under scrutiny; in the second part, “*From Ethnography to Netnography*”, we describe the methodological path built by us, contextualizing and justifying our choices; in the third part, “*The Connecting Imperative: privacy shared through the virtual networking spaces*”, we develop our analysis in two lines of research - the sharing of personal privacy as a condition for belonging to a group of friends and how to 'consume' affection and establish relationships in the liquid modernity; the fourth and last part, “*From Orkut to Facebook: fluid spaces and nomadic people*”, we address the high mobility of people in social networks and its implication for developing this study and for comprehending the proposed theme. Upon completion of this thesis, we believe that we have brought an important contribution to the education field in order to comprehend contemporary youngsters and the way they express their emotional feelings as they experience relations of affection.

**Keywords: Social Networks. Sharing Personal Privacy. Relations of Affection. Contemporary Youngsters. Education.**



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Postagem do <i>Facebook</i> de Aninha em 2011.....	16
Figura 2 – Modelo de perfil do <i>Orkut</i> .....	26
Figura 3 – Página da enquete da comunidade do <i>Orkut</i> “Quero ser jovem para sempre”.....	44
Figura 4 – Perfil do <i>Orkut</i> do jovem Giudrs I .....	46
Figura 5 – Perfil do <i>Orkut</i> da jovem Audrey .....	47
Figura 6 – Perfil do <i>Orkut</i> do jovem Frederico .....	47
Figura 7 – Perfil do <i>Orkut</i> do jovem Gianluca .....	48
Figura 8 – Perfil do <i>Orkut</i> do jovem Luísa .....	48
Figura 9 – Perfil do <i>Orkut</i> do jovem Lana .....	49
Figura 10 – Perfil do <i>Orkut</i> do jovem Marcinho .....	49
Figura 11 – Perfil do <i>Orkut</i> do jovem Bernardo .....	50
Figura 12 – Perfil do <i>Orkut</i> do jovem Julia.....	50
Figura 13 – Perfil do <i>Orkut</i> do jovem Rodrigo.....	51
Figura 14 – Página inicial do meu perfil do <i>Orkut</i> .....	59
Figura 15 – Poema extraído da página de abertura do <i>Orkut</i> da jovem Audrey .....	73
Figura 16 – Poema extraído da página de abertura do <i>Orkut</i> do jovem Marcinho.....	74
Figura 17– Página de abertura do perfil do jovem Frederico com o <i>status</i> ‘namorando’.....	76
Figura 18– Página de abertura do perfil do jovem Giudrs I com o <i>status</i> ‘namorando’ .....	77
Figura 19– Página de abertura do perfil do jovem Bernardo indicando pelo texto que está ‘solteiro’.....	77
Figura 20– Página de abertura do perfil do jovem Bernardo indicando pelo texto que está ‘solteiro’ .....	78
Figura 21 – Página de abertura do perfil da jovem Audrey sem indicação do <i>status</i> ‘relacionamento’.....	78
Figura 22 – Página de abertura do perfil do jovem Marcinho sem indicação do <i>status</i> ‘relacionamento’ .....	85
Figura 23- Recorte da página de abertura do perfil de Audrey em 2011.....	86
Figura 24: Depoimento extraído do perfil de Lana em 2011.....	86
Figura 25: Depoimento extraído do perfil de Audrey em 2009.....	87
Figura 26 - Texto extraído da página de abertura do perfil de Bernardo.....	90
Figura 27 – Página das comunidades do jovem Marcinho .....	93

Figura 28 – Página das comunidades da jovem Audrey .....	93
Figura 29 – Página das comunidades do jovem Bernardo .....	94
Figura 30 - Depoimento extraído do perfil de Marcinho em 2010 .....	98
Figura 31 - Depoimento extraído do perfil de Rodrigo em 2009 .....	101
Figura 32 – Vitrine de sujeitos .....	105
Figura 33 - Depoimento extraído do perfil de Bernardo em 2010. ....	107
Figura 34 - Depoimento extraído do perfil de Gianluca em 2010 .....	107
Figura 35 – Depoimento da namorada Juh para o jovem Frederico .....	109
Figura 36 – Depoimento do namorado Vinicius para Julia .....	110
Figura 36 – Mensagem extraída do site mensagensparafacebook.com.br.....	118
Figura 37 - Matéria publicada da Zero Hora em 16/11/2011 .....	119
Figura 38 - Depoimentos postados no perfil da jovem Júlia. ....	120
Figura 39 – Página de abertura da Comunidade <i>Orkut me dá crise de ciúmes</i> . ....	121
Figura 40 – Respostas à enquete proposta na Comunidade <i>Orkut me dá crise de ciúmes</i> .....	122
Figura 41 – Respostas à enquete proposta na Comunidade <i>Orkut me dá crise de ciúmes</i> .....	122
Figura 42 - Recorte da página de abertura de Marcinho em 2011 .....	123
Figura 43 – Perfil 1 de Giuliano no <i>Facebook</i> .....	124
Figura 44 – Perfil 2 de Giuliano no <i>Facebook</i> .....	124
Figura 45 – Perfil do <i>Orkut</i> e do <i>Facebook</i> da jovem Audrey disponível em 02/05/2012 .....	125
Figura 46 – Perfil do <i>Orkut</i> e do <i>Facebook</i> do jovem Marcinho disponível em 02/05/2012 ...	125
Figura 47 – Perfil do <i>Orkut</i> e do <i>Facebook</i> da jovem Luísa disponível em 02/05/2012 .....	125
Figura 48 – Perfil do <i>Orkut</i> e do <i>Facebook</i> do jovem Frederico disponível em 02/05/2012 ...	126
Figura 49 – Perfil do <i>Orkut</i> e do <i>Facebook</i> da jovem Lana disponível em 02/05/2012.....	126
Figura 50 – Perfil do <i>Orkut</i> e do <i>Facebook</i> do jovem Bernardo disponível em 02/05/2012...	127
Figura 51 – Perfil do <i>Orkut</i> e do <i>Facebook</i> do jovem Gianluca disponível em 02/05/2012....	127
Figura 52 – Perfil do <i>Orkut</i> e do <i>Facebook</i> do jovem Rodrigo disponível em 02/05/2012.....	128
Figura 53 – Perfil do <i>Facebook</i> de Aninha disponível em 30/06/2012 .....	129
Figura 54 – Perfil do <i>Facebook</i> de Aninha disponível em 30/06/2012 – 2ª parte .....	129
Figura 55 – Perfil do <i>Facebook</i> de Aninha disponível em 30/06/2012 – 3ª parte .....	129
Tabela 1 – Quantificação dos amigos, comunidades, recados e fãs dos perfis do <i>Orkut</i> .....	94

## SUMÁRIO

<b>1 CONECTANDO: ‘cliques’ e conceitos norteadores .....</b>	<b>11</b>
<b>1.1 SENSIBILIDADES E IMPERATIVO DA CONEXÃO.....</b>	<b>16</b>
<b>1.2 O PONTO DE PARTIDA: Apresentando o ORKUT .....</b>	<b>25</b>
<b>1.3 A GALERA NA REDE: Apresentando os sujeitos da pesquisa .....</b>	<b>38</b>
<b>2 DA ETNOGRAFIA À NETNOGRAFIA: trilhas metodológicas.....</b>	<b>52</b>
2.1 O CAMPO DE ESTUDOS.....	52
2.2. AS ESCOLHAS.....	53
<b>3 O IMPERATIVO DA CONEXÃO: privacidade compartilhada nas redes de relacionamento virtual .....</b>	<b>66</b>
3.1 EU QUERO TER UM MILHÃO DE AMIGOS! formas de pertencimento .....	84
3.2 CONSUMINDO AFETOS: relações líquidas na contemporaneidade .....	102
<b>4 DO ORKUT AO FACEBOOK: espaços fluídos e sujeitos nômades .....</b>	<b>115</b>
<b>5 DESCONECTANDO .....</b>	<b>130</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>134</b>
<b>ANEXO .....</b>	<b>144</b>
<b>ANEXO A – Termo de Consentimento Informado.....</b>	<b>145</b>

## 1 CONECTANDO: ‘cliques’ e conceitos norteadores

O olhar de pesquisador, principalmente aqueles inscritos no campo dos Estudos Culturais, é um olhar atento, interessado, curioso na busca de algo que o desafie a desbravar novos caminhos, que lhe proporcione aprendizagens a partir do constante questionamento acerca de suas provisórias certezas. Cenas cotidianas, aparentemente desprovidas de qualquer relevância acadêmica, podem despertar *insights* bastante produtivos ‘conectando’ práticas a referenciais teóricos na construção de possibilidades de pesquisa. Assim aconteceu comigo, nas cenas que passo a relatar a seguir através de alguns excertos do meu diário de campo.

### Observando Aninha<sup>1</sup> – Cena 1

Domingo, família reunida. Num canto da casa ela está sozinha, ou parece estar. Em frente ao computador move os dedos no teclado com uma rapidez incrível. Teclado? Na verdade, o que sobrou dele. Não há letras, pois já apagaram de tanto teclar. Mas para que letras? A posição está memorizada e o ‘detalhe’ das letras apagadas não faz a menor diferença na ágil escrita. Escrita? Sim, um tanto diferente, abreviada, esquisita, mas com significado. Com um sorriso no rosto, ela escreve ‘hsadhsadhsad’ [forma de escrever risadas na Internet]. Eu, que havia me aproximado e, com um pouco de esforço estava entendendo o diálogo, não resisti e perguntei: O que é isso? Ela respondeu: Só uma risada! (Excerto do Diário de Campo, novembro de 2007)

No momento relatado acima, olhei para Aninha em frente ao computador e meu pensamento se reportou aos estudos que vinha realizando sobre juventudes, socialidades, pertencimentos, representações, identidades, identificações. Fiquei pensando nessa espécie de ‘presença ausente’ [família reunida... ela está sozinha, ou parece estar] de jovens que habitam espaços presenciais conectados ao mundo virtual, que estão inseridos no domingo em família, como relata a cena, sem necessariamente participarem deste contexto presencial. Ponderei o quanto é significativa a possibilidade de estar conectado, interagindo com os amigos [com um sorriso no rosto, ela escreve ‘hsadhsadhsad’] sem sequer tirar o pijama – não consta no diário, mas esse era seu vestuário naquela cena – ou sair de casa.

---

<sup>1</sup> Aninha é uma jovem que em 2007, na ocasião dos primeiros registros no diário de campo, tinha 16 anos e, por pertencer à minha família e conhecer meus interesses de pesquisa, possibilitou diversos momentos de observação participante. Tais observações, ricas em esclarecimentos fornecidos por ela, passaram a fazer parte de meu diário de campo e, posteriormente, dessa proposta de estudo.

Passei a questionar em silêncio: Onde ela realmente está? Aqui ou lá? Com quem ela está passando o domingo? As letras apagadas no teclado [Não há letras, pois já apagaram de tanto teclar], desnecessárias para a ágil escrita de Aninha [move os dedos no teclado com uma rapidez incrível] atestavam o quanto ela estava presente por ali – naquele computador – na companhia de seus amigos.

A forma como os jovens se comunicam no espaço virtual<sup>2</sup>, rompendo as limitações de espaço, tempo e especialmente transformando o significado do que seria antes ‘estar junto’ é um tema que vem me interpelando há algum tempo enquanto pesquisadora, educadora e sujeito dessa realidade contemporânea. Mesmo ciente de que tal tema não consiste em algo inédito, mesmo buscando incessante atualização em relação a pesquisas desenvolvidas nesta direção, minhas reflexões continuavam a me interpelar. Cenas como aquela relatada no excerto do Diário de Campo continuavam a me causar estranhamento e curiosidade. Embora não soubesse ainda, ‘cliques’ como “*O domingo em família de Aninha*” contribuiriam significativamente para a construção da temática dessa pesquisa.

Minha caminhada como educadora iniciou em 1989, na sala de aula dos anos iniciais do Ensino Fundamental e teve continuidade em diferentes lugares – escolas públicas, privadas, técnicas, universidades – nos quais tive a oportunidade de ocupar posições variadas, atuando como professora, coordenadora pedagógica e consultora, na maioria das vezes, de forma concomitante. Esse movimento de estar dentro e fora da sala de aula, atuar direta e indiretamente com o aluno, ouvir os professores como colega e como coordenadora, tem me permitido construir uma percepção do contexto escolar sob diferentes ângulos e questionar sempre as visões unilaterais das situações que se apresentavam.

É recorrente ouvir dos professores: “Os alunos estão cada dia piores! Não querem nada com nada! Vivem com os fones nos ouvidos e brincando com o celular! Só querem ficar! Não querem estudar!”. Da mesma forma, ouvir dos pais: “*Meu filho só quer computador! Fica horas na internet! Nem sai mais de casa! Não tem mais amigos! Mal*

---

2 Refiro-me neste estudo à ‘espaço virtual’ incluindo, de modo geral, todos os espaços não presenciais aos quais os usuários da internet podem ter acesso através da conexão à rede. Como exemplo de lugares que compõem este espaço poderia citar as redes sociais, messenger, e-mail, chats, blogs e tantos outros que surgem a cada dia proporcionando o ‘encontro’ entre os sujeitos.

*fala com a gente! Nem pensa em namorar! Diz que está estudando com o computador, som, tv ligados, tudo ao mesmo tempo!*". No entanto, o que observo nos espaços escolares pelos quais circulo, são jovens que parecem ter a sua maneira de sentir e de se relacionar com o outro, que vivem intensamente o presente, sem mostrar tanta preocupação com o futuro, que se utilizam das tecnologias disponíveis para criar outras formas de 'estar junto' e compartilhar suas vidas, que se mostram capazes de ouvir música e prestar atenção nas conversas simultaneamente, que 'ficam' juntos num dia e permanecem sendo apenas amigos no outro, sem enfrentar cobranças sociais neste sentido, uma vez que tais práticas estão naturalizadas no grupo.

Ao olhar para os jovens alunos no cenário híbrido da escola contemporânea, onde salas de aula - mobiliadas com cadeiras e classes enfileiradas, quadros negros (ou brancos) repletos de tradicionais conteúdos - comportam também aparelhos de telefone celular, MP4, iPods, câmeras digitais e os mais variados aparatos tecnológicos<sup>3</sup>, percebo que estes sujeitos de corpos não tão dóceis deixam suas marcas, expressam suas idéias e ultrapassam a seu modo e a seu tempo os muros que os cercam, mas não os prendem. A aparente inexistência de objetivos, interesses, relações, anuncia uma fluidez incompreensível aos olhos de outros.

#### **Observando Aninha – Cena 2**

Já que estava ali [no Domingo em família de Aninha] e havia mesmo declarado minha intromissão, sentei para observar melhor. Aninha seguiu concentrada no que estava fazendo. Na tela, vários ícones abertos e minimizados: no canto inferior direito, o MSN. A cada sinal sonoro, ela maximizava este ícone, lia e respondia às mensagens ou risadas. Às vezes, simplesmente olhava o aviso de que alguém havia entrado ou saído. No canto inferior esquerdo, o Media Player tocando sem parar músicas selecionadas previamente por ela. Lembrei do tempo que a gente comprava uma fita cassete ou um disco por causa de uma música e acabava se acostumando com as outras que não gostávamos tanto, mas que estavam no 'pacote'. Isso tudo acabou! Fita? Disco? Comprar CD? Para quê? As músicas preferidas estão todas lá na internet, ao alcance das mãos. Basta 'clique' e 'baixar' só as preferidas. (Excerto do Diário de Campo, novembro de 2007)

---

<sup>3</sup> Refiro-me aqui aos artefatos tecnológicos como os aparelhos portáteis como *Music Player* - já tendo sua evolução mercadológica disponível com denominações de mp5, mp6, mp7, mp20, etc.), que reproduzem áudio e vídeo e aos tocadores áudio e vídeo digital cuja sigla "*Ipod*" provém de *Portable On Demand*, o que numa tradução livre seria algo como "portátil desejado". A letra "I" na frente significa "eu" em inglês, atribuindo um sentido pessoal a denominação, como "o portátil que eu desejo/desejei" ou "o portátil que eu sempre quis". Ver mais em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/IPod>>

O excerto apresentado retrata uma realidade marcada pelo dinamismo, pela simultaneidade e pelo acesso numeroso e variado a informações, características da internet, que permitem a seleção e composição personalizada, ao gosto de cada um, conferindo a cada ‘montagem’, certa autoria. Comecei a pensar sobre as práticas de comunicação no espaço virtual, que borram fronteiras entre aquele que protagoniza e aquele que assiste, entre o autor e o leitor, entre o que fala e o que escuta, onde as relações são marcadas pela interação tornando os sujeitos autores ou pelo menos organizadores do que publicam. Neste contexto, os ‘modelos’ a serem seguidos, não são mais, necessariamente, celebridades como artistas, cantores ou outras personalidades públicas. Tais modelos podem ser pessoas comuns, que facilmente capturam outras pessoas comuns num processo de identificação entre os sujeitos. Conectados uns aos outros, os sujeitos compartilham experiências, sentimentos e aprendizagens sobre modos de ser e de sentir.

Passsei a perceber as redes sociais como espaços nos quais seria possível estabelecer um olhar mais atento sobre novas formas de ‘estar junto’ e que isso poderia trazer ‘outras’ sensibilidades nas relações entre jovens contemporâneos. Para tanto, considerei necessário aprofundar inicialmente alguns conceitos fundamentais para o embasamento deste estudo, quais sejam: sensibilidades e imperativo da conexão.

Quando decidi pesquisar sobre “o imperativo da conexão reconfigurando sensibilidades nas relações de afeto entre sujeitos-jovens contemporâneos,” sabia que enfrentaria um grande desafio.

O espaço virtual é dinâmico, mutante, fluído, exigindo do pesquisador um olhar permanentemente atento às mudanças e sobretudo flexibilidade para reorganizar idéias, intenções e até mesmo conclusões acerca do que está sendo estudado. Ao pensar em sensibilidades nas relações de afeto - ainda que fossem restritas ao espaço presencial - o terreno não se torna mais firme. Sentimentos são abstratos, intensos, instáveis, assunto difícil de abordar na vida cotidiana, escolha perigosa no meio acadêmico, que de uma forma ou de outra exige conclusões plausíveis a respeito daquilo que nos propomos a estudar.

Os sujeitos jovens representam o ‘ingrediente’ mais instigante e fascinante dessa combinação de incertezas. Habitantes de novos tempos e espaços, descobridores de

peculiares formas de viver, sentir e relacionar-se neste eterno presente do contexto contemporâneo, provocam questionamentos sobre as verdades que pareciam fazer sentido antes. A reunião destes três elementos numa única idéia de pesquisa não poderia resultar num caminho fácil ou seguro. O que me faltava saber, ao iniciar este estudo, era o tamanho do desafio que se apresentava. Cada vez que ia visitar virtualmente os sujeitos e descobria que não estavam mais no lugar de antes, cada vez que via novas tecnologias superarem num piscar de olhos as anteriores, cada vez que não compreendia modos de expressar sentimentos, de vivenciá-los rápida e intensamente me perguntava se havia feito a escolha certa.

Felizmente acredito que não há escolhas certas, nem erradas. Há simplesmente escolhas! Nesse sentido, procurei seguir o ritmo das minhas escolhas: acompanhar o movimento dinâmico dos sujeitos nômades no espaço virtual; perceber com intensidade os momentos observados sem pensar tanto no que aconteceria com o amanhã; estar aberta a olhar outros lugares, outros sujeitos, em outros tempos, além dos previstos. Ao ver os acontecimentos deste outro ângulo, passei a perceber que nada do que percebia como dificuldade invalidava minha proposta de estudo. Pelo contrário, a dinâmica que fazia com que os sujeitos escapassem do meu alcance, a rapidez que gerava a permanente sensação de estar ultrapassada, o impulso de acelerar o ritmo e desbravar novos caminhos na busca dos meus inquietos amigos virtuais eram parte das sensibilidades sobre as quais escrevi. Assim como um etnógrafo torna-se de alguma forma parte do seu cenário de estudo, passei a vivenciar tais sensibilidades.

Estar conectada se apresentou como um imperativo para mim. Esta conexão com o espaço ocupado pelos sujeitos do estudo reconfigurou sensibilidades na relação pesquisadora-espaço-tempo-sujeitos. Abri mão de olhar apenas para o lugar delimitado por mim – o *Orkut* – e ultrapassado no curto tempo da escrita me permitindo fazer observações, comparações que validassem, ou não o que havia percebido a partir do objeto inicial do estudo. Passei a compreender a necessidade de “desapego” num contexto em que para encerrar o contato basta apenas um clique, meu ou do outro. Seguindo os sujeitos também me transformei em nômade. Do *Orkut*, fui para o *Facebook*, passando por outros tantos lugares... afinal, o que importa os lugares? Segui os sujeitos por onde eles iam.



Tomei emprestado o pensamento postado por Aninha no *Facebook* para dar sentido a um novo ou reconfigurado jeito de pensar sobre o desafio de prosseguir meu estudo:

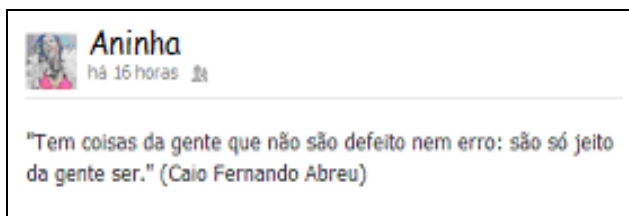


Figura 1 - Postagem do *Facebook* de Aninha em 2011

Assim avalio minhas escolhas – pesquisar no espaço virtual, sensibilidades, sujeitos jovens: nem ruins, nem erradas... Apenas do jeito que elas são, como as vejo e que passarei a tentar traduzir em palavras a partir de agora.

### 1.1 SENSIBILIDADES E IMPERATIVO DA CONEXÃO

A palavra *sensibilidade*, originada do Latim – *sensibilitas*, refere-se à capacidade de sentir, conceito bastante amplo e passível de diferentes interpretações. Recorro ao dicionário da língua portuguesa, no intuito de buscar o conceito popularmente conhecido do termo. O Dicionário *Michaelis* define *sensibilidade* como “capacidade de um organismo para receber estimulações; (...) faculdade de experimentar impressões morais; tendência inata do homem para se deixar levar pelos afetos ou sentimentos de compaixão e ternura”. Nesta definição, a capacidade de sentir está associada a determinados estímulos e a códigos morais, o que implica também em uma associação a questões de espaço e tempo, tendo em vista que tais estímulos e os códigos morais conhecidos pelos sujeitos dependem do espaço sociocultural no qual estão inseridos e do contexto de época vivenciado. A definição traz ainda a ideia de que seria inerente ao homem, como característica inata, a tendência de deixar-se levar por suas relações de afeto e sentimentos como compaixão e ternura. Pretendo ater-me neste estudo à primeira parte da definição, pensando em sensibilidades inseridas nas práticas culturais dos sujeitos-jovens. Considerando o desenvolvimento do tema à luz do referencial teórico dos Estudos Culturais, não poderia pressupor tendências inatas, mas sim compreender tais sensibilidades como construções que se dão no movimento das relações entre estes sujeitos.

Partindo do entendimento de sensibilidade como outra forma de apreensão do mundo para além do conhecimento científico, Pesavento (2005) afirma que as sensibilidades corresponderiam a uma forma primária de percepção e tradução da experiência humana que se encontra no cerne da construção de um imaginário social. A autora diz que o “conhecimento sensível opera como uma forma de reconhecimento e tradução da realidade que brota não do racional ou das construções mentais mais elaboradas, mas dos sentidos, que vêm do íntimo de cada indivíduo” (p.58).

As sensibilidades lidam com sensações, subjetividades, valores e sentimentos, que obedecem a outras lógicas e princípios que não aqueles da razão. É uma forma do ser e estar no mundo, incluindo tanto a percepção individual como as emoções partilhadas, a partir das quais os sujeitos representam, através dos sentidos, as suas realidades. Segundo Pesavento (2005),

sensibilidades remetem ao mundo do imaginário, da cultura e seu conjunto de significações construído sobre o mundo. Mesmo que tais representações sensíveis se refiram a algo que não tenha existência real ou comprovada, o que se coloca na pauta de análise é a realidade do sentimento, a experiência sensível de viver e enfrentar aquela representação (p.58).

Nesse sentido, realizar um estudo que tematize o conceito de sensibilidades no campo dos Estudos Culturais, envolve pensar também em subjetividades, em questões da vida privada dos sujeitos e em diferentes formas de exteriorizar ou guardar para si os sentimentos. Envolve ainda compreender os sujeitos do estudo, bem como os processos de pertencimento aos espaços e tempos em que se dão estas experiências sensíveis, enquanto práticas culturais.

Nessa direção, Barbero (1998, 2007) e Yúdice (2007) contextualizam as culturas juvenis na contemporaneidade, baseados em Benjamin (1993), como integrantes de um novo *sensorium*, uma nova experiência cultural constituída por novos modos de perceber e de sentir. Esse novo *sensorium*, no entendimento de Barbero e Yúdice, estaria diretamente relacionado às novas tecnologias disponíveis para o acesso à informação e para a comunicação entre as pessoas, às quais os jovens tiveram acesso desde que nasceram. Maffesoli (2003, 2004) nos fala sobre o “presenteísmo” que permeia as relações entre os jovens na contemporaneidade e das “novas sociabilidades” que vêm sendo observadas.

Segundo Pais (1998) estamos frente a uma “estética do diverso” que reconfigura as relações de espaço e tempo a partir das vivências no espaço virtual. Ortega (2000) utiliza o termo “dramaturgia da intimidade” para expressar o que ocorre nos meios de comunicação de massa e também na internet, onde há uma avalanche de confissões públicas a respeito da vida privada. Ratto (2006) denomina “intimização assistida” a essa necessidade de confessar publicamente sua intimidade. Tais autores, com diferentes olhares, dialogam sobre (novas) sensibilidades que permeiam as práticas culturais contemporâneas juvenis e oferecem rico referencial teórico que, articulado ao material analisado neste estudo, possibilita a compreensão sobre o tema proposto.

Não é raro, então, que haja por parte de pais e educadores, um grande estranhamento acerca das relações dos jovens e da sua forma de perceber o mundo. Tentar compreender essas práticas a partir de referências ‘sólidas’<sup>4</sup> da modernidade, tais como a construção de um futuro distante, a conquista de um amor para toda a vida ou a presencialidade como condição para o pertencimento a um grupo, torna-se improdutivo. Não quero afirmar com isso, que sonhos com o futuro ou com um amor romântico, bem como as relações presenciais inexistem, mas sim que não parecem ser para os jovens algo imprescindível ou o mais importante para manter seus relacionamentos. Sugiro que há diferença entre viver um amor, por exemplo, pensando em casamento, filhos, envelhecer juntos, ou viver esse amor intensamente, acreditando que é eterno, enquanto durar.

Segundo Barbero (2002), o novo ecossistema comunicativo<sup>5</sup> em que estamos inscritos se expressa na “multiplicação e densificação cotidiana das tecnologias comunicativas e informacionais, mas sua manifestação mais profunda se encontra nas novas sensibilidades, linguagens e escrituras que as tecnologias catalisam e desenvolvem” (p.3). O autor assinala que

o que está em jogo é uma nova sensibilidade feita de uma dupla complexidade cognitiva e expressiva: é em seus relatos e imagens, em suas sonoridades,

---

4 Utilizo o termo ‘sólidas’ baseada em Bauman (2002), que denomina ‘modernidade líquida’ este tempo fluído que estamos vivendo, diferente da modernidade, que se caracterizaria como ‘pesada’ ou ‘sólida’.

5 A definição de ecossistema comunicativo foi idealizada, na América Latina, por Barbero (2000). Segundo o autor, "A primeira manifestação e materialização do ecossistema comunicativo é a relação com as novas tecnologias - desde o cartão que substitui ou dá acesso ao dinheiro, até as grandes avenidas da Internet - com sensibilidades novas, muito mais claramente visíveis entre os mais jovens. Eles têm maior empatia cognitiva e expressiva com as tecnologias e com os novos modos de perceber o espaço e o tempo, a velocidade e a lentidão, o próximo e o distante" (BARBERO, 2000, p.54).

fragmentações e velocidades que eles encontram seu idioma e seu ritmo. Estamos frente à formação de ‘comunidades hermenêuticas’ que respondem a novos modos de perceber e narrar a identidade e a conformidade das identidades com temporalidades menos longas, mais precárias, mas também mais flexíveis, capazes de amalgamar, de fazer conviver no mesmo sujeito, ingredientes culturais muito diversos (BARBERO, 2002, p.4).

Dessa forma, vale salientar que, embora seja visível a familiaridade com a qual os jovens utilizam a tecnologia e a velocidade com que novos usos são acrescentados ao seu dia a dia, não pretendo aprofundar discussão sobre estes temas, mas sim, sobre as sensibilidades desenvolvidas no contexto das culturas contemporâneas, que refletem mudanças nas formas de relacionar-se dos jovens, a partir do uso das tecnologias.

Com os avanços tecnológicos na área da comunicação, antigas práticas ganharam novas perspectivas. Programas de auditório na televisão, que antes contavam com a participação de um grupo restrito de telespectadores - que podiam estar presentes ao vivo - e exibiam como principais atrações artistas famosos, hoje contam com a participação em tempo real dos telespectadores à distância - conectados através dos recursos tecnológicos disponíveis - e exibem como atrações dramas da vida privada de pessoas ‘comuns’, levados para ‘julgamento’ ou ‘solução’ a partir da opinião pública. Novelas televisivas, que antes tinham seus roteiros escritos por renomados autores e colocavam em cena a interpretação de personagens fictícios, dividem hoje espaço com *reality shows* - ‘novelas’ sem roteiro, com personagens da vida real – cujos ‘roteiros’ são ‘escritos’ ao vivo através da participação massiva do público, que discute e decide quais personagens ficam, quais saem e por quê.

Notícias chegam aos ouvintes, leitores e telespectadores praticamente em tempo real através da agilidade proporcionada pelos telefones móveis e pela internet. É possível acessar pela internet fatos narrados com incrível riqueza de detalhes por textos e imagens produzidos pelos próprios sujeitos envolvidos, ao mesmo tempo em que vivenciam a situação apresentada, fazem registros e os comunicam utilizando as tecnologias disponíveis. Através dos telefones móveis, tornou-se possível localizar e, por que não dizer ‘controlar’ o outro a qualquer hora, em qualquer lugar, não apenas questionando onde está, mas também se o telefone está ligado, desligado, a que horas foi religado, se a mensagem foi recebida, se foi respondida, etc. Para saber algo sobre uma pessoa, um lugar ou um evento, basta digitar

seu nome em algum site de busca. Os registros são tantos, de fontes tão diversas, em ritmo tão acelerado, que é quase impossível não encontrar absolutamente nada sobre o que se procura na internet, ou seja, de alguma forma estamos todos ‘conectados’, numa infinita rede de informações e relações. Apresento a seguir mais um excerto do Diário de Campo, que contribui para pensarmos acerca dessas conexões.

### **Observando Aninha – Cena 3**

Maximizado na tela, o Orkut, cheio de fotos de Aninha e de outros jovens, ‘depoimentos’, ‘recados’, ‘comunidades’ ‘fãs’ e ‘amigos’. No alto da tela do Orkut estavam contabilizados 8.121 recados, 738 amigos, 217 fãs, 5 vídeos, 55 fotos, etc. Percebi que ter tudo ao alcance de um ‘clique’ aumenta consideravelmente a quantidade de ‘relações’. Eu que sou ‘do tempo da secretária eletrônica’ jamais cheguei em casa e encontrei 8.000 recados. Nunca parei para contar meus amigos, mas sei que de forma alguma chegaria aos 700. Comecei a pensar sobre quem deveria ser ‘contabilizado’ no meu ‘rol de amizade’. Se contasse somente os amigos ‘do peito’, ficaria em dois ou três. Se incluísse os ‘parceiros’ de saída aumentaria um pouco. Talvez pudesse incluir os colegas de trabalho e os de estudo. Para aumentar bastante teria que contar também os conhecidos, amigos dos amigos, parentes, etc. Não chegaria aos 700. Fiquei com a dúvida. Como se faz para ter tantos ‘amigos’? (Excerto do Diário de Campo, novembro de 2007)

A partir da narrativa apresentada, podemos perceber outra configuração daquilo que, em outros tempos, entendíamos por amizade. Nesse sentido, são visíveis as mudanças, não apenas nos modos de ver essas relações, mas, sobretudo, na forma de vivê-las e ‘alimentá-las’ utilizando as ferramentas disponíveis no espaço virtual. Fazer ou desfazer uma amizade nessa nova configuração está literalmente ao alcance de um clique: basta aceitar o convite para tornar-se amigo de alguém, ou ‘apagar’ o amigo, ‘deletando-o’, para interromper a amizade. A quantidade contabilizada também parece ser importante, afinal, não deve ser fácil administrar tantas relações. As ferramentas disponíveis na internet tornam possível vivenciar as relações de formas antes inimagináveis.

Castells (2000) argumenta que esse espaço, que surge flexível, organizado em rede, com infinitos pontos de comunicação, serve como suporte para as práticas sociais contemporâneas, nas quais podemos nos reinventar e criar novas formas de nos relacionarmos. Já Bauman (2005), em relação aos sites de relacionamento, afirma que vieram a atender uma necessidade “real, generalizada e urgente”, pois “no cerne das redes sociais está o intercâmbio de informações pessoais. Os usuários ficam felizes por revelarem detalhes íntimos de suas vidas pessoais, fornecerem informações precisas e compartilharem

fotografias” (p.8). Nesse novo modo de sentir, compartilhar a privacidade é uma prática comum a ponto de questionarmos: o que seria hoje algo íntimo ou privado, frente às novas configurações de comunicação? O autor nos fala sobre a modernidade líquida, como um tempo que estamos vivendo, de satisfação instantânea, de possibilidades infinitas, de relações fluídas e desejos nunca saciados. Conforme Bauman (2001),

O ilimitado das sensações possíveis ocupa o lugar que era ocupado nos sonhos pela duração infinita. A instantaneidade [...] faz com que cada momento pareça ter capacidade infinita; e a capacidade infinita significa que não há limites ao que pode ser extraído de qualquer momento – por mais breve e “fugaz” que seja. O longo prazo, ainda que continue a ser mencionado, por hábito, é uma concha vazia, sem significado (BAUMAN, 2001, p.145).

Assim, da mesma forma que as informações, as imagens e as pessoas estão na internet ao alcance de um clique, a vida contemporânea tem se apresentado como um farto *buffet* de oportunidades que se renovam a cada instante, num ritmo alucinante. Os ‘ficantes’<sup>6</sup> estão ao alcance de um olhar e não precisam ocupar o tempo inteiro da duração de uma festa; podem ser substituídos imediatamente, caso esse seja o caminho da satisfação instantânea. Telefones celulares, aparelhos de *MP4*, *iPod* e tantos outros artefatos eletrônicos portáteis, tornam-se obsoletos logo após a compra, dando lugar aos infinitos últimos lançamentos. Não há espaço para a insatisfação, nem consigo mesmo, considerando as inúmeras ofertas disponíveis, que proporcionam, ou prometem proporcionar, uma aparência mais bonita, mais forte, mais magra, mais jovem, mais saudável... Sempre ‘mais’ e melhor, numa superação constante e descartabilidade do menos ou pior.

Num movimento dinâmico e contínuo, produtos, lugares, pessoas são lançados e relançados para absorção na rede do consumo. Diferentes modos de ser jovem são compartilhados e aprendidos, sendo o espaço virtual um dos possíveis meios de circulação e construção destes saberes, a partir dos discursos de cada um sobre si. As redes de relacionamento virtual, neste sentido, podem ser compreendidas como dispositivos pedagógicos. Fischer (2000) descreve dispositivo pedagógico da mídia como

Um aparato discursivo e ao mesmo tempo não discursivo [...] a partir do qual haveria uma incitação ao discurso sobre ‘si mesmo’, à revelação permanente de si, práticas que vêm acompanhadas de uma produção e veiculação de saberes

---

<sup>6</sup> O termo ‘ficantes’ é utilizado pelos jovens referindo-se àqueles com quem costumam ‘ficar’ com uma certa frequência, ou seja, namorar por um determinado dia, ou num determinado evento e após, não manter nenhum vínculo de compromisso. Como não há compromisso assumido, a mesma pessoa pode ter um ou mais ‘ficantes’, muitas vezes no mesmo dia ou no mesmo evento.

sobre os próprios sujeitos e seus modos confessados e aprendidos de ser e estar na cultura em que vivem (p.115).

Ao falarem de si, os sujeitos falam de um contexto maior no qual estão inseridos. Afinal, nas tramas da linguagem, não há como conhecer o significado das coisas, compreendendo o sentido destes significados, se olharmos para elas isoladamente. Como afirmaram Veiga-Neto e Lopes (2007), os significados não são intrínsecos às coisas, da mesma forma que os sentidos não são intrínsecos às proposições. Segundo os autores, o que é dito e as interpretações que se dão a partir daí sobre o que é falso ou verdadeiro, “descrevem classes e emitem juízos que só valem – porque só têm significado e só fazem sentido – no interior de um grupo que partilha de uma linguagem comum e de uma pauta comum de valores” (p. 12). É necessário, assim, expressar-se através da linguagem, tecer a trama, fazer parte dela e compreendê-la para dar sentido às coisas e a si mesmo.

Os jovens no espaço virtual parecem sentir-se muito à vontade para divulgar as últimas novidades da sua vida, compartilhando sua privacidade. Talvez para eles, estranho seria não compartilhar. Segundo Bauman (2001), “uma linguagem privada é uma incongruência. O que quer que seja nomeado, inclusive os sentimentos mais secretos, pessoais e íntimos, só o é propriamente se os nomes escolhidos forem de domínio público, se pertencerem a uma linguagem compartilhada e pública” (p.81). Nesse sentido, comunicar os sentimentos, as preferências, as comunidades às quais pertencem e principalmente compartilhar esta linguagem e este espaço público de comunicação passa a ser uma necessidade, ou por que não dizer, um imperativo.

O adjetivo *imperativo*, conforme o Dicionário da Língua Portuguesa Michaelis, significa “que ordena, que governa, que manda com autoridade (...) que tem caráter de ordem, ditame, dever”. Na medida em que estar conectado à rede e compartilhar neste espaço a vida privada torna-se condição para o pertencimento ao grupo, pode-se dizer que esta condição está operando como imperativo para os jovens da pesquisa.

Dentre as diferentes concepções morais do iluminismo, o *imperativo categórico* de Kant foi a concepção que autores como Tugendhat e Foucault consideraram mais plausível, adotando-a inclusive, como base de seus projetos éticos. A razão para que considerassem tal plausibilidade consiste na proximidade do conteúdo do imperativo

Kantiano ao “contratualismo”, a qual faz surgir sua concepção da moral como ‘natural’, ou seja, mais coerente e espontânea do homem moderno. Nessa perspectiva, o homem submete-se às normas por ter interesse e desejo de que os outros também se submetam. A moral, como código de normas de um grupo, é destinada a manter a coesão entre seus membros. Nesse sentido, tratarei neste estudo o imperativo da conexão e do compartilhamento da privacidade na perspectiva de um imperativo categórico, condição normativa dentre os jovens para estar entre amigos na rede, aos quais se submetem.

Nesse contexto, é importante salientar que o compartilhamento das questões da vida privada, embora desejado pelo grupo que a este imperativo se submete, não chega a transformar tais questões em ‘questões públicas’. Ou seja, os assuntos expostos da vida privada dos jovens no espaço público das redes sociais, não se tratam - ao tornarem-se do conhecimento de todos - de questões coletivas, do interesse comum, mas sim continuam constituindo a história de cada jovem, das suas identidades e pertencimentos. Conforme Ratto (2006),

O ideal que nasceu como filho dileto da vontade de congregação humana democrática produz também seu avesso. Ou seja, uma sociedade amplamente capaz de cumprir sua vocação comunicativa e, paradoxalmente, cada vez mais sectarizada, estratificada, composta pelo princípio de um novo individualismo francamente neoliberal que destrói o espaço público e esvazia progressivamente a ação política (p.29).

O que parece ter acontecido é um deslocamento do interesse dos jovens das questões tradicionalmente conhecidas como públicas para os dramas privados. Assim, torna-se um dever encenar tais dramas e um direito acompanhá-los. Como aponta Ortega (2000), a sociedade na qual vivemos nos incita todo o tempo a “desnudar-nos emocionalmente” e inspira verdadeiras “dramaturgias da intimidade”. O desejo de falar de si publicamente vai ao encontro do interesse em saber da intimidade do outro. A partir de uma rede dinâmica de interação, num movimento constante de negociação entre o que deve ou não deve ser publicizado e do que agrada ou não a quem observa, são produzidas identificações e construídas identidades virtuais.

Ratto (2006) ainda afirma:

Vem-se constituindo uma lógica da intimidade, segundo a qual a proximidade humana constituiria um valor moral, sem o que a sobrevivência no mundo



contemporâneo seria praticamente impossível. Mas essa suposta vontade de intimidade mostra-se bastante ambígua. Ela coexiste com desenvolvimentos tecnológicos que tornam cada vez mais viáveis a apresentação pública e a devastação da privacidade (p.33).

O autor refere-se a uma espécie de intimização, diferente do que o significado coloquial da palavra ‘intimidade’ poderia sugerir: privativo, secreto. A intimidade, na perspectiva citada, parece depender, em certa medida, de visibilidade e reconhecimento para existir. Essa intimização compartilhada oportuniza a privatização do espaço público, no sentido de utilizar este espaço para questões referentes à vida privada, e a construção de identidades.

Ao expressar o que pensamos ser, o que queremos ser ou o que gostaríamos que pensassem que somos, estamos, através da linguagem, nos constituindo enquanto sujeitos. A linguagem expressa nossos pensamentos e nossos desejos. Além disso, ao compartilhar nosso querer, estamos produzindo sentidos, criando significados e (re)produzindo identidades. Conforme Hall

As identidades emergem do diálogo entre os conceitos e definições que são representados para nós pelos discursos de uma cultura e pelo nosso desejo (consciente ou inconsciente) de responder aos apelos feitos por estes significados, de sermos interpelados por eles, de assumirmos as posições de sujeito construídas para nós por alguns discursos. (HALL, 1999, p. 26)

As redes sociais de relacionamento virtual dão visibilidade, tanto a discursos que interpelam determinados sujeitos, quanto às construções que cada sujeito faz para si a partir desses e de tantos outros discursos. A partir do compartilhamento os jovens expressam suas sensibilidades, dão sentido à suas experiências, trocam afetos e desafetos, (re)constróem significados para as relações virtualmente ou presencialmente vivenciadas.

A tese proposta foi desenvolvida a partir da seguinte questão: De que maneira práticas de compartilhamento da vida privada no espaço virtual reconfiguram sensibilidades nas relações de afeto entre sujeitos-jovens? A partir dessas reflexões iniciais, apresento meu objetivo neste estudo: **analisar práticas de compartilhamento da vida privada no espaço virtual como produtoras de sensibilidades reconfiguradas nas relações de afeto entre sujeitos jovens contemporâneos.**

## 1.2 O PONTO DE PARTIDA: APRESENTANDO O *ORKUT*

O *Orkut* é um site de relacionamentos criado em 24 de janeiro de 2004, nos Estados Unidos, por um projetista turco da empresa Google chamado Orkut Büyükkökten com o objetivo de auxiliar seus membros a conhecerem pessoas. No início deste estudo, no ano de 2009, o *Orkut* era o site de relacionamentos com maior número de usuários no Brasil - mais de 23 milhões - o que correspondia a 48% dos usuários do *Orkut* no mundo (dados disponíveis em 24/07/2010 no endereço [http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut#Usu.C3.A1rios](http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut#Usu%C3%A1rios)). Em dezembro de 2011 o *Facebook* alcançou 36,1 milhões de usuários no Brasil e superou o número de usuários do *Orkut*, que na ocasião era de 34,4. Os números alcançados pelo *Facebook* representaram um crescimento de sete vezes em audiência e seu tamanho foi triplicado (dados disponíveis em 31/03/2012 no endereço <http://www.cartacapital.com.br/tecnologia/facebook-supera-o-orkut\0>). A superação do *Orkut* pelo *Facebook* foi ampliada ao longo do ano de 2012, tanto em número de usuários, quanto em recursos disponibilizados. Vale lembrar, no entanto, que não perdeu sua validade como ferramenta de análise e sobretudo que constitui materialidade que demonstra a dinâmica e fluidez do espaço virtual, conforme mencionado na carta de intenções apresentada no início desse estudo.

Para aqueles que não são ou foram usuários, mostro a seguir a visualização de um perfil do *Orkut*, como ele se apresenta<sup>7</sup> na internet. A partir da página inicial disponibilizada, outras páginas podem ser acessadas clicando os ícones indicados. As páginas do perfil de cada amigo adicionado, bem como das comunidades vinculadas são abertas a partir das imagens que as representam. Estas imagens consistem em ícones de acesso às outras páginas.

---

<sup>7</sup> Saliento aqui o caráter provisório do conteúdo disponibilizado na internet, justificando portanto, que o modelo de perfil inserido nesta escrita refere-se ao modelo disponível na data da pesquisa ao site. Após este período, na busca de atender às necessidades dos usuários e também respondendo aos desafios da concorrência de outros sites, o modelo de perfil do *Orkut* foi sendo permanentemente modificado.



Figura 2 – Modelo de perfil do Orkut

Pensando em delimitar o universo de possibilidades que se apresentou diante de mim desde que me propus a realizar este estudo, optei por focar meu olhar nas páginas de apresentação dos sujeitos – perfis – disponibilizados no espaço do *Orkut*, incluindo os dados que aparecem imediatamente quando abrimos a página (dados de identificação, textos postados pelos sujeitos, comunidades, amigos, etc.) e também os depoimentos deixados pelos amigos, que podem ser acessados a partir do ícone *depoimentos*.

O *Orkut* se constitui num espaço de relacionamento em que a exposição de informações pessoais tem significativo destaque. Cada jovem alimenta sua página pessoal com as últimas novidades e atualiza fotografias, recados, poemas, músicas, comunidades,

enfim, tudo o que possa traduzir as ‘identidades virtuais’<sup>8</sup> que deseja mostrar, naquele dado momento. Da mesma forma, os amigos conectados à sua rede, compartilham dessas informações e complementam o perfil contribuindo com recados, depoimentos ou comentários, que ratificam e/ou retificam tudo o que foi exposto, contribuindo na construção de suas identidades.

Ao mesmo tempo que os usuários do *Orkut* parecem satisfazer o desejo de falar de si ao compartilharem informações de sua vida, cumprem com um certo compromisso que assumem ao estarem inseridos na “sociedade do espetáculo” (Debord, 1997) que assim nomeia as práticas de ‘espetacularização’ da vida privada presentes na sociedade contemporânea, ou seja, a exposição de tais questões em espaços públicos, especialmente da mídia.

Bauman (2005) assinala que

Os adolescentes equipados com confessionários eletrônicos portáteis são apenas aprendizes treinando e treinados na arte de viver numa sociedade confessional – uma sociedade notória por eliminar a fronteira que antes separava o privado e o público, por transformar o ato de expor publicamente o privado numa virtude e num dever públicos, e por afastar da comunicação pública qualquer coisa que resista a ser reduzida a confidências privadas, assim como aqueles que se recusam a confidenciá-las. (p. 10)

No cumprimento desse dever de falar de si, parece não ser suficiente compartilhar informações, mas, sobretudo, no exercício dessa ‘virtude’, produzir um perfil desejável, passível de aceitação e admiração. Segundo Bauman (2005), as pessoas, ao falarem de si, “são aliciadas, estimuladas ou forçadas a promover uma mercadoria atraente e desejável (...) são, ao mesmo tempo, os promotores das mercadorias e as mercadorias que promovem” (p.13). No caso do *Orkut*, a idéia de transformar-se em mercadoria fica bastante visível, por exemplo, na quantificação exposta no perfil referente aos amigos que se incluíram como fãs, ou que consideram o usuário confiável, legal e *sexy*. Os visitantes, avaliando o que viram no perfil, marcam, ou não, tais qualidades gerando uma quantidade exposta no canto superior da tela. São quantificados também os recados, depoimentos e comentários deixados.

---

8 Ao empregar o termo ‘identidades virtuais’, refiro-me às diferentes representações de si colocadas em circulação no *Orkut*, que vão compondo as identidades assumidas pelo sujeito neste espaço.

Assim, um perfil que apresenta, por exemplo, mais de dois mil amigos, quatrocentos fãs, mil e trezentos recados, etc., parece estar legitimado pelo grupo de usuários, enquanto aqueles que apresentam escassas quantidades parecem não ter sido aprovados. Além disso, o usuário tem a possibilidade de divulgar ou apagar cada um dos recados e depoimentos que recebe, realizando uma espécie de controle de qualidade do que é dito sobre si. Se o conteúdo contribui para o perfil que o usuário deseja mostrar, pode aceitá-lo e torná-lo visível a todos. Se o conteúdo não é considerado adequado, pode ser excluído, sem que permaneça nenhum registro.

#### **Observando Aninha - Cena 4**

Voltei a observar a tela e vi que as fotos, os amigos e o resto todo havia desaparecido. Era um *Orkut* 'limpo', sem nada. No canto superior, onde antes aparecia o nome dela como usuário foi substituído por 'umfakequalquer'. O que é um 'fake'? Pensei alto e ela me respondeu: -Isso é complicado! Adorei a resposta e quis saber tudo sobre isso. Descobri que um 'fake' é um perfil falso, por isso o uso do termo que, em inglês, significa falso. Quando alguém cadastra seu *Orkut* precisa optar por saber quem entrou para olhar ou não saber. Se optar por não saber, também não é visto quando entrar no *Orkut* de outros. Se optar por saber, vai ser identificado quando entrar em outro *Orkut*. Este parece ser um dilema, pois nem sempre quem quer saber sobre seus 'visitantes' quer ser identificado quando vai dar uma olhadinha no *Orkut* alheio. O ideal, neste sentido, seria ver sem ser visto. Para isso ela encontrou uma solução: O 'fake'. No *Orkut* verdadeiro, optou por ver e ser vista. No falso, optou por não ver (até porque não há nada para alguém visitar) e por não ser vista. Para receber as 'visitas' usa o *Orkut* verdadeiro. Para 'visitar' anonimamente usa o *Orkut* falso. Assim, tem o que considera ideal, investindo apenas uns 'cliques' a mais. Comecei a pensar na questão da privacidade compartilhada no *Orkut* e neste interessante mecanismo para manter-se anônimo. (Excerto do Diário de Campo, novembro de 2007).

Ao decidirem não compartilhar determinados acontecimentos ou sentimentos, os jovens buscam mecanismos para manutenção da privacidade, como por exemplo, restrições de acesso possibilitadas pela própria ferramenta do *Orkut*, mantendo concomitantemente a divulgação dos outros aspectos da sua vida e cumprindo, assim, seu dever na sociedade do espetáculo. É possível divulgar todo o conteúdo a todos que visitarem o *Orkut*, divulgar o conteúdo apenas para os amigos, ou ainda divulgar para todos, alguns itens (perfil, fotos, recados, etc.) e apenas para amigos, outros itens. Da mesma forma, o visitante tem mecanismos para optar por divulgar ou não sua passagem pelo *Orkut* visitado. Em contrapartida, aquele que optar por não ser visto quando visita o *Orkut* de alguém, automaticamente não pode ver quem visitou o seu *Orkut*. De algum modo, a privacidade é preservada em diferentes níveis, conforme a vontade ou a necessidade de cada um, sem que

seja necessário deixar de fazer parte da rede de relações. Mecanismos de manutenção da privacidade estão presentes também em outros sites de relacionamento denotando uma negociação constante dos sujeitos entre a necessidade de compartilhar sua privacidade e a necessidade de preservá-la em alguma medida.

Nas redes sociais, os próprios usuários, ou aquilo que eles expõem de si mesmos, servem como modelos. O *Orkut*, *Facebook*, *Twitter* e outros sites de relacionamento consistem numa forma de expressão cultural do nosso tempo que exerce efeitos pedagógicos na medida em que ‘ensina’ quais posições de sujeito devem ser assumidas, qual a aparência física a ser mostrada, quantas amizades são suficientes, que preferências são valorizadas, assim como o que não parece ser interessante para ser divulgado. Simultaneamente aprendendo e ensinando, os usuários vão interagindo na (re)produção de códigos culturais contemporâneos.

Ao tentarem traduzir ou expressar suas identidades através da linguagem, os sujeitos selecionam determinados atributos em detrimento de outros compondo uma lista contingenciada por relações de poder a partir de processos competitivos e disputas por imposição de sentido (Veiga Neto e Lopes, 2007, p. 11). O espaço do *Orkut* propõe explicitamente essa expressão com a montagem do perfil do usuário por ele mesmo e com a avaliação permanente dos demais membros. O uso das redes sociais parece ser uma prática naturalizada, não apenas, mas especialmente entre os jovens. Podemos perceber isso pela reação estarrecida de alguns ao perguntarmos se eles têm *Orkut*, *Facebook*, *Twitter*, etc. A resposta é óbvia! A pergunta apropriada hoje, talvez fosse: qual o teu endereço na rede? Ou ainda: quantos *links* você tem?

Mas de que maneira os discursos e as representações de juventude em circulação nas redes sociais ‘ensinam’ a ser jovem? Segundo Hall (2000), as identidades "têm a ver não tanto com as questões 'quem nós somos' ou 'de onde nós viemos', mas muito mais com as questões 'quem nós podemos nos tornar', 'como nós temos sido representados' e como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios" [grifos do autor] (p.109). À medida que o jovem é colocado em permanente contato com ‘modelos de juventude’, sejam celebridades ou pessoas comuns, incluindo colegas de escola, amigos e ‘amigos dos amigos’, estes modelos passam a orientar suas ações no sentido de

corresponder à expectativa criada. Por outro lado, o esforço de cada um para atingir o ‘ideal’ estabelecido serve de modelo para outros cumprindo a mesma finalidade, num movimento cíclico e inesgotável de produção de identidades. Woodward (1997) reforça que a representação produz significados a partir dos quais damos sentido às nossas experiências e ao que somos, posicionando-nos como sujeitos. A autora afirma que "a representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser?" (Woodward, 1997, p.17). Assim, as expectativas dos jovens quanto à forma como gostariam de ser vistos, a forma como se vêem e a forma como acreditam que são vistos estão diretamente relacionadas aos códigos culturais do grupo social no qual estão inseridos.

A montagem do perfil proposto nas redes sociais articula códigos culturais, expectativas e percepções sobre si mesmo, resultando na construção de identidades virtuais consideradas pelos sujeitos como apropriadas para serem expostas na ‘vitrine’. Imagens, vídeos e textos são cuidadosamente selecionados, comunidades são escolhidas, amigos adicionados, formando o produto inicial a ser divulgado, analisado e consumido [ou não]. A aprovação das escolhas feitas no perfil na tentativa de responder à questão quem sou eu? pode gerar um *status* de muitos ou poucos amigos, depoimentos de apoio ou reprovação, maior ou menor popularidade. A partir dessa aprovação, o perfil vai agregando fãs, além de pessoas que o julgam confiável ou *sexy*. Tudo é contabilizado e expresso na página numericamente, constituindo uma espécie de competição de quem tem mais... Amigos, fãs, fotos, recados, depoimentos, etc. Obviamente, quanto maior a quantidade, melhor! Desse modo, percebo as quantidades contabilizadas nos perfis do *Orkut* como construtoras de significados – sujeitos muito confiáveis, muito *sexys*, merecedores de muitos fãs, ou não – bastante instáveis, que mobilizam relações de poder entre os sujeitos.

Segundo Veiga-Neto e Lopes (2007),

Cada comunidade – se quisermos, cada cultura -, tendo criado suas redes, tanto pode procurar manter determinadas regiões de significados mais estáveis (fixas), quanto pode procurar alterar outras regiões. Mas, ao promover alterações, estará mexendo, ainda que indiretamente, nas regiões que quer conservar mais estáveis. Tudo isso se dá segundo lutas (por imposição de significados e sentido), estratégias (ofensivas e defensivas) e acordos (tácitos e explícitos). E não esqueçamos que tudo isso está sempre atravessado por relações de poder (p.13 e 14).

Tais lutas, estratégias e acordos fazem parte do processo dinâmico e permanente de construções identitárias que se dá ao longo de toda a vida dos sujeitos. Mas como podemos observar essas construções nas redes sociais?

Recuero (2009 a) afirma que

Se compreendermos as redes sociais na internet a partir de seus links como estruturas de poder, observaremos que essas estruturas são negociadas de formas variadas e que essa negociação é influenciada, de um modo especial, por uma disputa pelo capital social construído nesses espaços. Assim, elementos como reputação, autoridade e popularidade podem ser centrais para a compreensão dessas redes como expressões das estruturas de poder. (p.1)

O que está em jogo não é apenas como o sujeito se vê, mas, sobretudo como os outros o vêem e como gostaria de ser visto. Essa negociação constante promove de alguma forma, uma escrita colaborativa de si.

Um dos primeiros estudos no Brasil e o primeiro no PPGEDU e na Linha de Pesquisa Estudos Culturais em Educação sobre a escrita de si na internet foi realizado por Elisabete Maria Garbin (UFRGS), resultando na tese defendida em 2001, intitulada *www.identidadesmusicaisjuvenis.com.br: um estudo de chats sobre músicas no espaço virtual*. A autora buscou “delinear aspectos da constituição de identidades musicais juvenis através da análise de *chats* sobre música na internet, tentando caracterizar as inter-relações entre essa emergente cultura e tais identidades” (GARBIN, 2001, p.12). Segundo Garbin (2001), “a rede converteu-se num ‘laboratório’ [grifo da autora] para a realização de experiências com as construções e reconstruções do ‘eu’ na vida pós-moderna, uma vez que, na realidade virtual, de certa forma moldamo-nos e criamo-nos a nós mesmos (p.126).” Nas redes sociais, podemos observar essa prática, na qual o ‘eu virtual’ - parte que compõe também a realidade - é criado, avaliado, quantificado e reconfigurado a várias mãos, numa dinâmica própria que articula tecnologia a velhas/novas/reconfiguradas sensibilidades.

Segundo Boyd e Ellison (2007, in Recuero 2009), os sites de redes sociais são aqueles sistemas que permitem a construção de uma *persona* através de um perfil ou de uma página pessoal. Permitem ainda a interação através de comentários e a exposição pública da rede social de cada ator. Recuero (2009) salienta que a principal diferença entre os sites de redes sociais e outras formas de comunicação mediadas pelo computador é o



modo como permitem a visibilidade e a articulação das redes sociais bem como a manutenção dos laços sociais estabelecidos no espaço offline.

Withaker (2002) afirma que numa rede social, os integrantes ligam-se uns aos outros de forma horizontal, direta ou indiretamente, através dos que os cercam, resultando numa espécie de malha de múltiplos fios que pode espalhar-se para qualquer ou para todos os lados, a partir de uma vontade coletiva. Na rede não há chefes ou sujeitos que possam ser considerados centrais. Conforme os eventos acontecem, o foco de atenções e consequentemente o *status* em termos de popularidade se desloca, constituindo um movimento dinâmico e contínuo.

Cumprir notar que o *Orkut* consiste num site de rede social que permite aos usuários manterem contato com outros por meio de fotos e *mensagens*. Segundo consta no site do Orkut, sua ‘missão’ é ajudar a criar uma rede de amigos mais íntimos e chegados e sua expectativa é que os usuários possam, num curto espaço de tempo, estar ‘curtindo’ mais sua vida social. Cada usuário tem um perfil, criado por ele mesmo, onde expõe seus dados pessoais, suas preferências, seu estilo e acrescenta fotos e/ou mensagens que considera significativa.

A partir daí, este perfil é alimentado pelos amigos que visitam o *Orkut* deixando recados e depoimentos sobre o usuário. O usuário pode atualizar constantemente seu perfil e escolher os depoimentos que deseja ou não divulgar. Pode ainda enviar convites para que seus amigos venham a fazer parte do *Orkut*. Os visitantes podem oferecer-se para passar a fazer parte do *Orkut* na qualidade de amigos. A partir das escolhas do usuário, de convidar seus amigos e de aceitar ou não novos amigos, vai constituindo-se uma rede de relacionamentos *online*. Um *Orkut* fica ligado a outro e assim sucessivamente conectando centenas ou milhares de jovens com infinitas possibilidades de novas conexões.

Outra opção disponível no *Orkut* é a criação de novas comunidades ou a participação em comunidades já existentes com o objetivo, segundo consta no site, de “discutir assuntos atuais, reencontrar antigos amigos da escola ou até mesmo trocar receitas favoritas”<sup>9</sup>. Existem comunidades sobre assuntos bem variados e até aquelas que são criadas para proclamar que amam ou odeiam determinadas pessoas. É comum encontrarmos

---

<sup>9</sup> Extraído do link “sobre o Orkut” disponível na página de abertura do perfil de usuário. Consulta atualizada em 10/09/2010 em <http://www.orkut.com.br/Main#About>

comunidades sobre ‘celebridades’ da mídia e sobre professores. Os alunos costumam utilizar este espaço também para compartilhar recados e discutir assuntos da sua turma de escola, além das comunidades de turmas que já concluíram os estudos e utilizam o espaço para manter contato ou para relembrar os velhos tempos. Há comunidades também para discutir questões referentes ao próprio *Orkut* como as comunidades ‘Nóis é pobre, mas tem *Orkut*’, com 829.193 membros, ‘Eu sei que você fuça no meu *Orkut*’, com 1.380.115 membros ou ‘Eu tiro foto pensando no *Orkut*’, com 504.346 membros<sup>10</sup>.

O *Orkut* tem algumas regras e restrições em relação ao uso com o objetivo, segundo consta no site, de “proteger a privacidade, os direitos legais e a satisfação” dos seus membros. As regras exigem que as informações e fotos do perfil sejam colocadas pelo próprio usuário e correspondam aos seus ‘verdadeiros’ dados. Só podem ser cadastrados usuários vivos e maiores de 18 anos, embora na prática possamos encontrar inúmeros usuários menores, assim como perfis de falecidos, que são mantidos pelos amigos como um espaço de homenagem póstuma. É proibido publicar material que contenha expressões de ódio ou ofensa à raça, etnia, nacionalidade, religião, sexo ou orientação sexual. Entretanto, multiplicam-se neste espaço comunidades que pregam a discriminação como, por exemplo<sup>11</sup>, “odeio gordos q se acham fortes”, “odeio gordos que se acham”, “os gordos não sabem fazer nada”, “odeio gordos tarados”, “homis EMO são todos bicha”, “eu odeio emos são todos gays”, “eu odeio visitas de gays no *Orkut*”, “odeio mulher burra no trânsito”, e tantas outras. Não é permitido também, conteúdo de pornografia infantil ou imagens de nudez, bem como ameaças diretas de violência contra qualquer pessoa viva e materiais que violem as leis do que o site denomina de “mundo real”. O regulamento do *Orkut*, disponível no próprio site, salienta que o não cumprimento das regras estabelecidas implica suspensão parcial ou total da conta, além de encaminhamento da situação para as autoridades competentes, quando necessário. Informa ainda que qualquer usuário pode denunciar irregularidades pelo próprio *Orkut*, para que sejam averiguadas. Mesmo assim, as ocorrências que contradizem as normas são recorrentes, e antes que haja denúncia e as devidas providências sejam tomadas, ou seja, o cancelamento da conta, inúmeros usuários

---

<sup>10</sup> Dados atualizados em 26/07/2010. Após esse ano, as comunidades mencionadas deixaram de ser visitadas e os sujeitos ‘migraram’ para outros espaços mencionados ao longo da Tese.

tiveram acesso às informações disponibilizadas, podendo causar danos àqueles que são citados e/ou discriminados.

Em 2007, Camozzato concluiu a dissertação intitulada *Habitantes da cibercultura: corpos ‘gordos’ nos contemporâneos modos de produzir a si e aos ‘outros’*, que aborda as produções de si e as relações com o outro no espaço do *Orkut* a partir da análise de algumas comunidades específicas com conteúdo de discriminação às pessoas obesas. O estudo mostra o quando a escrita sobre si e, especialmente sobre o outro, marcado por sua imagem corporal fora de um padrão preestabelecido, produz dolorosos modos de sentir. A partir das narrativas expostas na internet, dá visibilidade às agressões sofridas pelas pessoas obesas.

Na mesma direção, a Revista Nova Escola de junho/julho de 2010 publicou a matéria “violência virtual”, que aborda o tema do *cyberbullying*, dando visibilidade às questões de violência no espaço virtual. Segundo a matéria, o *cyberbullying* é um problema crescente entre os jovens, pelo constante uso da tecnologia. O *cyberbullying* consiste no fenômeno do *bullying* - intimidação através de agressões físicas, morais ou materiais de forma repetida - ‘adaptado’ ao contexto do ciberespaço<sup>12</sup>. A matéria afirma que o *cyberbullying* se diferencia do *bullying* tradicional por permitir que as agressões se repitam, não apenas nos momentos de convívio presencial, mas o tempo todo, a qualquer momento, espalhando-se rapidamente e continuamente através da rede. Outro diferencial é a possibilidade do anonimato do agressor, a partir da utilização de dados falsos que impeçam sua identificação no mundo presencial. Dessa forma, o espaço virtual representa hoje, não apenas um lugar de encontros, busca de ‘amizades’ e troca de informações, mas também um meio reconfigurado que proporciona a intensificação de experiências da presencialidade.

As redes sociais constituem espaços de domínio público, no qual são compartilhadas e discutidas questões da vida privada. Espaços que estabelecem limites e restrições, embora o ‘controle’ das regras de utilização fique praticamente nas mãos, ou na ‘consciência’ dos próprios usuários. Propõem interatividade e oferecem tantas possibilidades quantas forem

---

11 Todas as comunidades mencionadas aqui foram acessadas no *Orkut* e estavam disponíveis em 05/06/2010, no início da pesquisa. Em 2013, algumas permaneciam ativas, outras tinham sido excluídas.

12 Ciberespaço é uma expressão propagada pelo escritor estadunidense William Gibson em 1984 no seu livro *Neuromante*. Segundo Rocha (2005), refere-se à “grande variedade de recursos de informação disponíveis nas redes virtuais acessíveis através da internet” (p.20). Posteriormente Pierre Levy tece seu próprio conceito passando a chamar o ciberespaço de ‘rede’.

necessárias para a ‘satisfação instantânea’. Apresentam publicamente as ‘identidades’ do usuário, aquelas que gostaria de ter, ou aquelas que pensa que deveria assumir diante de seu grupo.

As redes sociais parecem produtos bastante adequados ao desejo dos jovens consumidores. De acordo com Sarlo (2000):

Consumidores efetivos ou consumidores imaginários, os jovens encontram no mercado de mercadorias e bens simbólicos um depósito de objetos e discursos fast preparados especialmente. A velocidade de circulação e, portanto, a obsolescência acelerada se combinam numa alegoria de juventude: no mercado, as mercadorias devem ser novas, devem ter o estilo da moda, devem captar as mudanças mais insignificantes do ar dos tempos. A renovação incessante necessária ao mercado capitalista captura o mito da novidade permanente que também impulsiona a juventude. Nunca as necessidades do mercado estiveram afinadas tão precisamente ao imaginário de seus consumidores (p.41).

Num ritmo frenético de renovação, alimentados pelos próprios usuários, os perfis das redes sociais se mantêm permanentemente atualizados e estão em constante adequação, atentos às demandas que surgem ou poderão vir a surgir. Seja para conferir as últimas fotos divulgadas, a mensagem do perfil que costuma ser alterada segundo o ‘momento vivido’, os depoimentos que foram aceitos, os recados antes que sejam apagados, os ‘amigos’ adicionados, os novos membros e comentários das comunidades, enfim, ‘motivos’ não faltam para manter-se conectado.

Segundo Recuero (2009), “o fato da internet permitir que os laços sociais sejam mantidos de forma independente da conversação e da interação, ou seja, conectando as pessoas e mantendo-as conectadas é um dos mais importantes fatores de impacto do que chamamos rede social na internet” (p.1). Mesmo sem manifestar-se ou interagir com outros sujeitos, através da rede é possível estar atualizado em relação aos acontecimentos do grupo e às modificações que cada um possa ter realizado no seu perfil.

Muitas são as pesquisas já realizadas no meio acadêmico sobre as relações no espaço virtual ou que se relacionam de alguma forma com o tema aqui proposto outras tantas estão em andamento, trazendo importantes contribuições para se pensar o sujeito contemporâneo a partir de seus deslocamentos no espaço virtual. Destaco aqui alguns estudos de mestrado que percorri no meu aprofundamento acerca do tema, como “Imagem e identidade no ciberespaço: a significação social dos perfis do Orkut” (SILVA, 2008.

Semiótica, PUC/SP), que investiga a significação social dos perfis do Orkut no que se refere à construção da identidade virtual, “Comportamentos e valores da pós-modernidade nas comunidades do Orkut” (PITHAN, 2006. Comunicação social, PUC/RS), que propõe uma reflexão sobre a efemeridade, a fragmentação, a superficialidade e o tribalismo enquanto aspectos da cultura pós-moderna, “Felicidade no ciberespaço: um estudo com jovens usuários de comunidades virtuais” (GONDIM, 2007. Psicologia, UFC/SP), que aborda as significações dadas à felicidade pelos jovens no ciberespaço, e “Orkut: o público, o privado e o íntimo na era das novas tecnologias da informação” (THIBES, 2008. Psicologia, USP/SP), que analisa como se configuram novas vivências em torno do privado, do público e do íntimo. Tais estudos trabalham com diferentes conceitos, como identidades virtuais, pós-modernidade, felicidade, público e privado, que pretendo desenvolver de forma articulada, sob a perspectiva dos estudos culturais construindo um referencial teórico que subsidie a compreensão das novas ou outras sensibilidades às quais me refiro.

Cito ainda os estudos de doutorado intitulados “Processo de tomada de decisão no ciberespaço: o papel das redes sociais no jogo das escolhas individuais” (KAUFMAN, 2010. Comunicação e semiótica, PUC/SP), que a partir de referenciais foucaultianos analisa a influência do coletivo no posicionamento individual explorando as mudanças engendradas pelo advento da internet nesse sentido, e “Participação e vigilância nos sites de rede social: um estudo do *Facebook.com*” (NASCIMENTO, 2009. Comunicação, UFRJ), que analisa em que medida a publicação, acesso e uso das informações disponibilizadas através dos sites de redes sociais podem estar associados ao fenômeno da vigilância. Os estudos citados, embora situados em outras perspectivas teóricas que não a dos Estudos Culturais, contribuíram para suscitar reflexões acerca dos processos de subjetivação que podem ocorrer no espaço virtual e sobre mecanismos de controle que se desenvolvem a partir daí. Analisar as práticas de compartilhamento da privacidade no espaço virtual envolve considerar tais mecanismos e processos.

Vale destacar também a contribuição da tese de Rosângela Soares (2005) intitulada *Namoro MTV: juventude e pedagogias amorosas/sexuais no Fica Comigo*, que analisa como se constitui uma pedagogia amorosa/sexual para jovens no programa Fica Comigo, da emissora MTV a partir de questionamentos como: O que constitui a conquista

amorosa/sexual? Que atitudes são estimuladas ou desprezadas como ideais para os jovens? O que é repetido das práticas amorosas tradicionais e como isso se expressa no contexto da mídia? O que o programa pode sugerir sobre práticas amorosas/sexuais na contemporaneidade? Pensar em novas ou outras sensibilidades nas relações de afeto entre sujeitos jovens sejam estas de amizade ou amorosas, implica em percorrer tais questionamentos, considerando o contexto do espaço virtual.

Mas por que realizar este estudo a partir do *Orkut*, e não de outros sites de relacionamento? O fato do *Orkut* ter sido o site mais utilizado no Brasil no período do início deste estudo, é um dado quantitativo, que poderia ser mudado a qualquer momento, conforme novas opções estivessem disponíveis fossem conquistando usuários. Já nesse período, era observado um crescimento substancial no número de usuários brasileiros em sites de relacionamento concorrentes, como o *Facebook*, por exemplo, a partir dos investimentos feitos no sentido de oferecer mais variedade e qualidade de aplicativos a serem utilizados. A migração dos amigos do *Orkut* para outros sites seria apenas uma questão de tempo.

Minha escolha pelo *Orkut* está fundamentada no fato de que durante quase todo o período da realização dessa pesquisa, esse espaço foi o principal ponto de encontro virtual dos jovens que analisei. A partir de 2011, o *Facebook* também passou a ser bastante utilizado pelos mesmos jovens, sendo que alguns continuam mantendo regularmente atualizados os dois perfis – do *Orkut* e do *Facebook* – já outros migraram para o *Facebook* abandonando ou mesmo deletando o perfil do *Orkut*. Pensando em termos metodológicos, avalio que encontrei nas postagens dos jovens no *Orkut* importantes materiais de análise, que expressam significativamente as sensibilidades reconfiguradas sobre as quais desenvolvi o estudo proposto. Os textos escolhidos para a página de abertura do perfil e constantemente atualizados, que tentam traduzir determinadas identidades em determinados momentos, os álbuns de fotografia que narram, através de imagens, as vivências presenciais, compartilham e (re)constróem neste espaço a memória de cada um, os depoimentos deixados pelos amigos, que atrelados a outros ratificam ou retificam certas pistas identitárias construídas pelo sujeito do perfil, as comunidades às quais o perfil está vinculado, expressando pertencimentos e posições de sujeito, foram algumas possibilidades de análise que se apresentaram no espaço do *Orkut*.

Certamente outros sites de relacionamento contêm materiais semelhantes, que expressam as referidas sensibilidades, pois os conceitos abordados neste estudo não se restringem a um espaço determinado, delimitado por fronteiras estáveis, mas sim ao espaço dinâmico, amplo e complexo das redes sociais. Por questões de tempo e foco, não seria possível explorar todas as possibilidades e escolhas se tornaram inevitáveis. Nesse sentido optei pelas práticas expressas no *Orkut* como objeto de estudo, procurando fazer permanentes relações com outros sites, no sentido de compreender se as questões abordadas eram específicas do *Orkut* ou configuravam sensibilidades recorrentes no uso dessas ferramentas, de modo mais amplo. Mantive meu olhar voltado às práticas do Orkut que representam características das redes sociais de forma mais ampla.

### 1.3 A GALERA NA REDE: APRESENTANDO OS SUJEITOS DA PESQUISA

As redes sociais são utilizadas por sujeitos de diferentes sexos, idades, ou classes sociais. Os usuários atribuem, conforme seus interesses e necessidades, diferentes usos para os sites, como por exemplo, postar mensagens, poemas, fotografias, músicas ou vídeos, participar de comunidades, acessar jogos, etc. Nesse sentido, ao propor o estudo das práticas de compartilhamento da vida privada no *Orkut*, reconheço que estas poderiam ser estudadas a partir de qualquer outro grupo, independente de serem jovens ou ‘não jovens’. No entanto, escolhi olhar para estas práticas a partir dos sujeitos-jovens por, pelo menos, dois motivos que me tocam, me desafiam e me orientam nessa direção.

O primeiro motivo está relacionado à minha atuação como educadora - onde escuto frequentemente as queixas dos pais e professores sobre modos de ser jovem que não são compreendidos - e às inquietações que surgiram durante a construção e especialmente na fase de conclusão da minha dissertação de Mestrado<sup>13</sup>, em 2007, à qual denominei *Pedagogia do Kzuka: um estudo sobre a produção de identidades jovens na mídia*. Ao realizar o estudo acerca das representações de juventude e da construção de identidades a partir dessas representações, fui interpelada pelo desejo de seguir a trilha já iniciada e

---

<sup>13</sup> Curso realizado pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil, orientado pelo Prof. Dr. Luís Henrique Sommer na Linha de Pesquisa de Estudos Culturais e Educação.

aprofundar questões referentes aos relacionamentos afetivos entre estes jovens e destes com o mundo ou, porque não dizer os mundos dos quais fazem parte. Buscando percorrer outros caminhos, iniciei os estudos de doutorado na UFRGS e passei a fazer parte do grupo e pesquisa sobre culturas juvenis contemporâneas coordenado pela prof<sup>a</sup> Elisabete Maria Garbin. Assim, o recorte que faço nesta tese direcionando o olhar para os sujeitos-jovens, faz parte do Projeto intitulado *Culturas juvenis em Porto Alegre: cenários de múltiplos (des)ordenamentos*<sup>14</sup>, o qual tem por objetivo cartografar, por determinado período, tribos juvenis urbanas em diversos espaços públicos da cidade e abarca os demais estudos realizados pelo grupo nesta direção, sobre diferentes temáticas.

O segundo motivo refere-se à própria proposta de estudar as práticas de compartilhamento da vida privada no espaço virtual. Neste sentido, julguei importante trabalhar com sujeitos que, pela faixa etária de 18 a 22 anos, nasceram num momento em que a internet já fazia parte da vida das pessoas com certa intensidade, ou seja, sujeitos da chamada *geração @*<sup>15</sup> e não apenas familiarizados com a tecnologia. O excerto a seguir, extraído do diário de campo, retrata um pouco das características dessa *geração*:

#### **Observando Laurinha – máquina de escrever**

Laurinha (8 anos) estava impressionada com tal máquina. Nunca havia visto uma igual! Perguntou para a mãe: O que é isso? A mãe respondeu: Uma máquina de escrever. Ela se interessou: Legal! Como funciona? Após algumas explicações da mãe, começou a escrever na máquina. Mais questões: Onde muda a cor da letra? Como faço para inserir figuras? Humm, errei...em qual tecla apago? A mãe, que ria a cada nova pergunta, disse: Não tem como apagar, o jeito é trocar a folha e recomeçar tudo de novo! (Excerto do Diário de Campo, junho de 2011)

Afirmações, coisas que parecem óbvias para quem nasceu com avançados recursos tecnológicos à disposição podem causar risos àqueles que viveram no tempo da máquina de escrever, do disco de vinil ou da fita cassete. Descartar uma folha inteira escrita por causa de um erro no final que não pode ser apagado é absurdo aos olhos de quem utiliza a tecla *backspace* (disponível no teclado dos computadores para apagar o que foi escrito) e

---

14 Projeto que abarca estudos e pesquisas desenvolvidos pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Juventudes Contemporâneas (GEPJUC), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010, coordenado pela professora Elisabete Maria Garbin.

15 O termo *geração @*, refere-se aos jovens também conhecidos como *geração Z*, que nasceram num momento em que as tecnologias digitais de comunicação já estavam bastante desenvolvidas, fazendo parte, desde sempre, das suas práticas culturais o livre acesso à informação e a inserção na sociedade globalizada.



conserta o texto num piscar de olhos. Recortar e colar não significa no contexto contemporâneo usar tesoura e cola, refazer tudo desde o princípio é tarefa desnecessária. Com o recurso do computador, tudo pode ser consertado, aproveitado, aprimorado ou modificado a qualquer tempo.

Segundo Feixa (2000), o consumo cultural tem cada vez mais lugar num espaço global, que graças a emergência da sociedade digital facilita a aparição de novas microculturas juvenis que transitam da tribo à rede. O autor afirma que

O termo *geração @* pode servir para expressar três tendências de mudança que intervém nesse processo: em primeiro lugar, o acesso universal – ainda que necessariamente geral – às novas tecnologias da informação e da comunicação; em segundo lugar, a erosão das fronteiras tradicionais entre os sexos e os gêneros; em terceiro lugar, o processo de globalização cultural (Feixa, 2000, p.77).

Embora o uso das ferramentas da internet esteja cada vez mais acessível, o domínio das tecnologias, característica marcante da *geração @*, facilita a utilização de todas as possibilidades oferecidas pelas redes sociais e inclusive a criação de novas alternativas a partir delas, como por exemplo, mecanismos de manutenção ou invasão da privacidade que não estão previstos pelos sites. Além disso, os jovens, de um modo geral, costumam ser bastante expressivos em relação aos sentimentos e já têm as práticas de compartilhamento da vida privada como algo naturalizado. Como sugere Pais (2006), uma das possibilidades de olhar as culturas juvenis é por meio de suas expressividades. Assim, para analisar a possibilidade de estarem sendo produzidas outras sensibilidades nas suas relações afetivas, contei com a expressividade dos sujeitos-jovens no espaço do *Orkut*.

É importante salientar que, ao referir-me ao termo jovens, não estou associando essa condição apenas à faixa etária. Sem dúvida, nem todas as idades estão inseridas no que se pode chamar de juventude. Segundo Lloret (1998)

Mais do que ter uma idade, pertencemos a uma idade. Os anos nos têm e nos fazem com que sejamos crianças, jovens, adultos, ou velhos. E isto, apesar da relativa flutuação das fronteiras culturais, legislativas ou administrativas, nos situa uns e outros em grupos socialmente definidos (p.15).

No entanto, não há como definir precisamente o momento em que a criança passa a ser jovem ou este deixa de sê-lo, utilizando como referência exclusiva o critério de idade. A

condição de juventude é assumida pelos sujeitos de variadas formas a partir da composição de diferentes aspectos como as particularidades da vida de cada um, fatores históricos, sociais e culturais num processo gradativo que borra tais fronteiras. Valenzuela (1998) afirma que a juventude é um conceito vazio de conteúdo se não for pensado a partir do contexto histórico e social. Para pensar nas características dos jovens é preciso considerar o campo de inter-relações destes sujeitos e as variações que a condição de 'ser jovem' tem sofrido ao longo dos tempos.

Feixa (2000) propõe interpretar os mecanismos utilizados em diferentes lugares e momentos históricos para medir o início da vida adulta a partir da metáfora do relógio. Considerando o relógio como um marcador de fronteiras sociais de passagem para a fase adulta, apresenta a metáfora considerando três relógios - de areia, analógico e digital - sendo o primeiro baseado em uma concepção cíclica do tempo, dominante nas sociedades pré-industriais, o segundo em uma concepção linear ou progressiva do tempo, dominante nas sociedades industriais e o terceiro numa concepção virtual ou relativa do tempo, emergente na sociedade pós-industrial.

O autor entende, ao relacionar os relógios com as diferentes formas de construção de identidades, que o relógio de areia pode representar a roda das gerações na qual cada geração repete o comportamento da anterior sucessivamente num mecanismo quase biológico de reprodução social. O relógio mecânico fez do tempo algo abstrato e autônomo, liberando-o de suas relações com os ritmos da natureza, podendo ser comparado à idéia de juventude como uma nova categoria etária artificialmente inventada com tendência à autonomia e criação de um mundo próprio. O relógio digital, com medidas de tempo muito mais precisas que permitem programar constantemente duração e ritmo das atividades produz uma espécie de tempo virtual, cuja realidade depende do âmbito em que é produzido. Assim, representa um símbolo emblemático da civilização pós-industrial ou pós-moderna, na qual são os pais que começam a aprender com os filhos, constituindo novas relações de autoridade e deslocando as fases e condições que definem o ciclo vital e suprimindo a maior parte dos ritos de passagem que as dividem.

De acordo com Feixa (2000), as estruturas de autoridade entram em colapso, as idades se convertem em referenciais simbólicos e mutantes, sujeitos a permanentes

reconfigurações. Ao desaparecerem marcos históricos que representavam fronteiras de passagem entre identidades geracionais, houve uma “destemporalização”, criando espécies de “não tempos”, autênticos “limbos sociais” que podem levar a parte alguma. Com a emergência do espaço global e do ciberespaço, os territórios se “desespacializaram” e a influência do meio geográfico, que estabelecia condições sociais estruturais dá lugar às redes que se interconectam configurando os hábitos cambiantes de seus atores. “Trata-se de uma visão virtual da idade, que fomenta o nomadismo social, ou seja, o constante trânsito e intercâmbio dos valores e status geracionais” (Feixa, 2000, p. 87)

Do ponto de vista sociológico, Margulis e Urresti (1998) ressaltam que, apenas recentemente, a partir dos séculos XVIII e XIX, a juventude começa a ser diferenciada na sociedade ocidental como uma etapa de vida. Constitui-se assim, um período de moratória social, termo cunhado por Erik Erikson (1976) e atualizado pelos autores, para definir o período intermediário entre a maturidade física e a maturidade social. Essa etapa seria um privilégio concedido pela sociedade para que os jovens tivessem tempo de dedicar-se aos estudos e estruturar-se, tanto emocional como economicamente, para assumir responsabilidades futuras como inserção no mercado de trabalho, casamento, maternidade ou paternidade, dentre outras. Nesse sentido, a condição social de juventude não se oferece da mesma forma a todos. Em famílias com melhores condições econômicas, a moratória pode ser facilmente concedida e até mesmo postergada por tempo indeterminado, enquanto em famílias com dificuldades econômicas este privilégio torna-se bastante restrito, ou mesmo impossível.

Para complementar a idéia de moratória social, Margulis e Urresti (1998) trazem a idéia de moratória vital entendendo que “não é porque basear-se no corpo como a manifestação primeira e mais evidente da juventude seja reducionista que a idade não deva ser levada em conta para se pensar a juventude como categoria social” (p.10). Embora alguns jovens não possam desfrutar da moratória social, continuam sendo considerados jovens. Assim, os autores esclarecem que jovens são todos aqueles que gozam de um “plus de tempo, um excedente temporal, que é consideravelmente maior que das gerações anteriores coexistentes” (p.10).

Agregando os conceitos de moratória social e moratória vital, Margulis e Urresti (1992) apresentam o que denominam “facticidade”, ou seja,

Um modo particular de estar no mundo, de encontrar-se inserido na sua temporalidade, de experimentar distâncias e durações. A condição etária não refere-se somente a fenômenos de ordem biológica vinculados com a idade: saúde, energia, etc. Também refere-se a fenômenos culturais articulados com a idade. Da idade como categoria estatística ou vinculada com a biologia, passamos à idade processada pela história e pela cultura: o tema das gerações. (MARGULIS e URRESTI, p.3)

Restringir-se à idade para distinguir jovens de não jovens consiste, sem dúvida, numa percepção reducionista. Por outro lado, analisar questões etárias relacionadas à práticas culturais, consiste numa articulação interessante e produtiva. O fenômeno da moratória social, por exemplo, não atinge a todos os jovens, assim como ocorre de diferentes jovens entre aqueles que têm o privilégio de desfrutá-la. A facticidade, num sentido bem mais amplo, refere-se à questão geracional, incluindo não somente marcadores etários, mas também fenômenos culturais que ocorrem neste período de vida.

Conforme Caligaris (2000), o jovem é um “sujeito capaz, instruído e treinado por mil caminhos – pela escola, pelos pais, pela mídia – para adotar os ideais da comunidade” (p.15) e a moratória consiste em ter seu reconhecimento como adulto postergado. Ocorre que, cada vez mais, está difícil definir o que é necessário para ser reconhecido como adulto. Se para tornar-se adulto é preciso ter independência financeira, constituir família, ter concluído os estudos, dentre outras coisas, como podemos interpretar a condição das pessoas que com idade bastante avançada ainda não preenchem, ou talvez nunca preencham estes requisitos?

Os critérios para reconhecimento como adulto não são os mesmos para todos os jovens. Podemos pensar que em nossa cultura, a independência financeira, por exemplo, tem um peso diferente para homens e mulheres, sendo os homens mais exigidos neste aspecto. Já em relação ao casamento, as mulheres parecem ser mais cobradas do que os homens, dentre os quais proliferam orgulhosos solteirões. A conquista do diploma universitário consiste praticamente numa obrigação para os jovens com melhores condições econômicas, mesmo que não façam uso dele, enquanto para outros jovens, de classes populares, essa não é uma exigência tão significativa. Ao associarmos gênero, condição

socioeconômica e juventude, podemos perceber que há diferentes articulações de sentido para as questões que envolvem a delimitação de fronteiras entre a juventude e a vida adulta, assim como poderíamos perceber muitas outras para a delimitação da passagem da infância para a juventude.

Aliada à idéia da moratória social como um período de ensaios e erros naturais, foi se constituindo a partir dos anos 60, segundo Dayrell (2003), uma noção de juventude romantizada como um tempo de liberdade, prazer, expressão de comportamentos estranhos ou extravagantes. Essa noção foi e ainda é referência para muitas representações de juventude na mídia, especialmente nas questões vinculadas ao consumo endereçado aos sujeitos-jovens. A comunidade do *Orkut* denominada “quero ser jovem para sempre”, que conta atualmente com 4.958 membros, traduz essa idéia a partir da enquete que pergunta: “Qual o maior motivo para vc querer ser jovem pra sempre?”

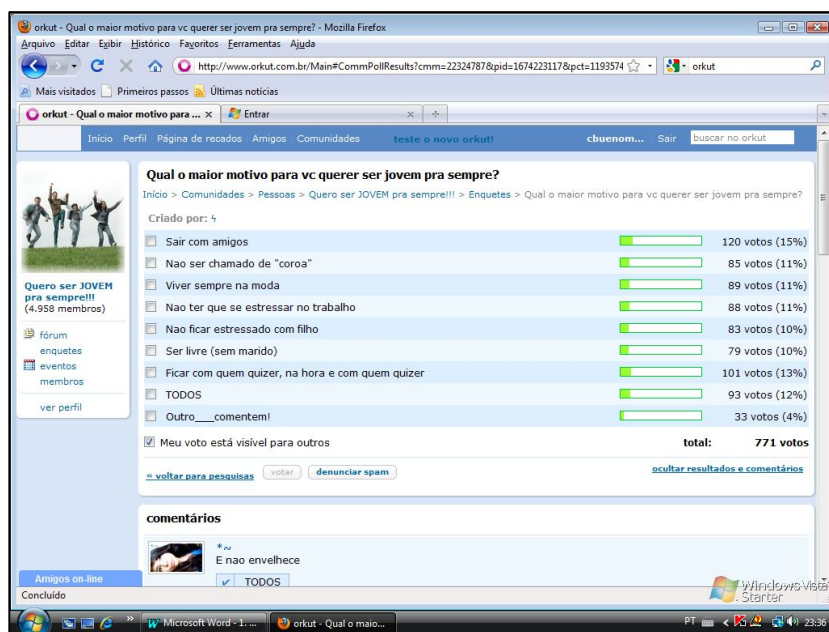


Figura 3 – Página da enquete da comunidade do *Orkut* “Quero ser jovem para sempre”

As respostas representam a juventude como festiva (sair com os amigos), livre (ser livre – sem marido, ficar com quem quiser, na hora que quiser), privilegiada pela moratória social (não ter que se estressar no trabalho, não ficar estressado com filho) e beneficiada pela aparência jovem (não ser chamado de coroa, viver sempre na moda). Por outro lado, se observarmos no nosso cotidiano podemos perceber que também são recorrentes,

especialmente na mídia, as representações de juventude associadas à características negativas como violência, ociosidade, indisciplina, rebeldia, etc.

Desse modo, é importante considerarmos que a juventude, assim como tantas outras categorias nas quais os sujeitos são encaixados, é uma construção social. Islas (1998), afirma que

Existem alguns acordos em torno da juventude, como o de que está imersa num processo histórico que vai moldando até nossos dias, onde a emergência dos jovens como agentes sociais pode-se sintetizar como a história de uma representação social, que vai se formando na relação de duas forças: a do controle, exercida pelas instituições de poder adultas e a de resistência, elaborada pelas novas gerações (ISLAS, 1998, p.29).

Nesse sentido, juventude é uma criação que envolve o que a sociedade espera do jovem e o quanto este jovem aproxima-se das expectativas do adulto. Algumas expectativas são atendidas, outras contestadas, formando diferentes maneiras de ‘ser jovem’ ou de estar jovem. Segundo Garbin (2006), ser jovem na contemporaneidade, “é dizer que se é dono de uma identidade juvenil, ou seja, é ‘assumir’ uma prática cultural e social” (p.201). A autora refere que as culturas juvenis devem ser compreendidas como “comunidades de estilos atravessadas por identidades de pertencimento” (p.201). Podemos compreender então, que o caráter fluido e cambiante das identidades, que desloca os sujeitos de uma comunidade a outra conforme momentos de pertencimento, bem como as variações da condição de juventude a partir das questões de gênero, históricas, econômicas e sociais, nos remetem à idéia de juventudes no plural.

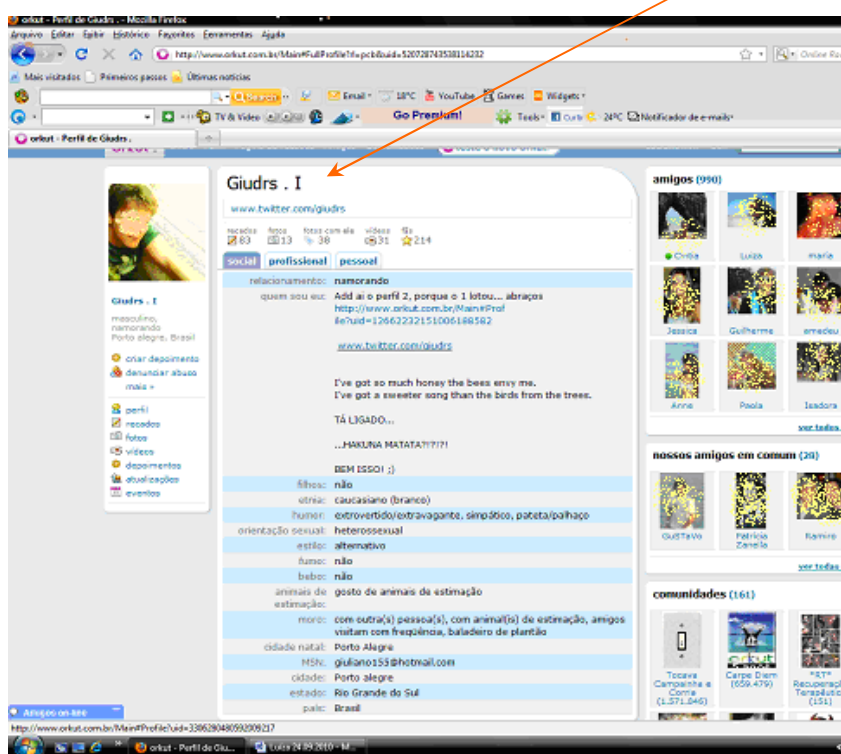
Os sujeitos-jovens que acompanhei nesta pesquisa são estudantes de instituições de ensino da rede privada de Porto Alegre – ou estavam nessa condição na época em que passaram a fazer parte do estudo – que em suas narrativas comumente relatam sua participação em eventos e viagens de custo elevado, o que me leva a crer que são oriundos de classes economicamente privilegiadas e, conseqüentemente, portadores de uma prolongada moratória social.

As relações entre a maioria destes jovens tiveram início no cotidiano escolar e não no ambiente virtual, por outras afinidades que ocasionalmente reúnem sujeitos na internet, como gostos musicais, estilos de vestir, comportamentos, preferências, etc. Posteriormente

a rede de relacionamentos estendeu-se para o espaço virtual, reproduzindo, complementando e ampliando as relações presenciais.

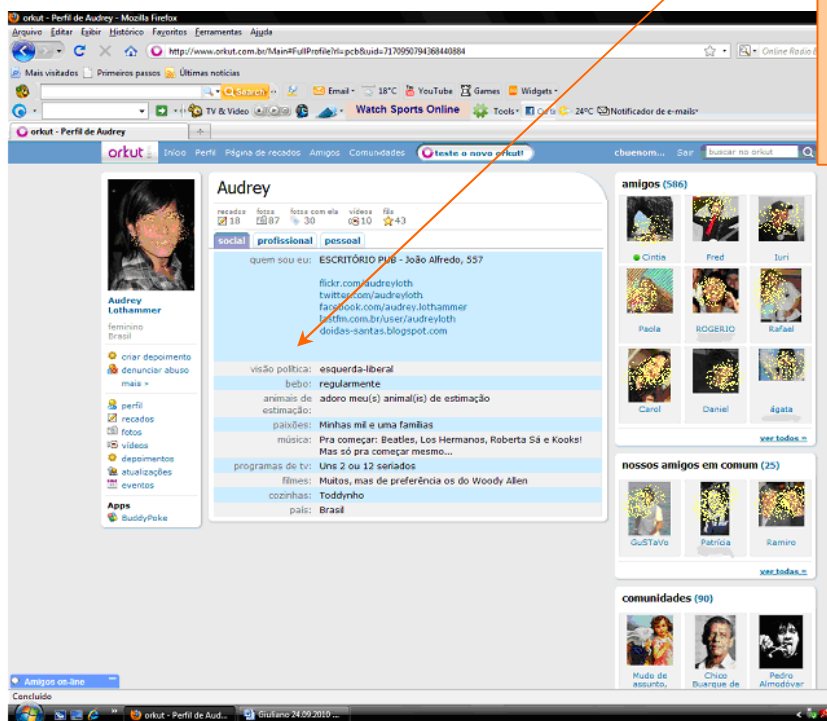
De um grupo inicial de vinte e sete jovens que adicionei ao meu perfil de *Orkut*, selecionei dez sobre os quais foquei as análises. A escolha foi baseada na facilidade de acesso ao consentimento informado destes jovens em relação à pesquisa. Conforme obtive retorno, fui formando o grupo que acompanharia mais atentamente no espaço virtual.

A seguir, apresento respectivamente os jovens Giudrs.I, Audrey, Frederico, Gianluca, Luísa, Lana, Marcinho, Bernardo, Júlia e Rodrigo na forma como se narram no espaço do *Orkut* de acordo com consulta atualizada em 22 de setembro de 2010. Esclareço que os nomes utilizados são as identificações fictícias escolhidas pelos jovens para exposição na internet, das quais excluí apenas os sobrenomes por motivos éticos. Saliento ainda pelos mesmos motivos, que o rosto dos jovens nas fotografias em que poderiam ser identificados foram ‘borrados’.



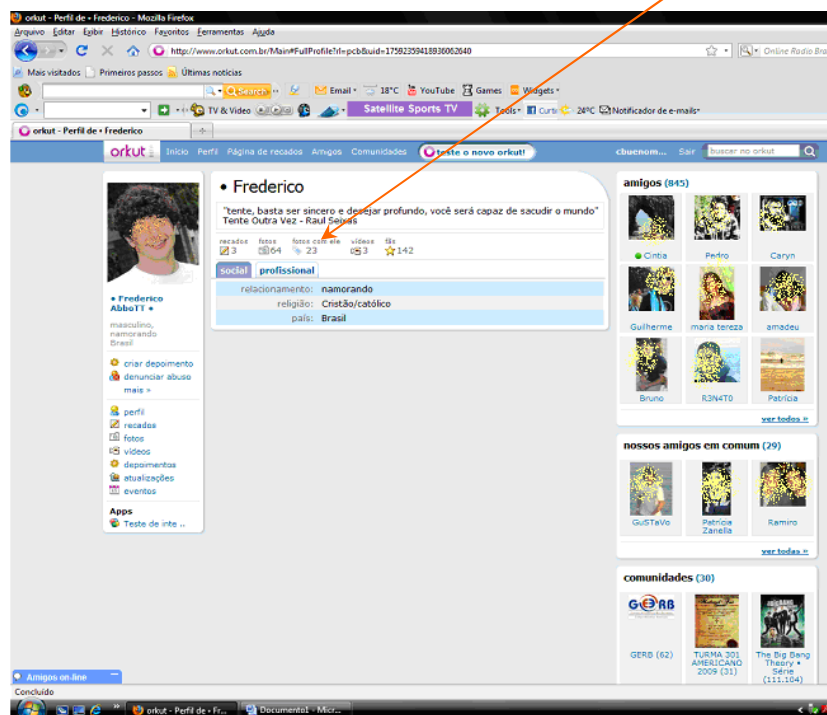
**Giudrs.I:** 990 amigos, participa de 161 comunidades, heterossexual, 'estilo alternativo'.

Figura 4 – Perfil do *Orkut* do jovem Giudrs I



**Audrey:** 554 amigos, participa de 88 comunidades, visão política de 'esquerda liberal'...

Figura 5 – Perfil do Orkut da jovem Audrey



**Frederico:** 845 amigos, participa de 30 comunidades, católico, namorando...

Figura 6 – Perfil do Orkut do jovem Frederico



**Gianluca**  
midnight rush with a pen in my hand.

recados: 9.239 | fotos: 79 | fotos com ele: 25 | vídeos: 15 | fãs: 142

social | profissional | pessoal

idiomas que fala: Português (Brasil), Inglês (EUA), Inglês (Reino Unido)

quem sou eu: don't be sad when the sun goes down  
you wake up and i'm not around  
i've got to go

we'll still have the summer after all

cidade: Porto Alegre  
estado: BC  
código postal/CEP: Jura  
país: Brasil

**amigos (791)**

**nosso amigos em comum (23)**

**comunidades (597)**

**Gianluca: 791 amigos, participa de 597 comunidades, fala inglês...**

Figura 7 – Perfil do Orkut do jovem Gianluca

**Luisa**

recados: 1 | fotos: 50 | fotos com ela: 5 | vídeos: 1 | fãs: 144

social | profissional

interessas no orkut: amigos

quem sou eu: "O perfume é a expressão da flor, o pensamento é o perfume do espírito" J.M.M.

países: M  
país: África do Sul

**amigos (892)**

**nosso amigos em comum (21)**

**comunidades (20)**

**Luisa**

Figura 8 – Perfil do Orkut da jovem Luisa

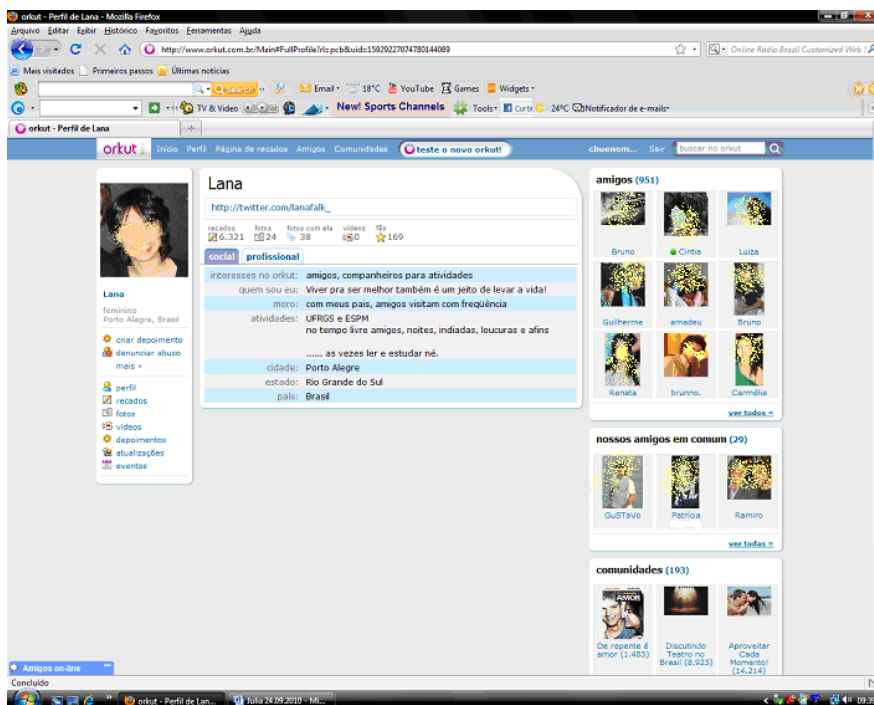


Figura 9 – Perfil do Orkut da jovem Lana

Marcinho: 986 amigos, participa de 320 comunidades, apaixonado pela língua espanhola...

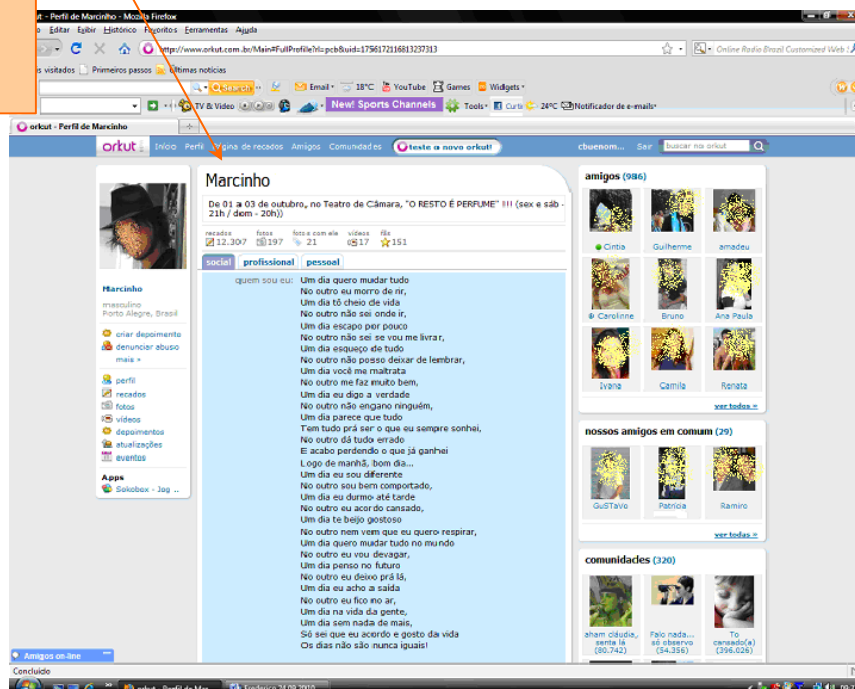


Figura 10 – Perfil do Orkut do jovem Marcinho

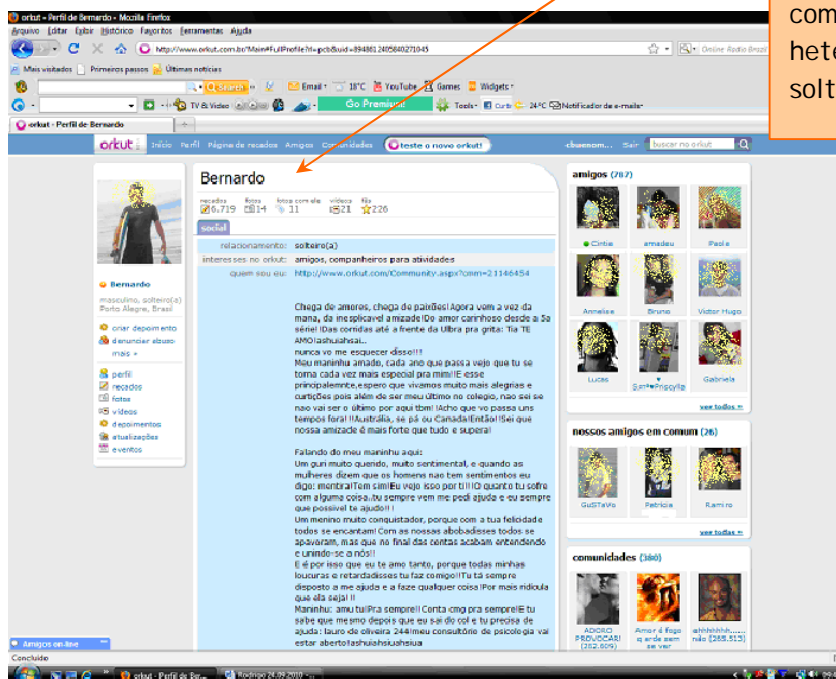


Figura 11 – Perfil do Orkut do jovem Bernardo

Júlia: 571 amigos,  
participa de 144  
comunidades,  
namorando...

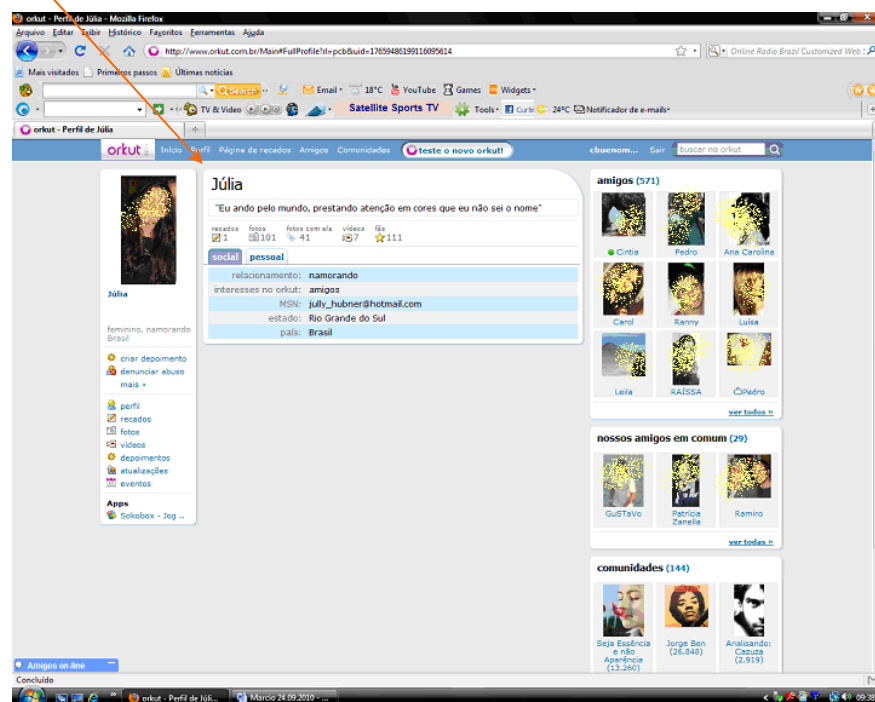


Figura 12 – Perfil do Orkut da jovem Júlia

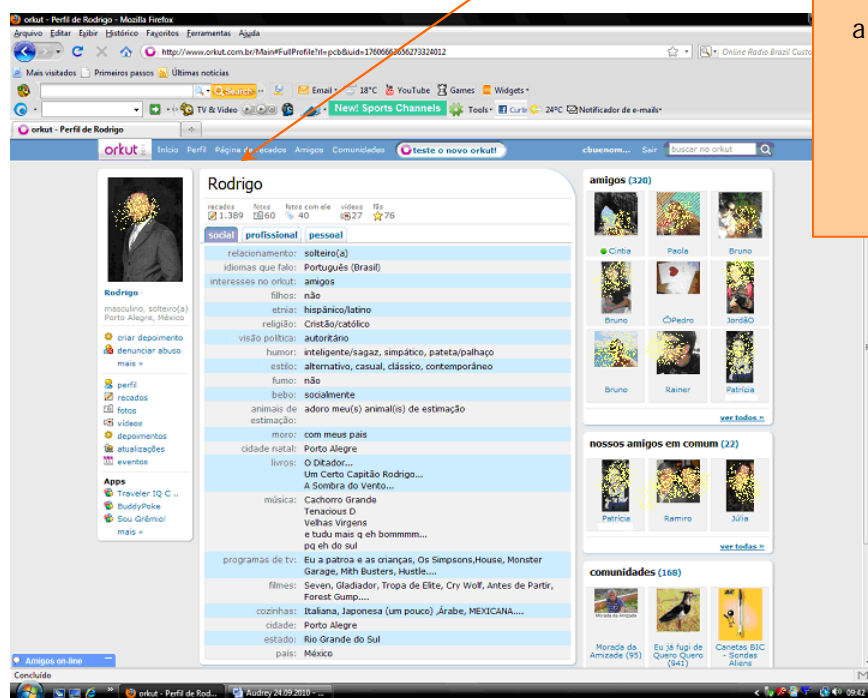


Figura 13 – Perfil do Orkut do jovem Rodrigo

Não poderia deixar de incluir aqui a apresentação da jovem Aninha, que representa neste estudo uma espécie de ‘peça chave’, motivo de inspiração dos primeiros passos e que, a exemplo daquelas personagens de telenovela, criadas para ocuparem papéis coadjuvantes, mas que vão ao longo da trama crescendo em sua atuação, tornando-se protagonistas, passou a dar constantes pistas quanto a rumos possíveis. Como um fio de alinhavo, ora perceptível, ora invisível, chamou minha atenção pelas suas ações e de alguma forma foi guiando meus passos e meu olhar de pesquisadora.

Os perfis do Orkut vão sendo atualizados e reelaborados constantemente, representando o material aqui apresentado apenas um *flash* deste dado momento narrado por estes ‘sujeitos-jovens-mutantes’. Ao concluir a escrita dessa seção, verifiquei que alguns deles já apresentavam mudanças, mas de certo modo conformada com a impossibilidade de adequar a escrita à dinâmica do espaço virtual, atenho-me a dizer que o *flash* ficou registrado nestas páginas e talvez ainda na memória de cada um.

## 2 DA ETNOGRAFIA À NETNOGRAFIA: caminhos metodológicos

### 2.1. O CAMPO DE ESTUDOS

Os Estudos Culturais consistem num Campo de teorização e investigação que se originou na fundação do *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), na Universidade de Birmingham, Inglaterra, em 1964. A orientação do *Centre* desenvolveu-se inicialmente como reação à concepção tradicional elitista de cultura, formulando um novo sentido para os estudos nessa área. Após essa fase embrionária, os Estudos Culturais passaram a ter abundante produção, passando no início dos anos 80 para uma fase de consolidação e posteriormente de internacionalização, que se estende até os dias de hoje.

Hall (1980) aponta, nesta direção, três deslocamentos importantes para a compreensão da perspectiva teórica dos Estudos Culturais: o primeiro refere-se à reformulação do conceito de cultura; o segundo trata da relação do cultural com o econômico, político e instâncias ideológicas; o terceiro diz respeito ao conceito de ideologia, enquanto “provedora de estruturas de entendimento através das quais os homens interpretam, dão sentido, experienciam e ‘vivem’ as condições materiais nas quais eles próprios se encontram” (p.32). Os Estudos Culturais têm como principal eixo de pesquisa as relações entre a cultura contemporânea e a sociedade, isto é, suas formas culturais, instituições e práticas culturais, assim como, suas relações com a sociedade e mudanças sociais.

Escosteguy (1998) afirma que os Estudos Culturais, aproximando-se do campo das práticas sociais e dos processos históricos, preocuparam-se, num primeiro momento, com os produtos da cultura popular e da cultura de massa. Mais tarde, do ponto de vista metodológico, a ênfase recaiu sobre a pesquisa qualitativa. Nessa perspectiva, a autora salienta que a escolha predominante pela pesquisa de cunho etnográfico “deve-se ao fato de que o interesse incide nos valores e sentidos vividos. O estudo etnográfico acentua a importância nos modos pelos quais os atores sociais definem por eles próprios as condições em que vivem” (p.90). Trata-se de uma forma de dar voz aos sujeitos para que contem, a seu modo, suas histórias. Desse modo, a pesquisa vai bem além dos fatos relatados,

traduzindo também sentimentos e sentidos atribuídos às práticas estudadas. Uma verdadeira teia vai sendo tecida pelo pesquisador, com o protagonismo dos sujeitos e através da interface com o que estiver metodologicamente ao seu alcance, construindo uma espécie de *bricolage*.

Costa (2000), arriscando uma forma que lhe pareceu adequada para referir-se ao *ethos* contingente dos Estudos Culturais contemporâneos, descreve-os como “saberes nômades, que migram de uma disciplina para outra, de uma cultura para outra, que percorrem países, grupos, práticas, tradições, e que não são capturados pelas cartografias consagradas que têm ordenado a produção do pensamento humano” (p.13). Neste movimento caracterizado pelo trânsito entre diferentes metodologias, áreas e saberes, as possibilidades são múltiplas e as escolhas sempre difíceis. A sintonia entre tema, sujeitos e conceitos orientam o pesquisador num terreno árido, dinâmico, fluído, mas por tudo, igualmente desafiador e encantador.

## 2.2. AS ESCOLHAS

Há muitos caminhos possíveis para se chegar aos lugares desejados. No entanto, ao escolher um caminho, optamos pelos benefícios que essa escolha nos traz, arcando com o ônus de abrir mão de outros. Além disso, nos expomos ao novo, pois nenhum caminho é totalmente conhecido, mesmo após ter sido percorrido e experimentado. Refiro-me aqui à experiência que nos perpassa, nos toca, nos afeta e, sobretudo, que nos ameaça (LAROSSA, 2002). Pesquisar juventudes no espaço virtual é uma tarefa desafiadora e muito instigante. Frente às inúmeras possibilidades que se apresentam neste contexto, no qual o novo é uma constante, torna-se necessário arriscar-se, repensar o que nos é conhecido e buscar ferramentas que auxiliem a trilhar outros caminhos, ainda pouco explorados.

É preciso considerar que o espaço virtual não é algo concreto, palpável ou mensurável. Trata-se de um espaço abstrato, mutante, completamente dinâmico, que faz parte de uma realidade composta de imagens, cores, sons e escritas produzidas para os sujeitos e pelos sujeitos de forma interativa. É um espaço de trocas, de relações, de aprendizagens e de construção. Neste espaço construído, a distância não impede as pessoas de estarem juntas, nem de conversarem diariamente. Os amigos estão ao alcance de um

clique, podendo ser convidados a qualquer momento para ‘visitarem’ os recantos detalhadamente preparados para recebê-los, onde cada um mostra um pouco, ou muito de si.

Bauman (2001) refere que se as pessoas fossem questionadas, há algumas décadas, sobre o que entendiam sobre espaço e tempo, poderiam relacionar os conceitos dizendo que “espaço é o que se pode percorrer em certo tempo, e que tempo é o que se precisa para percorrê-lo” (p. 128). Nesse contexto, o tempo seria diferente do espaço, representando o “parceiro dinâmico” neste “casamento”, pois poderia ser mudado e manipulado. O tempo seria uma ferramenta para a conquista do espaço.

O autor aponta que “no universo do *software* da viagem à velocidade da luz, o espaço pode ser atravessado, literalmente, em ‘tempo nenhum’; cancela-se a diferença entre ‘longe’ e ‘aqui’ [grifos do autor]. O espaço não impõe mais limites à ação e seus efeitos, e conta pouco, ou nem conta” (BAUMAN, 2001, p. 136). A relação entre espaço e tempo mudou, podendo-se percorrer distâncias instantaneamente. A instantaneidade denota que o tempo não confere mais valor ao espaço.

Saraiva (2006), em seu estudo de doutorado intitulado *Outros tempos, outros espaços: internet e educação*, sobre a educação a distância mediada pela internet, apresenta interessantes reflexões acerca dos significados e usos do espaço e do tempo. Segundo a autora

Estamos hoje nos defrontando com novos significados de tempo e espaço da contemporaneidade, fragmentados como parecem estar todas as categorias. A determinação da distância é cada vez mais incerta e o significado do tempo é cada vez mais obscuro. As limpas, elegantes e diretas medidas da modernidade estão borradas e embaralhadas. Já não estamos seguros nem mesmo de ocupar um lugar no espaço. Talvez porque sejamos nós mesmos uma dobra deste espaço, talvez porque o cibereu não possa ocupar lugar algum. (p.57)

A realidade virtual borra fronteiras, não apenas de espaço, mas também de tempo. É possível estar simultaneamente em diversos lugares, com muitas pessoas, sem que estas estejam reunidas ou nem mesmo se conheçam. As escolhas necessárias e às vezes difíceis da presencialidade não são indispensáveis na virtualidade. Não é preciso decidir estar com este ou com aquele amigo, participar de uma conversa ou de outra, estar em um evento deixando de ir a outros, ainda que tudo esteja acontecendo na mesma data e no mesmo

instante. A tela do computador torna-se uma porta aberta para o mundo, com muitas janelas de possibilidades.

Neste mundo sem fronteiras, muitos outros limites da vida presencial são ultrapassados. Seus habitantes transitam ativos e fluídos, conectados uns aos outros através de redes, deixando emergir suas escolhas sobre onde querem ir, quando, com que frequência, com quem aceitam se conectar e até mesmo sobre quem desejam ‘ser’ neste espaço. Os descontentamentos com a própria imagem, comportamentos, respostas às situações do cotidiano e tantos outros, podem ser corrigidos, amenizados ou deletados a partir de representações de si mais adequadas ao que cada um gostaria de parecer ser ou ao que os outros gostariam que fosse. Mostrando recortes intencionais de suas vidas, os sujeitos constroem identidades virtuais, contando ainda com a aprovação ou reprovação daqueles com os quais se relacionam e, conseqüentemente, com a possibilidade de se reinventar a cada interação.

Vale salientar aqui, a fragilidade, a condição provisória e construída das identidades, não apenas no espaço virtual, mas em qualquer espaço. Hall (1999) refere-se à identidade como uma “celebração móvel” [grifo do autor] que, de acordo com a forma como somos representados, vai sendo formada e transformada continuamente. O autor salienta que

[...] a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar, ao menos temporariamente (HALL, 1999, p.13).

As posições de sujeito que vamos assumindo a cada momento, nas diferentes situações que se apresentam, como homem/mulher, profissional, mãe/pai, integrante de um grupo/tribo e tantas outras, vão compondo o que somos, o que escolhemos ser, ou parecer.

Segundo Woodward (1997), a representação produz significados a partir dos quais damos sentido às nossas experiências e ao que somos, posicionando-nos como sujeitos. A autora afirma que “a representação, compreendida como um processo cultural estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais elas se baseiam fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser?” (p.17). No espaço virtual, as possibilidades de criar a partir dessas questões



ficam bastante ampliadas, dando visibilidade ao que cada sujeito percebe em si, seleciona de si, ou mesmo acrescenta em si, compondo um perfil, às vezes, bem próximo ao que parece na presencialidade, e outras vezes, bem distante.

Kitchin (1998, *apud* Hine, 2000), resume os diversos efeitos do espaço virtual em três categorias: transformações acerca do tempo e do espaço; mudanças nas comunicações e nas relações sociais; questionamento de dualismos como real/virtual, verdade/ficção, autêntico/fabricado, representação/realidade, etc. Hine (2000) refere que nossas crenças sobre a internet interferem nas relações individuais com a tecnologia e nas relações sociais podendo trazer conseqüências significativas. Segundo a autora, “a etnografia, nessa ordem das coisas, pode servir para alcançar um sentido enriquecido dos significados que vai adquirindo a tecnologia nas culturas que a incorpora ou que se modificam graças a ela” (p.17). Nesse sentido, pensando em realizar uma pesquisa etnográfica sobre juventudes no espaço virtual, iniciei um movimento na direção de rever conceitos como tempo, espaço e identidades, estabelecendo um olhar diferenciado sobre o contexto apresentado.

A etnografia pressupõe que o investigador submerja no mundo que estuda por um tempo determinado, considerando as relações, práticas e significados que emergem entre os sujeitos desse mundo (HINE, 2000). Submergir, nesse caso, significa estar junto dos sujeitos, segui-los nas suas ações, refletir sobre suas práticas, aproximando-se o suficiente para compreender como funciona a cultura em estudo, sem deixar de manter a distância necessária para dar conta dela. No espaço virtual, estar junto aos jovens não significa ocupar o mesmo espaço físico, mas sim estar conectado à rede; segui-los não implica ir aos mesmos lugares, mas acompanhar os registros que tornam públicos os lugares onde foram e o que lá fizeram; pensar sobre suas identidades ou mesmo sobre suas práticas não pressupõe elaborar uma composição a partir do observado, mas sim analisar a composição já montada e divulgada pelo próprio sujeito.

Compreendendo o ciberespaço como um meio rico para a comunicação a partir do aumento de usuários, Hine (2005) salienta que “as novas tecnologias ampliam a questão da multiplicidade metodológica por transpor a discussão da evolução tecnológica em si para as questões de sociabilidade e apropriação: já o agente de mudança não é a tecnologia, e sim os usos e as construções de sentido ao redor dela” (p. 13). Esse olhar multifacetado que se

pode estabelecer sobre o espaço virtual e os usos da tecnologia nas relações entre os sujeitos suscita muitas reflexões sobre o que realmente se quer analisar e sobre quais os caminhos metodológicos possíveis para isso.

Gottschalk (1994) aponta para a multiplicidade de abordagens possibilitadas pela etnografia pós-moderna, que contrastam com as formas tradicionais de etnografia. Traça de maneira elucidatória os métodos que utilizou em sua pesquisa realizada na Cidade de Las Vegas, “com o propósito de concretizar as contestações epistemológicas, metodológicas e políticas levantadas pela virada pós-moderna” (GOTTSCHALK, 1994, p. 2). Em sua pesquisa etnográfica, o autor desenvolveu o que denominou de cinco “movimentos”: (1) a *auto reflexividade* como uma importante ferramenta subjetiva que liga problemas privados às questões públicas; (2) as *derivações* ou desvios que enfatizam a importância daquilo que o autor chama de “as verdades locais”, experimentais, temporais e intertextuais em contraponto com a busca de uma grande verdade; (3) a *evocação* em substituição à descrição, visando realçar registros auto reflexivos que não busquem simplesmente convencer o leitor através de relatos verdadeiros impostos por uma autoridade científica, mas numa tentativa de articular e promover outras compreensões da realidade e das experiências cotidianas; (4) as *interrupções* feitas pelos textos de multimídia: constantes mediações das situações reais e ficcionais que são interpeladas pela mídia e a forma que são percebidas e recebidas pelos indivíduos ou grupos; (5) os aspectos ligados às questões de *autoridade e voz*, considerando as múltiplas intervenções provocadas pelos sujeitos.

Segundo Gottschalk (1998), para realizar uma etnografia pós-moderna, é preciso ser uma espécie de *bricoleur*<sup>16</sup> crítico e auto reflexivo, sendo que “a criatividade, a flexibilidade e a adaptação ética ao campo deveria contar mais do que a submissão a regras produzidas alhures por outra pessoa em outro tempo e com propósitos diferentes” (p. 209). Assim, a partir dos estudos e reflexões acerca da etnografia pós-moderna, da etnografia virtual e do que vinha observando no *Orkut*, comecei a esboçar uma trilha metodológica na

---

16 O conceito do *bricoleur*, apresentado pelo antropólogo Lévi-Strauss, em seu livro “O pensamento selvagem” (1989), refere-se àquele que trabalha com a bricolagem, ou seja, a produção de algo novo a partir de fragmentos de outros objetos, de modo que se possa perceber as partes ou pedaços dos objetos anteriores na composição criada.

busca de analisar como as práticas de compartilhamento da vida privada no espaço virtual produzem outras sensibilidades nas relações dos sujeitos-jovens.

Afinal, como salienta Hine (2000),

O etnógrafo não é um simples voyeur ou um observador desengajado, mas é, em certo sentido, um participante compartilhando algumas das preocupações, emoções e compromissos dos sujeitos pesquisados. Essa forma estendida depende também da interação, em um constante questionamento do que é possuir uma compreensão etnográfica do fenômeno (p.47)

Inicialmente, comecei a observar cenas do cotidiano, na forma presencial, mas que envolviam o uso da internet e da tecnologia em si como forma de relacionar-se atentando, em especial para o *Orkut* e outros sites de relacionamento. Passei a registrar no diário de campo os momentos observados, pensando em utilizar tais registros posteriormente na escrita da tese, em articulação com os demais materiais que viessem a ser obtidos ao longo da pesquisa de modo a enriquecê-los. Através das observações registradas, especialmente da jovem Aninha, que menciono ao longo de toda esta escrita, avaliei que o diário de campo não seria apenas uma possibilidade de enriquecimento do material disponibilizado pelos jovens nas páginas do *Orkut*, mas sim uma ferramenta fundamental, de igual importância na concretização das análises e sobretudo no (re)direcionamento da pesquisa.

Concomitante ao início das observações conversei com alguns professores do Ensino Médio de uma escola da rede privada de Porto Alegre na qual trabalhei, pois tinha conhecimento de que utilizavam o *Orkut* como ferramenta de comunicação com os estudantes e ainda que esse fato os aproximava de alguma forma destes jovens e os auxiliava a estarem sempre informados dos últimos acontecimentos divulgados por eles. Minha intenção foi, através dos professores, saber se os jovens daquela escola utilizavam o *Orkut* com frequência, se isso parecia ter alguma importância em suas vidas e ainda se as identidades virtuais criadas por eles, ou seja, o modo como se narravam, os nomes, as imagens, eram próximas do que conheciam na presencialidade. Obtendo resposta positiva aos meus questionamentos, dei continuidade à construção da ‘trilha metodológica’.

Kozinets (2007 *apud* AMARAL, NATAL e VIANA, 2008) afirma que o pesquisador, quando vestido de netnógrafo, se transforma num experimentador do campo, engajado na utilização do objeto pesquisado enquanto o pesquisa. O autor utiliza o termo

netnógrafo referindo-se ao pesquisador que utiliza a netnografia como ferramenta metodológica. O neologismo “netnografia” (*nethnography* = *net* + *ethnography*) foi originalmente cunhado por um grupo de pesquisadores/ as norte americanos/as, Bishop, Star, Neumann, Ignacio, Sandusky & Schatz, em 1995, para descrever um desafio metodológico: preservar os detalhes ricos da observação em campo etnográfico usando o meio eletrônico para “seguir os atores” (BRAGA, 2001, p. 05).

Nesse sentido, decidi criar em 2008 um perfil no *Orkut* especificamente para a realização da pesquisa, que me permitisse experimentar o objeto, mantendo o distanciamento necessário para pesquisá-lo. Apresentei-me neste espaço como ‘uma criatura que adora coisas complicadas e, por isso, resolveu estudar o *Orkut* e como ele faz parte da vida da galera’ (frase que responde à questão ‘quem sou eu?’ no meu *Orkut*), como pode ser observado na imagem a seguir.

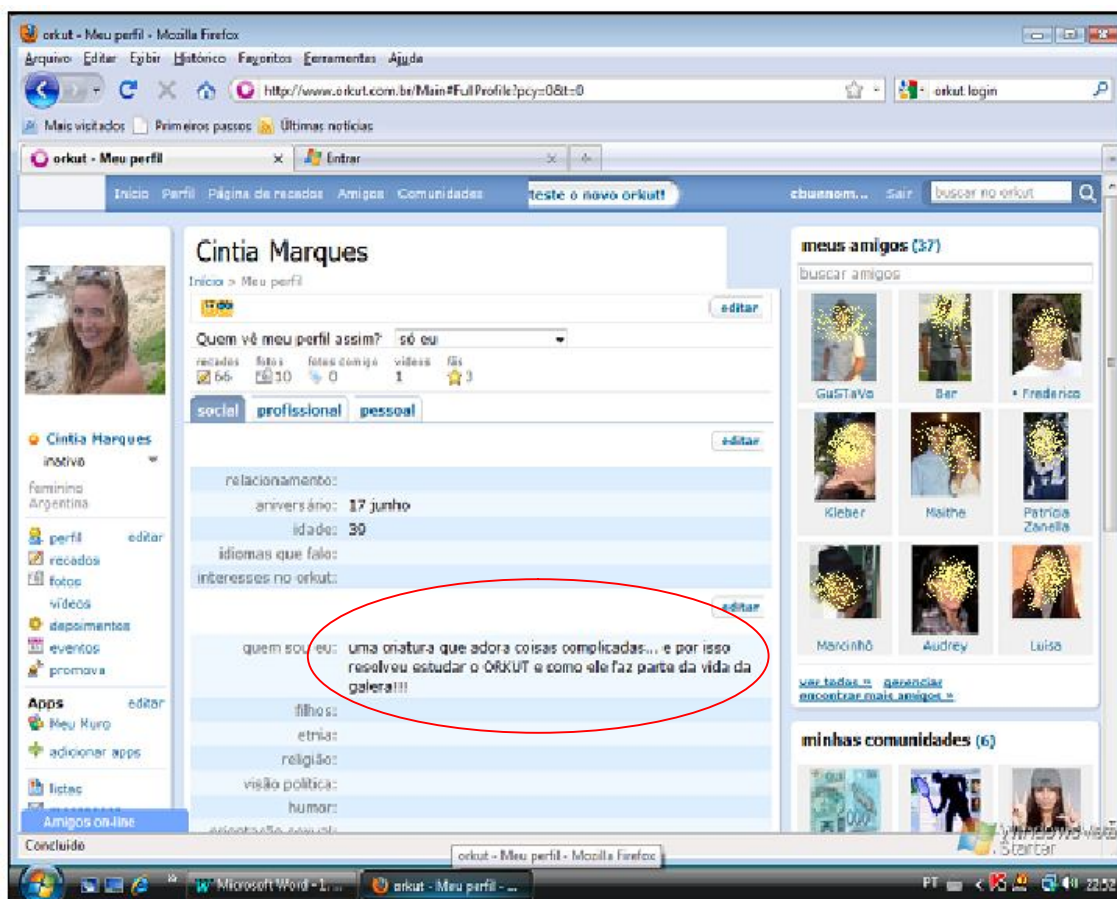


Figura 14 – Página inicial do meu perfil do *Orkut*

Julguei necessário explicitar desde o primeiro contato, o motivo pelo qual passei frequentar o site e formar uma rede de amigos.

Assim, me tornei o que descreve Hine (2000) um “habitante de uma espécie de mundo intermediário, sendo simultaneamente um estranho e um nativo” (p.13). Senti-me nativa por estar ali naquele espaço, fazer parte, ter um perfil, ter amigos e poder experimentar a ferramenta. Senti-me estranha por ter intenções diferentes dos outros sujeitos, ter um olhar interessado e ter declarado este interesse.

Segundo Kozinets (2002, *apud* MONTARDO e PASSERINO, 2006), a netnografia, como uma adaptação da pesquisa face a face para o espaço virtual, apresenta a vantagem de ser menos invasiva, visto que pode se comportar como uma janela ao olhar do pesquisador, através da qual observa comportamentos naturais de uma comunidade durante seu funcionamento, sem que seja necessário um espaço fabricado para a pesquisa, nem a interferência direta do pesquisador. Entendo que utilizar essa janela é, sem dúvida, uma interessante possibilidade que se abre a partir das características do espaço virtual. Entretanto, considero que a condição ética dessa prática ser menos invasiva está atrelada à anuência dos sujeitos quanto à observação, análise e posterior publicação dos resultados. Para isso, avaliei que seria indispensável estabelecer vínculos de confiança, a partir de sujeitos conhecidos que, de alguma forma, facilitassem os contatos iniciais.

Os primeiros amigos que adicionei no meu perfil foram os nove professores com os quais havia feito contato. Este grupo de amigos, denominados por mim como ‘professores orkuteiros’, foi adicionado visando estabelecer um maior vínculo com os jovens que posteriormente poderiam fazer parte da pesquisa. Nos sites de relacionamento é importante ter amigos comuns, pois é dessa forma que somos reconhecidos como parte da rede. A cada convite de amizade recebido, podemos visualizar os amigos em comum. Esses dão a idéia de que não somos completamente estranhos e, portanto, somos de alguma forma confiáveis. Avaliei que, se os amigos em comum tivessem uma participação ativa na rede social e um relacionamento próximo, incluindo momentos presenciais, como é o caso dos professores em questão, haveria maior confiabilidade por parte dos jovens e conseqüentemente, mais possibilidade de participação na pesquisa. Embora eu conhecesse esses jovens do ambiente

escolar, trabalhava mais diretamente com os professores, não sendo tão próxima quanto àqueles que estavam diariamente em sala de aula.

A seguir, comecei a formar a rede<sup>17</sup> enviando convite para dois jovens que conhecia melhor dos momentos presenciais na escola. Ao aceitarem o convite, no qual esclareci novamente minhas intenções de pesquisa, me adicionaram como amiga e, ao mesmo tempo, me colocaram em contato com seus amigos, com os amigos dos amigos e assim por diante formando a rede de contatos necessária para a escolha dos sujeitos. Entendo que estes jovens funcionaram como espécies de âncoras, na busca da formação de uma rede de sujeitos-jovens disponíveis para o estudo proposto no espaço virtual.

Montardo e Passerino (2006) salientam que uma limitação da netnografia, comparada à etnografia presencial, “diz respeito à identidade e veracidade dos participantes” (p.9). Nesse sentido, ao escolher jovens que já conhecia presencialmente e outros ligados a eles, procurei garantir alguma veracidade aos perfis apresentados.

Conforme o próprio *Orkut* ia sugerindo<sup>18</sup> novas amizades, eu ia enviando convites, procurando incluir jovens do sexo masculino e feminino, que ainda estavam cursando o Ensino Médio ou já haviam concluído que estudavam na escola onde a formação do grupo iniciou ou em outras escolas. Este grupo, denominado ‘galera do *Orkut*’ totalizou vinte e sete integrantes, dos quais selecionei dez e passei a acompanhar, de modo geral focando o olhar nas modificações e atualizações que iam realizando em seu perfil. Optei por selecionar dez jovens a fim de viabilizar um acompanhamento sistemático, considerando o tempo necessário para verificar e salvar todas as atualizações feitas por cada sujeito com o objetivo de realizar posteriores análises. O critério para a seleção dos dez jovens foi o acesso ao consentimento informado para a pesquisa, atentando apenas para manter número igual de sujeitos do sexo feminino e masculino. Na medida em que obtinha retorno dos

---

17 Emprego o termo ‘rede’ segundo Recuero (2009), como “uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores” (p.23). Assim, é importante salientar que a abordagem em rede é focada nas relações sociais não sendo possível isolar os sujeitos, nem suas conexões.

18 Diariamente chegavam ao meu perfil sugestões de amigos para convidar, baseadas nos princípios da rede, quais sejam, amigos em comum, iniciando pelos amigos diretos daqueles que adicionei e depois ampliando para os amigos indiretos.

consentimentos, ia formando o grupo dos cinco jovens do sexo masculino e das cinco jovens do sexo feminino.

Entendo que, ao aceitar publicamente o convite para tornar-se meu amigo no *Orkut*, estando registradas minhas intenções de pesquisa no perfil que apresento, os jovens concordam em ser observados e participar da mesma. Além disso, tudo o que divulgam neste espaço – imagens, textos, etc. – torna-se público, acessível a todos que fazem parte da rede e, em alguns casos, também àqueles que dela não fazem parte. No entanto, ao utilizar o que observo, registro e copio das páginas da internet em uma pesquisa acadêmica, estou editando este conteúdo, articulando-o a um determinado referencial teórico, que resultará num outro olhar sobre as questões abordadas: um olhar interessado, dirigido e formal. Nesse caso, considere importante complementar o convite feito no espaço do *Orkut*, com o termo de consentimento informado, assinado pelos jovens participantes da pesquisa.

Kozinets (2002 *apud* MONTARDO e PASSERINO, 2006) ressalta como outra vantagem da netnografia, o acesso facilitado à informação, considerando que se dá na forma textual, tornando a pesquisa menos dispendiosa. Nesse sentido, me apropriei dessa facilidade salvando as páginas de abertura do perfil dos sujeitos da pesquisa com certa frequência, dependendo das mudanças que iam fazendo, no período de dezembro de 2008 a dezembro de 2010, dispondo de um amplo material, rico em possibilidades de análise, do qual selecionei especificamente o conteúdo da página de abertura do perfil. A página de abertura inclui textos escritos pelos jovens ou outros selecionados por eles (como poemas, músicas, etc.) para exposição neste espaço, o grupo de amigos (nome e imagem), as comunidades às quais estão vinculados, quantificação dos recados, fotos, vídeos e fã's.

Sob inspiração foucaultiana, no que se refere à *escrita de si*, percebo a escrita dos jovens-sujeitos nas páginas do *Orkut* e o trabalho de recorte e colagem feito por eles como uma forma de *escrita de si*, e nesse sentido considero que estas produções escritas não são individuais, pois tiveram o que Foucault (1992) nomeia como condições de possibilidade para emergir nesse momento, nesta cultura específica. Sendo assim, é possível pensar em toda uma discursividade que produziu esses sujeitos que escreveram, fazendo com que estes valorizem e (re)produzam certos modos de ser jovem que foram construídos e legitimados por nossa sociedade.

Segundo Foucault (1982), as técnicas específicas das quais os homens se utilizam para compreenderem aquilo que são, se dividem em quatro grandes grupos, quais sejam as técnicas de produção, as técnicas de sistemas de signos, as técnicas de poder e as técnicas de si. Cada uma das técnicas está associada a um tipo de dominação e implica em certos modos de educação e transformação, sendo que raramente funcionam em separado. As duas primeiras técnicas estão relacionadas aos objetos e os respectivos significados a eles atribuídos. As duas últimas dizem respeito ao governo dos corpos e das condutas de si ou dos outros.

As técnicas de si são aquelas que

Permitem aos indivíduos efetuarem, sozinhos ou com a ajuda de outros, um certo número de operações sobre seus corpos e suas almas, seus pensamentos, suas condutas, seus modos de ser, de transformarem-se a fim de atender um certo estado de felicidade, de pureza, de sabedoria, de perfeição ou de imortalidade (Foucault, 1982. P.2).

A escrita de si é uma das tradições mais antigas do Ocidente. Segundo Foucault (1982), o ato de escrever aprofunda e intensifica a experiência de si. Ao confessar pensamentos e até mesmo os sentimentos mais íntimos através da escrita o sujeito torna-se um hermeneuta de si mesmo, avaliando, julgando e aconselhando a partir do que é lido. Entendo que a publicação dessa escrita no espaço virtual amplia os sujeitos envolvidos nessa avaliação, julgamento e aconselhamento, como se a confissão se desse simultaneamente a vários mestres, que compartilham neste mesmo espaço seus posicionamentos a respeito.

Conforme Veiga-Neto (2004), cada um de nós ocupa um lugar, uma posição numa rede discursiva de modo a ser constantemente bombardeado, interpelado, por séries discursivas cujos enunciados se concatenam a muitos outros enunciados. “Esse emaranhado de séries discursivas institui um conjunto de significados mais ou menos estáveis que, ao longo de um período de tempo, funcionará como um amplo domínio simbólico *no qual e através do qual* [grifo do autor] daremos sentido às nossas vidas” (p.56). O autor nos alerta que os significados não aparecem soltos no mundo à espera de serem descobertos e formalizados linguisticamente. Por sua vez, os discursos não são simples combinações de palavras que representariam o mundo. Considera Veiga-Neto (2004) que



Os discursos podem ser entendidos como histórias, que encadeadas e enredadas entre si, se complementam, se completam, se justificam e se impõem como regimes de verdade. Um regime de verdade é constituído por séries discursivas, famílias cujos enunciados (verdadeiros e não-verdadeiros) estabelecem o pensável como um campo de possibilidades fora do qual nada faz sentido, pelo menos até que aí se estabeleça um outro regime de verdade. (p. 56-57)

Dessa forma, é importante ter em vista que as produções escritas dos sujeitos nas redes sociais fazem parte de redes discursivas. Nessa direção, Larrosa (1994) argumenta que a experiência de si é o resultado de um complexo processo histórico de fabricação “no qual se entrecruzam os discursos que definem a verdade do sujeito, as práticas que regulam seu comportamento e as formas de subjetividade nas quais se constitui a própria subjetividade” (p.43). Para o autor, a experiência de si está constituída em grande parte a partir das narrativas que fazemos a respeito de nós mesmos na qual cada um é o autor, narrador e o personagem principal da história que conta, e assim assinala:

O que somos ou, melhor ainda, o sentido de quem somos, depende das histórias que contamos e das que contamos a nós mesmos. Em particular, das construções narrativas nas quais cada um de nós é, ao mesmo tempo, o autor, o narrador e o personagem principal. Por outro lado, essas histórias estão construídas em relação às histórias que escutamos, que lemos e que, de alguma maneira, nos dizem respeito na medida em que estamos compelidos a produzir nossa história em relação a elas.” (LARROSA, 1996, p.48)

Larrosa (1996), ao relacionar as autonarrativas com o conceito foucaultiano das tecnologias do eu, nos faz perceber a possibilidade de reflexão consigo mesmo, com o outro e com o mundo, que pode ser estabelecida através da linguagem numa perspectiva de construir novos significados para a nossa existência.

Corroborando, Arfuch (2002) salienta que as narrativas têm um papel organizador do discurso, pois, a partir das histórias que contamos sobre nós e sobre os outros a fim de construirmos um sentido para a vida, passamos a constituir quem somos e quem são os outros, (re)criando identidades individuais e sociais. A autora entende que a narrativa corresponderia “à forma por excelência de estruturação da vida, e por fim, da identidade” (p.88). À medida que escrevemos sobre nós mesmos, nos (re)criamos, (re)construímos nossas identidades num processo dinâmico e contínuo.

Ao referir-se à narrativa, Silveira (2005, p. 198) explica que a entende como “um tipo de discurso que se concretiza em textos nos quais se representa uma sucessão temporal de ações apresentadas como conectadas, de alguma forma, entre si, com determinados personagens ou protagonistas em que haja uma transformação” (p. 198). Assim, entendo que a composição da escrita no *Orkut*, que vai se dando a cada atualização num movimento contínuo de contar, narrar, comunicar como compreendemos o que está acontecendo nas nossas vidas, quem pensamos que somos ou pretendemos ser, pode ser entendido como um processo de construção identitária a muitas mãos e pretendo desenvolver as análises do estudo aqui proposto nessa direção.

Finalizando essa sessão, trago Geertz (2001) que assim argumenta sobre fazer etnografia: “é como tentar ler, no sentido de construir uma leitura de um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado” (p. 20). Avalio que fazer etnografia implica buscar outros caminhos para a construção dessa leitura, a partir de um manuscrito ainda mais estranho, que pode mudar ou desaparecer a qualquer tempo desafiando muitas vezes a compreensão, o dinamismo e a persistência do pesquisador.

Este foi meu desafio no espaço virtual: tentar produzir uma leitura a partir do que ali estava postado, vinculada ao referencial teórico dos Estudos Culturais e articulada a diferentes campos, que me permitisse analisar a produção de outras sensibilidades nas relações de afeto entre os sujeitos jovens. Avalio que tal tarefa não é algo simples, mas aventurei-me pelas trilhas que foram sendo construídas a partir de minha busca e do auxílio do grupo de pesquisa do qual faço parte, coordenado por minha orientadora.

### 3. O IMPERATIVO DA CONEXÃO: privacidade compartilhada no espaço virtual

Sou minha própria paisagem; assisto à minha passagem.  
Diverso, móbil e só, não sei sentir-me onde estou.

FERNANDO PESSOA, 1973

Cada vez mais somos interpelados por um imperativo que nos impele a estar permanentemente conectados a outros sujeitos e àqueles grupos aos quais pertencemos, ou aos quais desejamos pertencer. Como sugere o trecho do poema de Fernando Pessoa que abre este capítulo, passamos a ser nossa própria paisagem, mas solitários não sabemos sentir onde estamos. Basta desligarmos o celular ou deixarmos de ler os e-mails por um dia para que seja necessário dar uma série de explicações sobre por que não fomos localizados, por que não demos retorno, onde estávamos, com quem, e fazendo o quê. Da mesma forma, somos cobrados a respeito de muitas outras coisas como, por exemplo, ter um perfil no *Orkut* ou no *Facebook* e mantê-los atualizados; ter assistido às últimas notícias veiculadas na mídia; saber quem são as celebridades do momento; as tendências ditadas pela moda; os lugares que estão em alta, etc. Para alguns, estar desconectado pode representar um verdadeiro pesadelo. Há uma permanente sensação de endividamento no ar, como se fosse impossível dar conta de todas as cobranças às quais somos submetidos.

Sibilia (2005) afirma que “a exigência da interatividade e o imperativo da conexão são vetores onipresentes em quase todos os âmbitos. De maneira tão precisa como pertinaz, um amplo arsenal de ferramentas digitais conquista os corpos e as subjetividades nas mais diversas micro práticas cotidianas” (p.2). Ao mesmo tempo em que somos seduzidos pelas facilidades proporcionadas por estas ferramentas digitais, nos submetemos a elas, de tal forma que não conseguimos mais nos desvencilhar da teia na qual fomos nos inserindo. Sob pena de sermos considerados obsoletos ou fora da realidade, precisamos estar ligados e para isso clicar, discar, assistir, participar, num contínuo e frenético ritmo de interação. Os sujeitos contemporâneos devem estar sempre dispostos, não apenas a fazer parte da rede interagindo com outros sujeitos, mas, sobretudo, a promover mudanças em si.

Conforme Sibilia (2005),

Multiplicam-se os apelos em proveito de uma maior flexibilidade física e mental, que contrasta com a velha rigidez dos corpos industriais e com sua pesada solidez analógica, com seus ritmos lentos e regulares, e com sua matéria vagarosamente domesticável. E inclusive, com a crença nas identidades fixas e estáveis que alicerçaram a Modernidade. Ao contrário de tudo isso, a lógica digital é ultra-veloz, vertiginosa e extremamente mutante (SIBILIA, 2005, p.5).

Características como facilidade de relacionamento, dinamismo, flexibilidade, capacidade de adaptação, são valorizadas ao extremo. Se observarmos as ofertas de emprego para as mais diversas funções disponibilizadas na internet ou nos jornais de grande circulação, podemos confirmar a exigência deste perfil. Experiências anteriores e formação abrem portas, mas sem dúvida, é a capacidade de adaptação a novas situações e às pessoas que pode garantir o sucesso para aqueles que querem pertencer ao mundo do trabalho na sociedade contemporânea.

Maffesoli (2004) por sua vez, salienta que através dos pequenos rituais da vida cotidiana, assim como no que concerne aos grandes acontecimentos que pontuam a vida pública, somos de um mundo que compartilhamos com os outros. “Um mundo emocional, um mundo afetivo que confere todo o sentido e toda a força à expressão ética da estética” (p.65). Assim, nesse mundo, somos o que parecemos ser, o que demonstramos ser, o que construímos nas trocas com o outro, o que acabamos de mudar em nós, o que gostaríamos que fôssemos, enfim, o resultado momentâneo de uma constante negociação entre os sujeitos nas diferentes experiências compartilhadas. Segundo o autor, “o que melhor caracteriza a pós-modernidade é o vínculo que se estabelece entre a ética e a estética, ou seja, o novo liame social baseado na emoção compartilhada ou no sentimento coletivo” (MAFFESOLI, 2004, p. 85).

Desse modo, vale pensar sobre a experiência a partir de Larrosa (2002), que se refere ao sujeito da experiência como um território de passagem, uma superfície sensível sobre a qual são inscritas marcas, produzidos afetos, depositados vestígios e efeitos, um ponto de chegada que dá lugar ao que recebe, àquilo que nos passa, um “espaço onde tem lugar os acontecimentos” (LARROSA, 2002, p.25). O autor considera a experiência uma paixão que não pode, portanto, ser captada a partir de uma lógica da ação, ou da reflexão sobre si mesmo enquanto agente dos acontecimentos, mas sim “a partir de uma reflexão sobre si mesmo enquanto sujeito passional” (Ibidem, p.25). Entendo que as experiências compartilhadas podem ser vistas, desse modo, como paixões coletivas nas quais os sujeitos

mostram suas marcas e produzem marcas em outros sujeitos, concomitantemente e sucessivamente, num dinâmico movimento de rede.

Segundo Maffesoli (2004), “as redes nascem, morrem e se entrecruzam, as relações se entabulam, atenuam-se e desaparecem: em suma, tende a predominar uma ambiência estética que se focaliza aqui ou ali, em função da versatilidade das massas” (p.68). Os sujeitos versáteis, mutantes, flexíveis e conectados da contemporaneidade ligam-se e desligam-se entre si, com maior ou menor intensidade, (re)produzindo suas marcas e construindo identidades numa sucessão de pertencimentos a grupos que em determinado momento capturaram ou estiveram em sintonia com aquilo que pensaram, quiseram ou buscaram ser. Tais pertencimentos se dão em lugares onde possam ser demarcados os limites de quem está dentro e quem está fora, as regras para fazer parte, os requisitos para a aceitação no grupo. Nesses lugares, não necessariamente territoriais, mas, sobretudo emblemáticos, expressões do fazer parte são compartilhadas em verdadeiros ‘rituais’ de celebração, como se fossem altares para a adoração das diferenças que tornam naquele grupo os sujeitos iguais. Maffesoli (2004) assinala que

Todos esses territórios, que é preciso compreender no sentido etológico – esses “altares” [grifo do autor], esses lugares e espaços de socialidade – são compostos por afetos e emoções comuns, consolidados pelo cimento cultural ou espiritual, em suma, existem por e para as tribos que neles escolheram seu domicílio (p.59).

Lugares de afetos, emoções, relações, sensibilidades expressas das mais diversas formas são criados e cultuados como símbolos da existência dos grupos, dos sujeitos que deles fazem parte e de suas identidades. Os sites de relacionamento têm servido de maneira peculiar a esta finalidade oferecendo as ferramentas necessárias e incentivando a exposição de si compartilhada da forma mais abrangente possível.

Tais territórios, não se restringem somente aos sites de relacionamentos de afeto e amizade, pois como salienta Sibilia (2008), a geração atual de empresas *online*:

Confia nos usuários como co-desenvolvedores. Agora a meta é ajudar as pessoas a criarem e compartilhem idéias e informação. (...) Essa peculiar combinação do velho slogan *faça você mesmo* com o novo mandato *mostre-se como for*, porém, vem transbordando as fronteiras da internet [grifos da autora] (p.14).

Logo, ‘mostrar-se’ é uma tendência que está presente não apenas na internet, mas também nos jornais, revistas programas de televisão e por que não dizer também na vida

'real'. Falar de si e dos grupos aos quais se pertence parece ser mais um imperativo da vida contemporânea. O modo de vestir, de falar, de agir declara todo o tempo quem somos, gostaríamos de ser ou parecer perante a avaliação do outro. Quanto mais explícita for essa declaração, maior a eficácia no convencimento. Afinal, como refere Maffesoli (2007), "só somos alguém ou alguma coisa porque o outro nos reconhece como tal" (p.133) e esse reconhecimento é necessário para que possamos fazer parte. Questões privadas ocupam o espaço público ganhando visibilidade num âmbito de conhecimento e muitas vezes de discussão coletiva.

Ao falar de si publicamente os sujeitos vão (re)construindo identidades e submetendo essas construções à avaliação do outro. A interação através da rede tece a muitas mãos identidades virtuais que num movimento fluído de ir e vir entre a tela do computador e os espaços presenciais moldam-se, adaptam-se, transformam-se. São estabelecidas relações de poder em diferentes direções: do sujeito sobre si, do sujeito sobre o outro, do outro sobre o sujeito.

Sobre as relações de poder que incitam a falar, Larrosa (2010) salienta:

O poder não funciona apenas intimidando, fazendo calar. A presença do poder não se mostra apenas no silêncio submetido que ele produz. O poder está também nesse burburinho que não nos deixa respirar. E, muitas vezes, até mesmo na maioria das vezes, o poder está em todas essas incitações que nos fazem falar. Mas que nos exigem falar como está ordenado, segundo certos critérios de legitimidade (LARROSA, 2010, p.48).

Refletindo sobre este aspecto, é possível perceber que a dita 'liberdade' de expressar-se em público, que passou em algum momento a representar uma 'obrigação' de expressar-se em público, evidentemente com o ônus de ser julgado pelo que foi dito, nada mais é do que outra forma de exercício do poder. O poder que faz calar parece estar, cada vez mais, perdendo espaço para o poder que faz falar de si, do modo esperado, passível de aceitação, subjetivado.

Em outros tempos, diários de papel lacrados a chaves com cadeados guardavam os mais íntimos segredos. Confissões eram feitas aos melhores amigos, ao pé do ouvido e guardar segredo era uma virtude apreciada e necessária. Muitos questionamentos poderiam ser feitos sobre estas práticas, como: Por que alguém escreveria algo senão para ser lido?

Ao contar um segredo para alguém, não haveria certa intenção de que ele escapasse do conhecimento privado e viesse a público? O que havia de tão secreto [ou não] nesses diários? O compartilhamento de informações da vida privada tornava determinados amigos especiais em relação a outros? A necessidade de falar de si sempre existiu?

De fato, poderíamos obter na época diferentes respostas para tais questões, mas hoje, seria mais difícil dar sentido a práticas como essa. Escrever com caneta e papel parece ser algo cada vez mais incomum, pelo menos fora do âmbito escolar. Tecla-se muito, produz-se muita escrita, mas pouco se faz isso no papel. As chaves e os cadeados, nesse contexto, são totalmente desnecessários. Os computadores guardam segredos com senhas gravadas na memória dos usuários, autorizações ou restrições de acesso. Além disso, como um sujeito cheio de segredos, sem nada interessante para contar de sua vida privada poderia fazer parte do mundo virtual? Afinal, o que torna alguém interessante no espetáculo é o que tem a mostrar de si, a ‘falar’ de si e o que os outros ‘disseram’ a respeito.

A escrita de si na internet reconfigura antigas práticas como a confissão e os diários pessoais. Segundo Oliveira (2002) os “diários como instrumento de expressão do eu foram usados por homens e mulheres, sem distinção de raça, cor ou condição social, especialmente durante o século XX, quando, seguindo uma tendência, o hábito da escrita de diários se espalhou pelo mundo” (p.112). A autora relata que poucos diários pessoais foram publicados no Brasil, mas estes conquistaram a atenção dos leitores brasileiros e estrangeiros. Destaca como exemplo o *Quarto de despejo – Diário de uma Favelada*, cuja primeira edição foi divulgada em 1960, tornou-se *best seller* no Brasil e foi publicado em treze idiomas, atingindo mais de um milhão de cópias vendidas.

Em meados de 1994, nos Estados Unidos, começaram a surgir *home pages*, que consistiam em sites pessoais onde eram postados diariamente escritos do autor sobre seu cotidiano e outras coisas que tivesse intenção de compartilhar. Desde então, cada vez mais pessoas foram narrando suas vidas no espaço virtual, espalhando pelo mundo sua intimidade.

O uso da linguagem *HTML* (abreviação para a expressão inglesa *HyperText Markup Language*, que significa Linguagem de Marcação de Hipertexto), necessária para a construção das *home pages* naquele momento, parece ter sido um empecilho, pois a prática

não proliferou com a mesma intensidade no Brasil. Em 1999, foi criado pela empresa do norte-americano Evam Williams, o software gratuito *Blogger* e, na sequência, centenas de ferramentas semelhantes que democratizaram o acesso a pessoas não especialistas em linguagens como *HTML* e *FTP* (abreviação para a expressão *File Transfer Protocol*. É um protocolo, ou seja, uma linguagem standard de comunicação entre duas máquinas.) Além da facilidade no uso, tais ferramentas proporcionaram maior velocidade na criação, postagem e atualização dos diários. Os *blogs* ou *weblogs* – como passaram a ser chamados os diários criados com este tipo de ferramenta - espalharam-se rapidamente pelo espaço virtual a nível mundial.

Mais recentemente, as páginas criadas a partir das ferramentas disponibilizadas nos sites de redes sociais possibilitaram não apenas o compartilhamento de informações pessoais no espaço público, como também a interação coletiva através dos depoimentos, recados, fotografias e vídeos divulgados. Penso que os perfis representam outra forma de escrever diários, expostos publicamente à leitura e também à contribuição daqueles que o lêem.

Para aqueles que afirmam ter sua vida como um “livro aberto”, acredito que o termo nunca foi tão apropriado. Informações que antes ficavam restritas ao próprio sujeito ou a poucos amigos, com o uso da tecnologia, passam a ser expostas em espaço de domínio público. Isso não quer dizer que não existam mais segredos ou que absolutamente tudo seja divulgado no espaço virtual. As informações são selecionadas e editadas pelo autor que as publica. Além disso, o acesso pode ser aberto ao público em geral, ou restrito a alguns, conforme a vontade dos sujeitos e as configurações de privacidade que lhes são oferecidas.

É preciso considerar ainda, que levar informações da vida privada para o espaço público não fazem com que estas informações deixem de ser privadas. Segundo Bauman (2001), “os problemas privados não se tornam questões públicas pelo fato de serem ventilados em público; mesmo sob o olhar público não deixam de ser privados, e o que parece resultar de sua transferência para a cena pública é a expulsão de todos os outros problemas ‘não privados’ [grifo do autor] da agenda pública” (BAUMAN, 2001, p.83).



Assim, com o espaço público invadido pelas questões da vida privada, podemos observar certo esvaziamento do que antes entendíamos por interesse público, ou seja, os interesses do bem comum da população. Bauman (2001) salienta que

O que está ocorrendo não é simplesmente outra renegociação da fronteira notoriamente móvel entre o privado e o público. O que parece estar em jogo é uma redefinição da esfera pública como um palco em que dramas privados são encenados, publicamente expostos e publicamente assistidos. A definição corrente de “interesse público”, promovida pela mídia e amplamente aceita por quase todos os setores da sociedade, é o dever de encenar tais dramas em público e o direito do público de assistir à encenação (p.83)

O espaço público foi colonizado pelos dramas privados, não apenas de celebridades da mídia, mas também das pessoas comuns, que passam a ter seus momentos de fama apresentando-se como modelos para tantos outros sujeitos iguais. Conforme assinala Sibilia (2008), “as ‘personalidades’ [grifo da autora] são convocadas a se mostrarem. A privatização dos espaços públicos é a outra face de uma crescente publicização do privado, um solavanco capaz de fazer tremer aquela diferenciação outrora fundamental” (p.23). Fascinados pelo *glamour* da visibilidade, os sujeitos mostram-se em público, ao mesmo tempo em que são espectadores e interagem no espetáculo de outros. O que era considerado privado vai sendo publicizado e o espaço do que era considerado público é ocupado pela exposição do privado.

Por sua vez Ratto (2006) afirma que a proximidade humana é, no mundo contemporâneo, um valor sem o qual não se sobreviveria. Nesse sentido, entende que vem se constituindo uma lógica da intimidade que, por coexistir com o permanente desenvolvimento tecnológico e, a partir disso, a viabilização cada vez maior da exposição de si e da devastação da intimidade do outro, mostra-se bastante ambígua. Para o autor, trata-se possivelmente de outra espécie de intimização, diferente daquela que implicava na retirada do sujeito dos circuitos de visibilidade, à qual denomina então de “intimização assistida”. Assim, pode-se compreender que esse conceito não corresponde, necessariamente a um correlato direto do retraimento. Pelo contrário, esse novo modo de tratar a intimidade “depende do espaço público como reduto de apresentação” (RATTO, 2006, p.33).

Na mesma direção, Maffesoli (2004) referindo-se a um mundo imaginal perpassado pela imagem, pelo imaginário, pelo simbólico, pelo imaterial, compreende que, independente de como este mundo venha a exprimir-se, está presente e já não se restringe à vida privada e individual, mas passa a ser um elemento constitutivo de um estar-junto fundamental. Essa “aproximação humana” como valor de sobrevivência, a qual se refere Ratto (2006), bem como o “estar-junto fundamental” mencionado por Maffesoli (2004) podem, num primeiro momento, remeter à idéia de um pensar coletivo, entretanto, os autores apontam para o oposto disso: um crescente individualismo dos sujeitos. Conforme Ratto (2006),

O ideal que nasceu como filho dileto da vontade de congregação humana democrática produz também seu avesso. Ou seja, uma sociedade amplamente capaz de cumprir sua vocação comunicativa e, paradoxalmente, cada vez mais sectarizada, estratificada, composta pelo princípio de um novo individualismo francamente neoliberal que destrói o espaço público e esvazia progressivamente a ação política (p.29).

Comunicar-se é uma necessidade para fazer parte, mas essa comunicação, que se dá acerca da privacidade compartilhada, não pressupõe preocupações ou encaminhamentos de questões coletivas. O coletivo não representa, necessariamente, ponto de interesses comuns. Muitas vezes tem sido apenas a soma de interesses individuais. Outras vezes, há interesses comuns, entretanto, parecem estar mais ligados a gostos, preferências ou hábitos momentâneos, podendo ser modificados e promover o deslocamento dos sujeitos de um grupo a outro sucessivamente e a qualquer momento.

Segundo Bauman (2001), “a incerteza do presente é uma poderosa força individualizadora. Ela divide em vez de unir, e como não há maneira de dizer quem acordará no próximo dia em qual divisão, a idéia de ‘interesse comum’ fica cada vez mais nebulosa e perde todo valor prático” (BAUMAN, 2001, p. 172). Parece difícil ‘lutar’ por um grupo, ou por uma causa sem saber se amanhã existirá ainda este grupo ou a própria causa? Voltar-se para si torna-se um caminho mais seguro.

Já Lipovetsky (2005) afirma que “a figura última do individualismo não reside numa independência soberana associada, mas nas ligações e conexões com coletivos de interesses miniaturizados, hiperespecializados” (p.14-15). A rede que liga os sujeitos uns aos outros é

tecida com incontáveis e efêmeros nós que atam e desatam conforme o movimento dos ‘sujeitos líquidos’ contemporâneos.

O poema de Carlos Drummond de Andrade, publicado originalmente em 1930, foi escolhido pela jovem Audrey para a página de abertura do seu perfil no *Orkut* (disponível em 20/08/2010). O texto, embora produzido há muitos anos, vai ao encontro das idéias apresentadas por Bauman e Lipovetsky traduzindo a provisoriedade das coisas e das relações: “(...) Do sonho de eterno, fica esse gozo acre na boca ou na mente, sei lá, talvez no ar”. A escolha de Audrey ao resgatar o poema nos mostra a expressão de antigas sensibilidades reconfiguradas a partir de novas ferramentas, em um novo espaço.

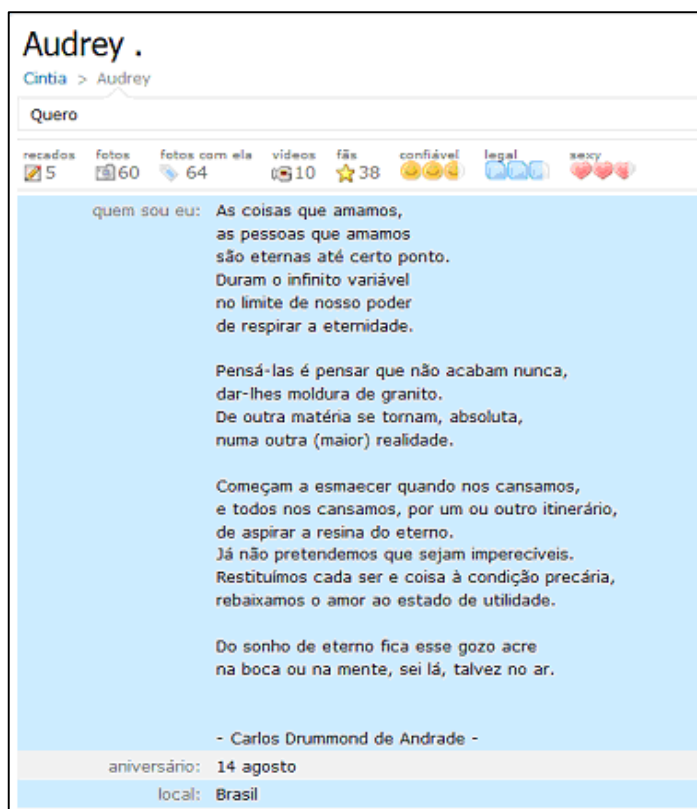


Figura 15 – Poema extraído da página de abertura do *Orkut* da jovem Audrey

Como salienta Bauman (2001),

Compromissos do tipo “até que a morte nos separe” se transformam em contratos do tipo “enquanto durar a satisfação”, temporais e transitórios por definição, por projeto e por impacto pragmático – e assim passíveis de ruptura unilateral, sempre que um dos parceiros perceba melhores oportunidades e maior valor fora da parceria do que em tentar salvá-la a qualquer – incalculável – custo (BAUMAN, 2001, p.187)

No perfil do jovem Marcinho, o poema apresentado, aponta na mesma direção, reforçando a idéia de viver o presente, podendo o sujeito modificar sua forma de agir ou pensar conforme cada dia.

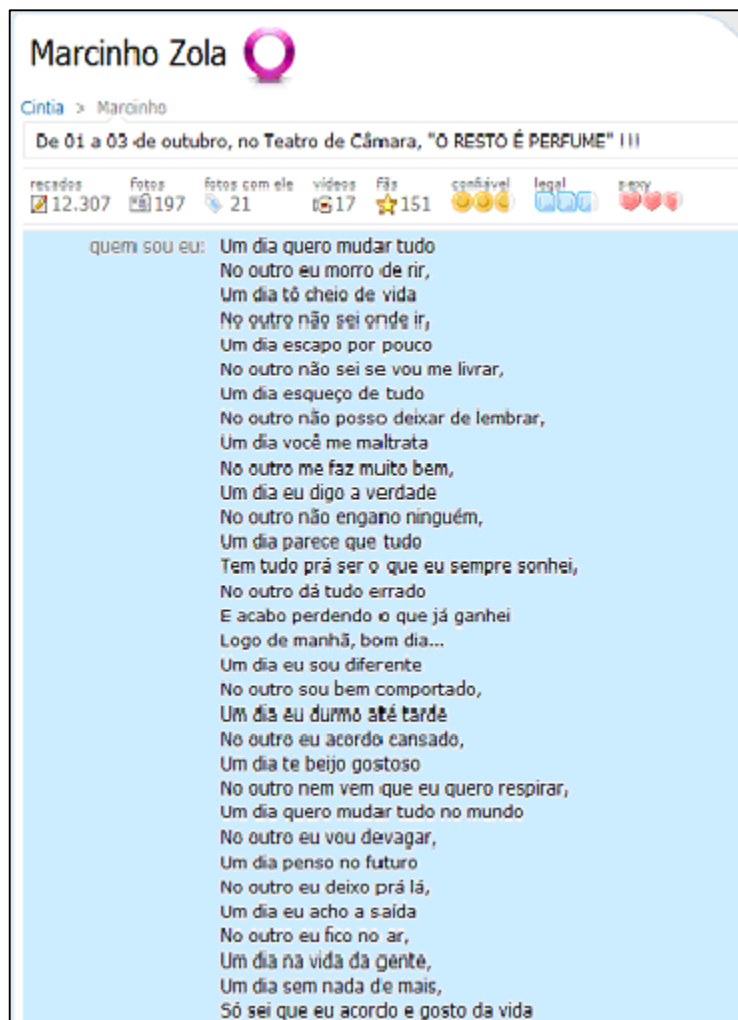


Figura 16 – Poema extraído da página de abertura do Orkut do jovem Marcinho

Como podemos visualizar a partir do poema, viver o presente parece ser a ordem do momento, da forma mais leve possível, sem juras eternas ou laços insolúveis, até porque os compromissos de hoje podem representar obstáculos para as oportunidades de amanhã (BAUMAN, 2001). Num mundo cheio de possibilidades de satisfação instantânea faz sentido deixar sempre a porta aberta para seguir outros caminhos.

A instantaneidade não impede que o presente vivido seja intenso e profundo. Pelo contrário, ela faz com que cada momento pareça ter capacidade infinita, significa que não

há limites para o que pode ser extraído de qualquer momento – por mais breve e fugaz que seja (BAUMAN, 2001, p.145). Essa intensidade é demonstrada pelos jovens das mais diversas formas, tanto no espaço virtual, como nas relações presenciais.

Certo dia, ao esperar o ônibus no final da linha do Centro de Porto Alegre, assisti a uma cena que, por ilustrar esse sentimento híbrido de instantaneidade e intensidade, registrei em meu diário de campo:

**Observando expressões de afeto**

O casal de jovens beijava-se longamente. Entre um beijo e outro, trocavam olhares silenciosos e profundos, seguidos de calorosos abraços. Ele estava com uma pequena mochila nas costas. Logo pensei: Vai viajar! Deve ser uma despedida! O ônibus não chegava nunca e a cena se repetia na minha frente com tanta intensidade que confesso que chegava a causar certo desconforto. Pensei: Que triste essas despedidas! Quanto tempo ficarão agora sem se ver? O ônibus chegou. Alheios a tudo e a todos o casal entregou-se longamente ao último beijo. Ele entrou no ônibus e ela disse: Não se esquece de levar o meu livro amanhã. Nos falamos à noite! Ele não desceu na rodoviária... Não ia viajar. Eram 19h. Eles se encontrariam na manhã seguinte e se fariam à noite!!! (Excerto do Diário de Campo, março de 2009)

Cenas como essa relatada no excerto são recorrentes no cotidiano dos jovens. A intensidade demonstrada dá tamanha dimensão àquele dado momento, que parece ser o último a ser vivido. Essa característica sempre esteve presente nas práticas juvenis ao longo dos tempos. Emoções transbordando, euforia, paixões fulminantes, excessos emocionais naturezas diversas, sem dúvida, não são novidades da contemporaneidade. O que podemos observar hoje é uma combinação dessa característica marcante já conhecida, com o dinamismo e fluidez das relações instantâneas. Se em outros tempos a intensidade poderia ser um indicativo de durabilidade, hoje não é possível e nem faria sentido fazer essa associação.

Outra questão interessante a ser pensada a partir do excerto é a familiaridade com a exposição. O fato dos jovens viverem aquele momento como se estivessem a sós, esquecendo-se do mundo a sua volta pode ter relação com a naturalização de certas práticas como estar sempre sendo observado, filmado, fotografado, gravado ou ainda com o imperativo de mostrar-se que orienta os sujeitos todo o tempo a mostrarem o que sentem, o que pensam, o que fazem, com quem andam, onde andam, etc. No espaço do *Orkut* são compartilhadas pelos sujeitos-jovens muitas informações que, de certa forma, atendem a

esta exigência de dar satisfação da sua vida privada. Um exemplo disso é o item relacionamento que indica se o jovem está namorando, solteiro ou ainda que prefere não assumir publicamente sua situação afetiva.

A partir dos perfis do Orkut (acessados em 22/09/2010) podemos saber, lendo o *status* colocado no item ‘relacionamento’, que Frederico e Gianluca, estão namorando alguém e decidiram tornar isso público.

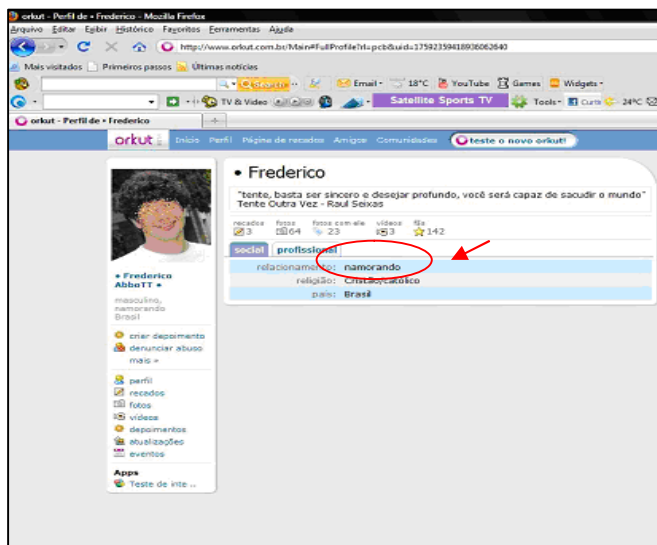
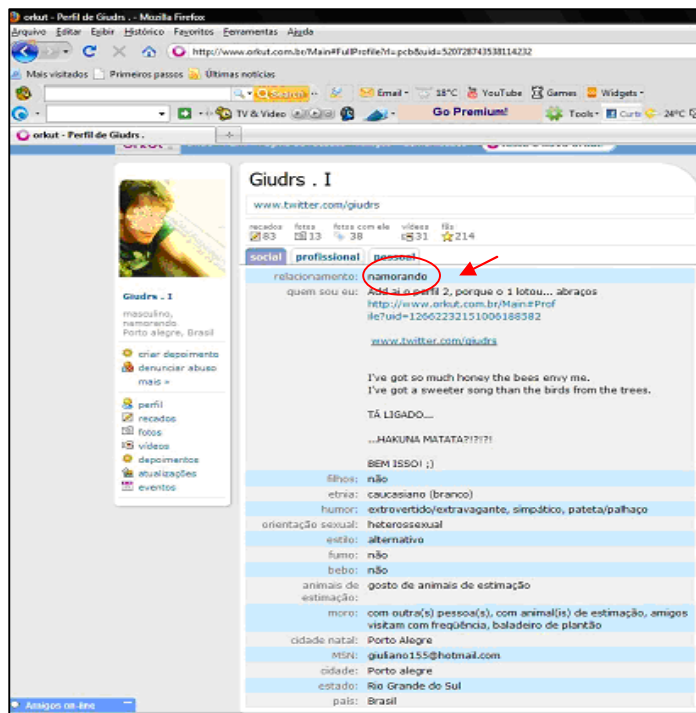


Figura 17– Página de abertura do perfil do jovem Frederico com o *status* ‘namorando’

Figura 18– Página de abertura do perfil do jovem Giudrs I com o *status* ‘namorando’





Por outro lado, Audrey e Marcinho preferiram não divulgar essa informação em seu perfil. Talvez não estejam namorando, ou estejam e não queiram tornar público seus relacionamentos.

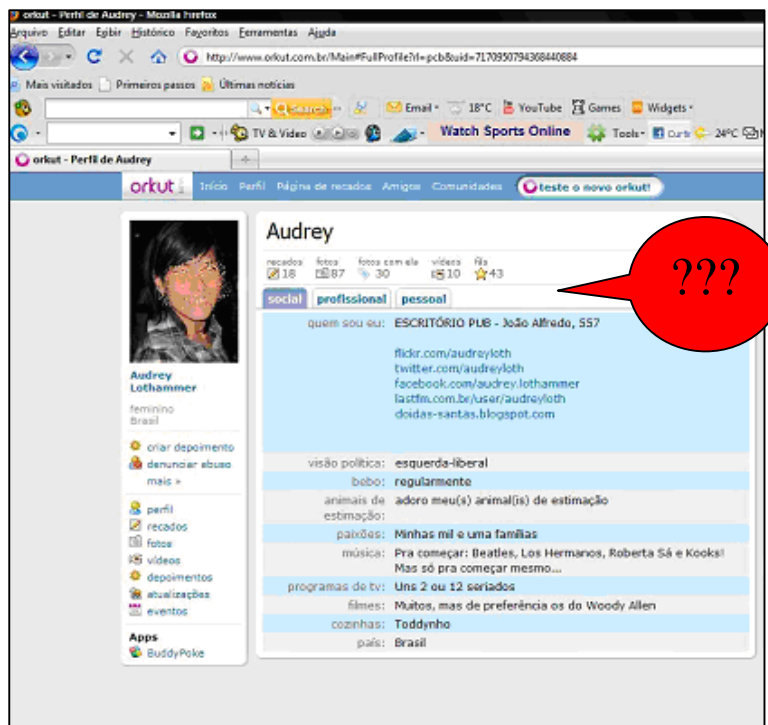
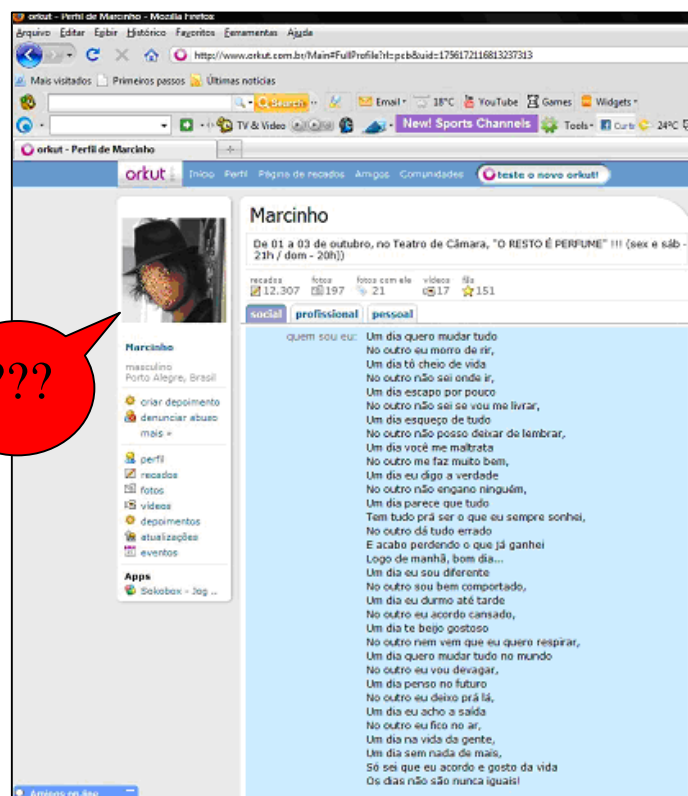


Figura 21 – Página de abertura do perfil da jovem Audrey sem indicação do status ‘relacionamento’

Figura 22 – Página de abertura do perfil do jovem Marcinho sem indicação do status ‘relacionamento’





A simples informação expressa ou não no perfil pode trazer implicações que ultrapassam a tela do computador e perpassam as relações presenciais. Como exemplo disso, trago uma situação vivenciada por Aninha cujo registro consta em meu diário de campo.

#### **Observando o fim de um namoro pelo *Orkut***

Apesar do calor de 40 graus, Aninha estava fechada em seu quarto chorando muito. A mãe entrava e saía do quarto sem entender bem o que estava acontecendo. Afinal, o namoro havia terminado há mais de uma semana e somente agora Aninha estava em 'crise'?! Aos poucos foi se acalmando e, ainda entre lágrimas, relatou: Até hoje de manhã eu tinha esperanças, porque no perfil dele ainda aparecia "namorando". Agora ele mudou e está "solteiro"! Não tem jeito! Acabou mesmo!!! (Excerto do Diário de Campo, fevereiro de 2010)

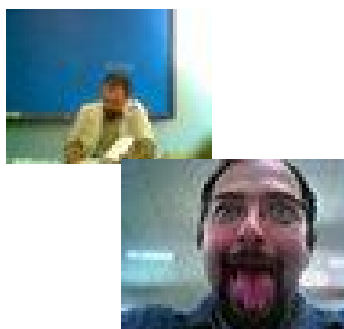
Ao clicar na opção 'solteiro' e salvar o novo *status*, o jovem comunicou publicamente que o namoro havia terminado. Essa informação carregada de significado para ele, para outros e especialmente para Aninha criou um peso de fato consumado e definitivo ao ser publicizada. Talvez para muitos, essa mudança tenha passado despercebida ou sendo notada não tenha a menor importância. Entretanto, na relação entre os dois, compartilhada em alguma medida com os amigos (pelo menos com os mais próximos) que ocupam o espaço virtual e presencial, a atitude tomada através de um clique fez toda a diferença.

Considero que a privacidade compartilhada no *Orkut* é uma prática indispensável ao pertencimento. Embora o site proporcione a comunicação mais específica entre sujeitos através dos recados, ou mesmo pela possibilidade de conversas on-line, o perfil não teria razão de existir sem o preenchimento das informações que compõem a identidade virtual ou sem as devidas atualizações, que dão ao grupo de amigos notícias sobre o que o dono do perfil tem pensado ou feito. Se o objetivo fosse exclusivamente enviar recados ou conversar com os amigos virtuais, os jovens poderiam simplesmente utilizar o e-mail ou o *msn*, sem a necessidade de criarem perfis no *Orkut*. O diferencial desta ferramenta está na composição da forma mais completa possível de uma identidade virtual, com as características que cada sujeito seleciona para mostrar de si e com as respectivas atualizações, que buscam traduzir o momento de vida em que se encontram, ou que desejam parecer se encontrar.

Na composição do perfil, cada detalhe traz a público uma idéia de si que o sujeito pretende demonstrar. Observei que a foto escolhida pelos jovens-sujeitos dessa pesquisa

para representá-los era trocada com bastante frequência e contribuía, de alguma forma, para ratificar o que os demais elementos presentes no perfil expressavam. Embora não fosse trabalhar com análise de imagens e tivesse decidido manter em sigilo neste estudo a identidade visual dos jovens, considerei que seria interessante explorar um pouco este aspecto observado. Assim, enviei aos professores que adicionei no início do estudo – e não aos jovens, mantendo suas identidades preservadas - pelo próprio *Orkut*, uma questão visando colher alguns subsídios: *Gostaria de saber um pouco sobre a fotografia que cada um escolheu para colocar no seu perfil. Por que esta fotografia? Como foi essa escolha?* Os professores enviaram as seguintes respostas:

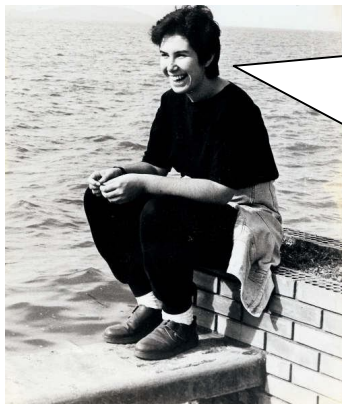
Eu tenho dois perfis! No primeiro (o mais cheio) a foto foi tirada pelos alunos do CMPA [Colégio Militar de POA] no ano passado (alunos do 1º ano). Eles fizeram a auréola sem eu perceber e tiraram a foto. Depois me mostraram e eu achei de uma criatividade enorme. Aí pedi para me enviarem e coloquei no meu perfil.



No segundo perfil tem uma foto velha, no refeitório do Americano [Colégio] (há uns quatro anos). Gosto dela por achar que se "parece comigo" - língua pra fora, meio

Bom, essa foto foi tirada em 2004 na Patagônia. Para mim simboliza algo de extrema importância: viajar e conhecer lugares distantes e impressionantes como esse. Portanto, a foto mostra aquilo que sou mais profundamente: um viajante em todos os sentidos... Hehe. Era isso? Beijão! (Prof. Ramirinho)





Eu escolhi essa foto por muitas razões:

- eu estava cansada da anterior;
- é uma das mais bonitas que tenho;
- foi minha primeira digitalização;
- tem um lado nostálgico, afinal, faz mais de 10 anos que foi tirada;
- mostra como eu era gaaaaaaata e como a beira da praia de Guaíba é bonita;
- tem um lado META (vou voltar a ser assim "magrinha");
- tem uma certa "história";
- e, finalmente, amo fotos em preto e branco.

(Profª Pati)

A foto escolhida foi a primeira que tirei depois dessa minha nova vida [de Orkuteira], foi logo que cheguei a Poa. Escolhi esta porque queria uma foto atual, e além do mais me achei bonita nela, e toda vez que olho pra ela lembro que a meu lado esta minha mana, que eu cortei naturalmente. Nunca troquei de foto, mas a gurizada vive trocando a deles!!!



As respostas dos professores demonstram a escolha da imagem com um propósito bem maior do que sua simples identificação. Segundo cada um deles, a imagem escolhida representa o que são, o que gostariam de mostrar que são ou mesmo o que gostariam de ser: professor, meio maluco, viajante em todos os sentidos, bonita, iniciando vida nova, gata, nostálgica, com uma meta de vida. No perfil dos jovens pode-se constatar o mesmo, entretanto, observam-se constantes mudanças - mais frequentes do que no perfil dos professores - refletindo o dinamismo e a fluidez característicos dos sujeitos-jovens contemporâneos.

Mas por que tanto empenho em mostrar e legitimar sua identidade virtual, expor seu modo de pensar, seus sentimentos, seu momento de vida, atualizando a página com bastante frequência, como se todos os dias, a qualquer momento o perfil pudesse ser lido?

O conteúdo exposto no *Orkut* está lá para ser visto. Não há como saber ao certo se alguém irá acessá-lo ou não, mas sabe-se que a qualquer momento isso pode acontecer e essa perspectiva é suficiente para que o dono do perfil o mantenha atualizado, em condições de ser visto.

A constante sensação de estar sendo observado remete inicialmente ao conceito de panóptico, termo utilizado pelo filósofo Jeremy Bentham em 1785 para designar um centro penitenciário ideal desenhado por ele. O formato planejado permitia a um vigilante observar todos os prisioneiros sem que estes pudessem saber se estavam ou não sendo observados. O termo é utilizado na obra *Vigiar e Punir*, de Michel Foucault (2004), para tratar da sociedade disciplinar, e por teóricos que tratam das novas tecnologias, como Pierre Lévy (1996;1999), para designar o possível controle exercido pelos novos meios de informação sobre seus usuários. A partir da possibilidade de estarem sendo observados, os usuários do *Orkut* são disciplinados a manterem seus perfis conforme desejam mostrá-los.

Em alguns sites de relacionamento, como o *Facebook*, foram desenvolvidos mecanismos que garantem ao usuário maior visibilidade em relação às suas atualizações e às atualizações dos seus amigos. Cada atualização feita pode ser vista no mural, que aparece antes mesmo da abertura do perfil. Além disso, o usuário do site recebe e-mails, que são enviados automaticamente, avisando cada atualização feita no dia. Também são enviados avisos por e-mail sobre convites de amizade aceitos, comentários, etc. Enfim, exceto se o usuário optar por não receber as atualizações do site estará acompanhando todos os movimentos realizados pelos seus amigos e em alguns casos, dos amigos deles.

O *Orkut* não oferece o mesmo dispositivo de aviso aos usuários sobre as atualizações dos amigos. Entendo que este é um dos possíveis motivos do interesse dos usuários do *Orkut* pelo uso concomitante ou mesmo pela migração para o *Facebook*, pois através deste, se tem acesso às atualizações e quanto mais recursos de informação sobre o grupo de amigos, mais fácil torna-se estar atualizado e, com isso, poder responder ao imperativo da conexão.

Vale salientar que estar conectado, ser visto ou pensar ser visto todo o tempo na rede não é suficiente. É preciso mostrar o que ‘deve’ ser visto, com certa ênfase, para que, de

alguma forma, seja garantido o pertencimento de cada sujeito ao grupo. Conforme Diogo e Sibilía (2005) (in COUTO e ROCHA, 2005), no espaço do *Orkut* “as pessoas precisam ser vistas para poderem realmente existir: precisam conquistar a visibilidade para ‘ser alguém’. Por isso, no perfil dos usuários dessa rede de relacionamentos, cada um só é aquilo que mostra de si”. No mundo contemporâneo a verdade é o que mostramos!

Monteiro (2007) afirma que a comunicação contemporânea, estruturada em rede, se reflete na forma dos indivíduos se relacionarem. Esclarece que, no paradigma da modernidade, “o modelo de conhecimento seria o da *representação*, onde a idéia de verdade corresponderia a uma imagem exterior que se procura formar como verdadeira”, porém, na contemporaneidade, o modelo é o da *simulação*, “comprometido com as idéias de eficácia e de realidade como o que se cria e se modifica no processo de comunicação” (MOTTEIRO APUD LEVY 1999, p.170). Assim, podemos entender que a comunicação é hoje uma ferramenta de criação, inclusive de sujeitos e de verdades, a partir da qual se estabelecem laços de afeto e práticas de socialidade.

### 3.1. *EU QUERO TER UM MILHÃO DE AMIGOS!* FORMAS DE PERTENCIMENTO NO *ORKUT*

Nos meus primeiros contatos com o *Orkut*, visualizando a quantidade de amigos adicionados em cada perfil, não pude deixar de lembrar da conhecida canção de Roberto Carlos intitulada *Eu quero apenas* - gravada em 1974, que dizia “...eu quero ter um milhão de amigos e bem mais forte poder cantar”. Embora a composição tenha sido feita na década de setenta (1974), pareceu-me muito adequada para referir a atual prática de colecionar amigos no espaço virtual. Assim, empreguei a expressão do compositor para intitular este capítulo.

Partindo deste contexto no qual a soma representativa de integrantes do grupo parece ser fundamental, muitos são os investimentos que podemos observar no sentido de marcar a diferença, ou seja, mostrar certa autenticidade, algo que expresse de alguma forma não ser apenas mais um no bando. Num mundo de variedades e oportunidades parece ser necessário buscar diferenciais. Ser igual, nesse sentido pode tornar-se sinônimo de ser ninguém. Temos a impressão de que ‘para no ar’ o tempo todo a pergunta: o que você tem

de diferente? Como resposta, assiste-se a um *show* de excentricidades, exotismos ou ‘mesmices’ reconfiguradas na tentativa incessante de representar um sujeito ‘único’, que faz a diferença. Por outro lado, percebemos esforços por parte dos jovens na direção de fazer parte do grupo, pertencer, estar junto aos iguais. Esse ‘estar junto’ não é algo novo, mas certamente, apresenta-se na contemporaneidade de uma forma reconfigurada a partir das possibilidades oferecidas pelos recursos tecnológicos e, em especial, pelas redes sociais.

Maffesoli (2003) afirma que “o eu se perde no outro” (p.119). Conforme o autor, esse século é marcado por uma extrema socialidade cujo “denominador é uma co-presença mais ou menos teatral. Faz aparecer o outro. Faz parecer diante do outro. Não há vida social sem isso” (MAFFESOLI, 2003, p.129). Nesse caso, entendo que o outro pode ser compreendido como o ‘outro mesmo’, que seria o outro dentro do mesmo grupo, a partir do qual se desenvolve um processo de identificação, aceitação e pertencimento. Entretanto, penso ser importante também considerar a noção do outro como aquele diferente, de quem depende a construção das identidades pelo seu caráter relacional. Em qualquer uma das formas, o outro está sempre presente e é necessário para a existência dos sujeitos. O ‘outro mesmo’ mostra como gostaríamos de ser, quem queremos parecer e as escolhas às quais nos sujeitamos. O outro diferente mostra como não gostaríamos de ser, quem não queremos parecer e as escolhas às quais resistimos. Nossas identidades, desse modo, são construções relacionais, ou seja, que se relacionam todo o tempo com diversos outros.

Conforme Maffesoli (2004)

Ao participar com os outros da totalidade ambiente, torno-me uma coisa entre as outras, um objeto subjetivo. [...] coexisto num conjunto em que tudo compõe um corpo: coexisto, é claro, com os outros que me constituem no que sou, mas coexisto também com a multiplicidade de objetos sem os quais a existência contemporânea já não é concebível. (MAFFESOLI, 2004, p.75),

O sujeito contemporâneo se constitui no espaço compartilhado, na participação coletiva, no mundo dos objetos e das representações. “A ênfase recai sobre uma perspectiva global que integre a vivência, a paixão, o sentimento comum” (MAFFESOLI, 2004, p.85). Laços de reciprocidade são tecidos entre os sujeitos de modo que o entrecruzamento de suas ações, das situações e dos afetos formem um todo. Sob este aspecto, a construção do

sujeito pode ser considerada uma obra coletiva. As condições de pertencimento ao grupo desejado vão mostrando ao sujeito as identidades que deve ou não assumir para si.

Audrey define o item “quem sou eu” na página de abertura do seu perfil do *Orkut* da seguinte forma:



Figura 23 - Recorte da página de abertura do perfil de Audrey em 2011

Segundo a jovem Audrey, ela é os ‘lugares que habita’ no espaço virtual, o que lá escreve, o que lá é escrito sobre ela, as imagens que publica, o grupo de amigos ao qual está ligada, as comunidades das quais participa, as ações que compartilha, seus afetos.

Nessa direção, Ratto (2006) refere que “as comunidades tornaram-se os albergues onde podemos desfilarmos nossas vivências mais íntimas e particulares” (p.34). É nas comunidades que os sujeitos contemporâneos encontram espaço para compartilhar experiências e afetos. Num mundo em que nada mais parece seguro, os sujeitos buscam grupos aos quais possam pertencer operando práticas de socialidade associadas a certa ideia de segurança. As barreiras da distância são superadas e os laços de afeto consistem praticamente em único fator determinante da continuidade na comunicação entre os jovens do espaço virtual e das expressões de sentimentos compartilhadas.

Segundo Lévy (1999), uma comunidade virtual é construída “sobre as afinidades de interesses, de conhecimento, sobre projetos mútuos, em processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades e das filiações institucionais (p.127)”, por isso a importância de dividir experiências, partilhar informações e conhecimentos. As relações entre os sujeitos contemporâneos são constituídas nesse contexto de

compartilhamento e interconexão com o outro. O depoimento a seguir, extraído do perfil da jovem Lana nos faz refletir sobre isso.

Alexandre: Lana, sabe, eu tava sem dormir na cama, pensando na vida, na minha ida e tudo mais, e eu pensei que talvez eu não tivesse deixado claro pra ti o quanto tu é importante pra mim, e o quanto eu gosto de ti, tu é mais que uma irmã pra mim, tu é minha amiga de verdade, daquelas que eu quero, e sei que posso contar pra vida toda. Tu, mais o amarel, são como uma família pra mim, e foram, muitas vezes, melhores comigo do que a minha própria família. Talvez o maior problema da minha viagem sejam as saudades, mas não do meu pai, do meu irmão, ou da minha mãe, a saudade que vai bater forte mesmo, é tua e do pessoal, como tu disse hoje, a gente cresceu junto e essa fase foi muito importante pra mim, vocês foram o meu suporte, e eu queria de coração agradecer por isso. Enfim, nem sei porque eu escrevi isso, mas eu tinha que escrever.

Te amo muito :)

PS: quanto a aceitar, não precisa, mas eu tinha que te escrever isso :)

Figura 24: Depoimento extraído do perfil de Lana em 2011

O amigo Alexandre demonstra através do seu depoimento o quanto tem sentimento de amizade por Lana e refere-se a esse sentimento como algo mais forte do que os laços familiares construídos com pai, mãe ou irmão. Compreende que a amiga foi um “suporte”, que lhe deu segurança na etapa de crescimento pela qual passaram juntos.

Numa outra perspectiva a respeito do conceito de comunidade, Bauman (2003) sugere que as comunidades contemporâneas sejam espécies de “guetos voluntários” [grifo do autor], nos quais os sujeitos submetem-se a um confinamento espacial e social a partir do seu desejo de pertencimento e proteção. Tais guetos, ao contrário dos genuínos que impedem seus habitantes de sair, têm por finalidade básica evitar que os de fora entrem. Os habitantes dos guetos voluntários podem entrar e sair à vontade, embora não necessariamente o façam, pois se pode observar que, quanto mais seguros os sujeitos se sentem dentro de seus confinamentos, menos familiar e mais ameaçador parece o seu exterior. Segundo o autor, as emoções geradas pela incerteza da modernidade líquida se canalizam numa frenética busca da segurança em comunidade.



O depoimento postado por Renata no perfil de Audrey mostra a expressão desse sentimento de segurança, desejado pelos sujeitos:

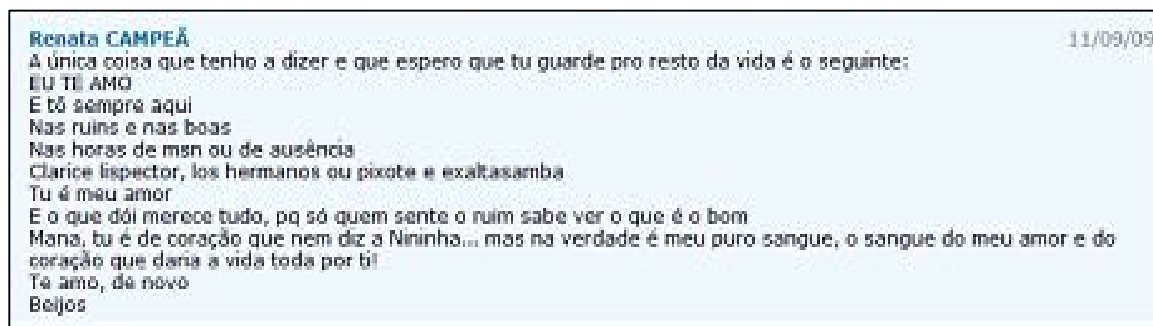


Figura 25: Depoimento extraído do perfil de Audrey em 2009.

Renata, em seu depoimento postado no perfil de Audrey salienta sua presença em todas as horas – “nas ruins e nas boas... nas horas de msn<sup>19</sup> ou de ausência” – e o amor que sente pela irmã. Afirma que daria a vida por ela e, com isso, parece construir uma relação de segurança e proteção.

Para Bauman (2001) a comunidade hoje seria “a última relíquia das utopias da boa sociedade de outrora” (BAUMAN, 2001, p.108), quando se sonhava com uma vida melhor, compartilhada com amigos e vizinhos, respeitando as melhores regras de convivência. Nessa proposição, guetos voluntários ou comunidades proliferam cada vez mais na nossa sociedade, ampliando incessantemente os diferenciais que podem oferecer. Condomínios fechados oferecem as mais variadas opções de lazer, além de elaborado sistema de segurança. Alguns incluem até mesmo conjuntos comerciais, para que os moradores possam exercer suas atividades profissionais sem sair dos muros da comunidade. Algumas escolas privadas também já migraram para estes espaços, confinando os corpos e as relações dos pequenos moradores ao minimundo adquirido por seus pais.

Para mudar de ‘ares’ fora dos condomínios, ou para quem não tem o ‘privilégio’ de fazer parte deles, mas tem condições de investir, há outros espaços planejados como guetos temporários. Estes guetos ou templos de consumo, segundo Bauman (2001), podem ser compreendidos como “não lugares”, onde estranhos se encontram, mas aproximam-se apenas o suficiente para satisfazer seu desejo comum de consumir segurança e

pertencimento. A exemplo disso temos *shoppings*, clubes, parques fechados, e tantos outros espaços criados a cada instante para reunir ‘iguais’ e preservar os sujeitos do outro, como por exemplo, os sites de relacionamento no espaço virtual.

A garantia da segurança proporcionada pelo confinamento tem um custo alto: a própria liberdade. Muros, grades, paredes, guardas, câmeras, escutas, roletas, detectores de metais, alarmes, sensores e muitas outras ‘maravilhas’ da alta tecnologia procuram dar conta de manter os sujeitos seguros em suas comunidades, nem tão livres assim. A cada movimento do outro, que permanece fora do confinamento, de aproximar-se e invadir a privacidade construída, novos mecanismos são criados e os sujeitos vão sendo seduzidos pelas confortáveis e felizes prisões contemporâneas. No espaço virtual, é possível ultrapassar os muros do confinamento, com certa segurança. Solução muito adequada a tempos em que a realidade presencial desafia a possibilidade dos sujeitos sentirem-se efetivamente seguros.

Mathiesen (2000 *apud* BAUMAN, 2001, p.100-101), sugere que estamos passando por uma mudança de sociedade do “estilo panóptico” para uma sociedade do “estilo sinóptico”, ou seja, não são poucos que observam muitos, mas sim muitos que observam poucos. Segundo Bauman (2001),

Os espetáculos tomam o lugar da supervisão sem perder o poder disciplinador do antecessor. A obediência aos padrões [...] tende a ser alcançada hoje em dia pela tentação e pela sedução e não mais pela coerção – e aparece sob o disfarce do livre-arbítrio, em vez de revelar-se como força externa” (BAUMAN, 2001, p.101).

Partindo do conceito de panóptico proposto por Bentham, penso que o espaço dos sites de relacionamento, como o *Orkut*, reproduzem a idéia do panóptico no sentido de promover a sensação de estar sendo constantemente observado - mesmo quando isso não está necessariamente ocorrendo - e agir em resposta a esta sensação, postando com intencionalidade o que deve ou pode ser visto. Considerando a reflexão de Mathiesen, concordo que sejam muitos a observar, porém, entendo que os observados hoje também são muitos e o número de sujeitos inseridos no espetáculo virtual amplia a passos largos. Bauman, a partir de Mathiesen, ao ponderar que o poder disciplinador é exercido ainda, não

---

19 A sigla MSN refere-se ao Messenger, um programa de mensagens instantâneas criado pela Microsoft Corporation em 1999.

mais pela coerção, mas pela sedução, nos traz de alguma forma uma explicação para o fato de termos uma realidade de muitos observando muitos.

Bernardo, em sua página de abertura refere-se ao constante julgamento ao qual os sujeitos contemporâneos estão submetidos: “ter opinião – revoltado; ficar na sua – covarde; não gostar – inveja; gostar – pagar pau”. Para cada atitude, um julgamento.

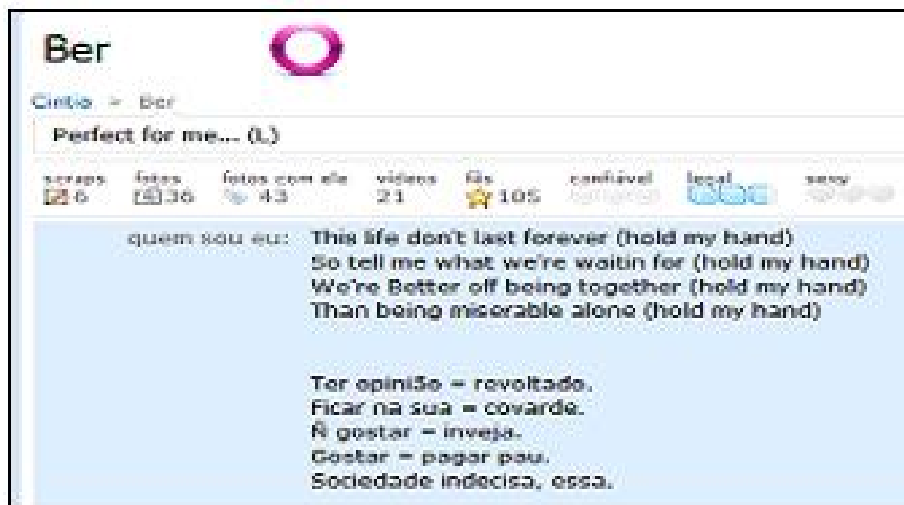


Figura 26 - Texto extraído da página de abertura do perfil de Bernardo

A visibilidade é sedutora, ser observado por muitos parece ser interessante aos sujeitos que habitam o espaço virtual. No entanto, cada observador tem o seu julgamento sobre aquilo que vê, nem sempre estando de acordo com o julgamento de outros sujeitos. A impossibilidade de agradar a todos se apresenta traduzida no trecho final do perfil de Bernardo, apresentado anteriormente: “sociedade indecisa essa!”

A internet abre a janela para observadores e observados. Se por um lado reproduz o modelo de guetos ou comunidades, controlando os sujeitos a partir de um estilo sinóptico, por outro lado, subverte o esquema de segurança cuidadosamente planejado para impedir a entrada do outro e torna-se um palco de espetáculos da vida privada.

O modelo de comunidade se dá na medida em que os *blogs*, sites de relacionamento, e-mails e outras ferramentas de comunicação disponíveis no espaço virtual oferecem dispositivos de segurança que permitem aos usuários manter determinado grupo fechado, aceitando ou não a entrada de cada membro mediante critérios estabelecidos explícita ou

implicitamente pelo grupo. As ações dos sujeitos postadas no espaço da comunidade são acompanhadas e avaliadas por todos os demais integrantes. Caso seja preciso, membros podem ser excluídos à qualquer momento pelos líderes ou criadores das mesmas. Além disso, é possível restringir total ou parcialmente o conteúdo postado somente àqueles que pertencem ao grupo, ou ainda divulgar amplamente para qualquer público.

O esquema de segurança é subvertido na medida que no espaço virtual os sujeitos podem criar suas identidades conforme desejarem, mesmo que a identidade divulgada não corresponda às identidades que assumem nos espaços presenciais. Por borrar as fronteiras de tempo e espaço, a internet proporciona ainda que os sujeitos escapem de seus guetos presenciais e juntem-se aos amigos ou aos estranhos expondo informações de sua vida privada. É possível também que comunidades sejam criadas a qualquer momento, por qualquer sujeito para expressar sua opinião favorável ou desfavorável em relação a outros. Na medida em que são desenvolvidos novos mecanismos de segurança no espaço virtual, são descobertas formas de burlar o sistema. De alguma forma, o ‘outro’ avança no espaço privado dos sujeitos quebrando as regras que eventualmente poderiam mantê-lo do lado de fora.

Muitos têm sido os problemas gerados nas redes sociais e solucionados no meio jurídico. Sem controle do conteúdo das inúmeras postagens no espaço virtual, criadores sofrem as conseqüências da própria criação. Os ‘milhões de amigos’ nem sempre expressam bons sentimentos de amizade e as ferramentas disponibilizadas no espaço virtual servem também a propósitos como constranger, ofender ou depreciar o outro.

A matéria a seguir, publicada na Internet em dezembro de 2011 é apenas um exemplo dos incontáveis casos que saem das telas dos computadores para o espaço presencial dos tribunais de justiça:

**NOTÍCIA** 27 dezembro 2011

## Google é condenado por comunidade ofensiva no Orkut

Em decisão unânime, os desembargadores da 6ª Câmara Cível do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul **condenaram** a Google Brasil a pagar indenização por danos morais a internauta que passou por constrangimentos por causa de uma comunidade virtual criada com o seu nome. O juízo de primeiro grau determinou o pagamento de indenização no valor de R\$ 5 mil, confirmado em grau recursal. A decisão é do dia 15 de dezembro.

A autora da ação narrou que descobriu, por meio de amigos, que havia sido criada uma comunidade virtual, com o seu nome, no site de relacionamentos *Orkut*. O conteúdo era ofensivo, com o objetivo de humilhá-la. Conforme o processo, o título da comunidade era *Dtesto essa Aline Loca!*. Uma foto da autora da ação a identificava na página da comunidade, onde havia as frases “bebe que nem um cão” e “desrespeita a humanidade”.

A autora tentou, por diversas vezes, entrar em contato com a empresa para retirar a comunidade do site de relacionamentos, mas não obteve êxito. Em função do abalo moral sofrido, ingressou na Justiça com pedido de liminar para excluir a comunidade do *Orkut*, bem como obter pagamento de indenização por danos morais.

O processo tramitou na Comarca de São Luiz Gonzaga (RS). O juiz de Direito Luís Antônio de Abreu Johnson, da 2ª Vara Cível, julgou procedente o pedido, por entender que, da análise do conteúdo, vislumbra-se a existência de “afirmações ofensivas à imagem e à honra da autora, através de críticas depreciativas”. Por isso, condenou a Google a pagar R\$ 5 mil de indenização a título de danos morais, além de excluir a comunidade do *Orkut*.

Na fase recursal, o juiz convocado Léo Romi Pilau Júnior, que relatou o processo, disse que devem ser aplicadas ao caso as normas do Código de Defesa do Consumidor (CDC). “Ainda que esses serviços sejam fornecidos a título gratuito, trata-se de atividade de risco, com a qual a ré auferiu lucro”, afirmou o desembargador. *Com informações da Assessoria de Imprensa do TJ-RS.*

Disponível em <http://www.conjur.com.br/2011-dez-27/tj-rs-condena-google-nao-retirar-comunidade-orkut-em-dez/2011>.

A legislação, elaborada a partir de outro conceito de espaço e tempo – o espaço presencial e o tempo do relógio – apresenta-se frágil frente às questões que envolvem a internet. Passos lentos são dados na tentativa de garantir o direito dos cidadãos na realidade fluída da contemporaneidade. Ao mesmo tempo, ‘regras’ de ‘sobrevivência’ e manutenção da imagem pública desejada no espaço virtual vão surgindo na informalidade e consolidando-se pela naturalização das práticas dos sujeitos.

As comunidades ou grupos vinculados às redes sociais são criadas a todo o momento por usuários ou mesmo por instituições como clubes, empresas, escolas, etc. A ligação dos sujeitos às comunidades contribui na composição de identidades virtuais na medida em que, ao escolherem ou criarem determinadas comunidades, dão pistas do que gostam, acreditam ou pretendem mostrar como parte de si. Da mesma forma, expressam o que não gostam, desprezam ou repudiam.

Tomando como referência o *Orkut* e os jovens sujeitos deste estudo, vale analisar algumas impressões que poderiam ser desencadeadas a partir da sua vinculação a determinadas comunidades:

**comunidades (323)**

POESIA VISUAL (491)	Teatro Renascença (84)	Unisinos (20.503)
Poesia Concreta (2.282)	Banda Dr. Robert (105)	Florbela Espanca (36.569)

[ver todas »](#)

Figura 27 – Página das comunidades do jovem Marcinho

**comunidades (90)**

Cansei de Ser Sexy(CSS) (40.390)	Albinismo mental (38.023)	Prazeres Amélie Poulain (32.490)
Hollow (57)	Bixos Famecos 2009/2 (173)	Cartolas (4.303)

[ver todas »](#)

Figura 28 – Página das comunidades da jovem Audrey



Figura 29 – Página das comunidades do jovem Bernardo

Poderíamos inferir que Marcinho é um jovem que aprecia todo o tipo de expressão artística - poesia, música, teatro. Audrey representa ser uma jovem de estilo mais *cult*, que se identifica predominantemente com comunidades voltadas à intelectualidade. Bernardo aparenta valorizar os vínculos que estabeleceu com os grupos dos quais fez ou faz parte. Algumas destas características são reforçadas por outras informações disponíveis nos perfis, como imagens, músicas, poemas e outros textos postados nas páginas de abertura. Outras não ficam tão evidenciadas e até denotam certa ambiguidade. De qualquer forma, as comunidades escolhidas pelos sujeitos-jovens, em conjunto com as demais informações publicadas no *Orkut*, parecem compor uma referência identitária pretendida pelo autor do perfil.

Sabe-se que as comunidades do *Orkut* são gerenciadas pelos usuários que as criaram, não oferecendo, na maioria dos casos, restrições a novos membros. A princípio, qualquer usuário pode vincular-se a elas e participar dos fóruns propostos ou mesmo criar novos fóruns. Afinal, quanto maior o número de membros, maior a credibilidade da comunidade neste espaço. Os títulos produzem por si só significados e representam de alguma forma, rótulos escolhidos pelos usuários para estamparem seu perfil, ainda que nem todos tenham

participação mais efetiva nas comunidades às quais se vinculam. A participação pode variar de um simples clique do mouse, que adiciona o título à composição denominada *minhas comunidades* do perfil, até o mais intenso posicionamento em relação às questões propostas para discussão.

Igualmente percebo os sites de relacionamento como o *Orkut* como comunidades ou guetos voluntários, pelo efetivo investimento dos sujeitos na garantia de seu pertencimento, alimentando seu perfil com pensamentos, músicas, fotografias, comunidades, jogos – conforme os recursos disponibilizados – e contando com os amigos que ao deixarem recados, depoimentos ou outros tipos de postagem, colaboram com a estatística que contabiliza fãs, e opiniões sobre ser popular, legal, confiável, *sexy*, *etc.*

Em relação a essa contabilização presente nas redes sociais, penso ser interessante apresentar alguns dados<sup>20</sup> extraídos dos perfis do *Orkut* analisados nesse estudo:

Sujeitos	Amigos	Amigos em comum comigo	Comunidades	Recados	Fotos	Fãs
<i>Audrey</i>	586	25	90	16	87	42
Ber	816	25	51	04	265	111
Frederico	844	29	30	04	64	140
Gianluca	791	23	597	9.241	79	141
Giudrs	991	28	161	85	13	213
Júlia	571	29	144	02	101	111
Lana	950	29	193	6.324	24	167
Luíza	894	21	23	0	50	143
Marcinho	987	29	323	12.317	200	151
Rodrigo	319	22	168	1.389	60	75

**Tabela 1 – Quantificação dos amigos, comunidades, recados e fãs dos perfis do *Orkut*.**

<sup>20</sup> Dados disponíveis em 26/09/2010 nos perfis do *Orkut*.



Os números expostos nos perfis dos sujeitos-jovens do *Orkut* remeteram-me, num primeiro momento, a determinadas suposições:

- Giudrs, Marcinho, Lana e Luíza parecem bastante populares pelo número de amigos e pelo número de usuários que se declaram seus fãs.
- Rodrigo, Júlia e Audrey tem menos amigos e fãs, demonstrando menos popularidade.
- Há uma estreita ligação entre todos os membros do grupo, considerando o número de amigos em comum (todos são ‘amigos de todos’).
- Ber, Frederico, Júlia e Luíza costumam apagar os recados após a leitura. Marcinho, Gianluca, Lana e Rodrigo preferem não apagar os recados e deixá-los expostos ao público.
- Ber e Marcinho parecem gostar de expor a própria imagem pelo número de fotos que postaram. Giudrs e Lana são mais reservados em relação a este aspecto.
- Gianluca e Marcinho vinculam-se mais facilmente às comunidades propostas do que Frederico e Luíza, que aparentam ser mais criteriosos.

No entanto, é importante tencionar a ‘verdade’ dos números para perceber a fragilidade das suposições iniciais desencadeadas a partir deste. É sensato afirmar que Rodrigo, por exemplo, é pouco popular porque tem ‘apenas’ trezentos e dezanove amigos adicionados no seu perfil do *Orkut*? Seria mesmo Giudrs o mais popular destes sujeitos por ter novecentos e noventa e uns amigos adicionados? Que outros indicativos de popularidade poderiam ser analisados? Qual a importância dos números expostos na constituição das identidades no espaço virtual? E fora deste espaço?

O que tentei demonstrar com esta breve análise foi o quanto os números podem produzir significados, ainda que diferentes, para os sujeitos. Traversini e Bello (2009) afirmam que os números expostos a público produzem um sedutor efeito, como se fossem inquestionáveis. Em nossa sociedade, o peso das estatísticas é tão significativo que chega a operar conduzindo opiniões, posicionamentos e tomada de decisões. Observamos, por

exemplo, nas campanhas eleitorais, que aqueles candidatos apontados pelas pesquisas desde o início como favoritos, acabam arrecadando os votos dos indecisos e outros, confirmando tal favoritismo nas urnas. Afinal, quem votaria em candidatos sem chance de ganhar. Parece mais lógico somar votos aos favoritos. No caso do *Orkut*, cada jovem ao fazer suas escolhas por apagar ou não os recados, deixar ou não recados para seus amigos, vincular-se a muitas ou a poucas comunidades, declarar-se ou não declarar-se fã de outros sujeitos, está escolhendo também de que forma irá contribuir com a contabilização ou fazer uso desta poderosa estratégia na construção das relações de pertencimento.

Os números saltam aos olhos e nos fazem pensar sobre o modo de compreender as relações afetivas na contemporaneidade. Rodrigo, segundo os dados contabilizados no *Orkut* é o jovem deste grupo com menos amigos, pois tem apenas trezentas e dezenove pessoas vinculadas ao seu perfil. Comparado a Giudrs, que tem novecentos e noventa e um ‘amigos’, Rodrigo parece ter um círculo de amizades bem restrito. No entanto, é preciso resistir um pouco à verdade incontestável da estatística para visualizar outras questões imbricadas na superficialidade das relações mensuráveis. Afinal, seria pouco popular um jovem que tem mais de trezentos ‘amigos’? De que amizade estamos falando?

Segundo Ortega (1999), o momento contemporâneo, mediante seus processos característicos de diferenciação, possibilita ‘escapar’ de vínculos orgânicos representados pela religião, família, matrimônio, trabalho e comunidade, os quais tradicionalmente garantiam a coesão de muitas sociedades, normatizando e institucionalizando as relações afetivas. A sociedade individualizada seria um cenário oportuno para a produção autônoma de relações íntimas mais criativas em vários âmbitos e interesses. O autor entende que hoje há uma experiência moral mais centrada na relação consigo do que num sistema social, jurídico ou institucional, semelhante ao que se observava na antigüidade. Nessa ótica, elaboração de uma nova ética, que para a maioria das pessoas não estaria ligada à religião, nem seria imposta por um sistema jurídico.

O depoimento postado no perfil do jovem Marcinho, que destaco a seguir, traz elementos importantes para análise dos aspectos mencionados.

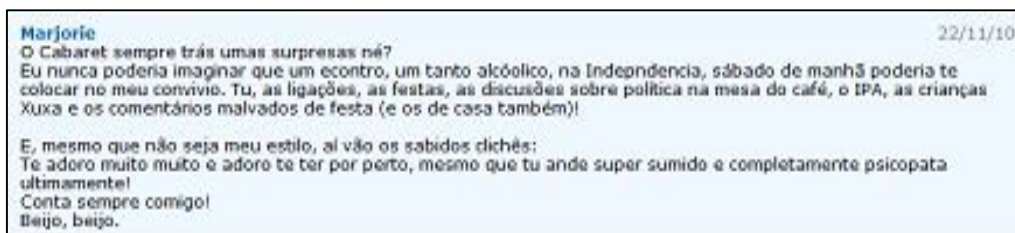


Figura 30 - Depoimento extraído do perfil de Marcinho em 2010

O *Cabaret* referido pela jovem Marjorie no depoimento trata-se da Casa Noturna *Cabaret Voltaire*, situada em bairro nobre de Porto Alegre e cujo nome foi inspirado no Clube Noturno *Cabaret Voltaire*, fundado na Suíça em 1916 com a proposta de oferecer um espaço aos artistas para a liberdade artística e experimentação. O local, freqüentado por jovens considerados ‘alternativos’ pelo visual retrô e estilo musical; segundo Marjorie, “sempre traz umas surpresas”. Recorda no texto o primeiro encontro com Marcinho, quando o mesmo se excedeu na bebida alcóolica e relata a ligação construída entre os dois a partir daí: telefonemas, festas, comentários maldosos e discussões políticas. Encerra utilizando frases que considera clichês, como “te adoro muito... adoro te ter por perto... conta sempre comigo”, mas que, mesmo assim, escolheu para expressar seus sentimentos.

O texto do depoimento deixa claro que práticas como consumir bebidas alcóolicas em excesso ou fazer comentários maldosos - condenáveis socialmente ou juridicamente, dependendo da situação - podem não causar estranhamento algum, sendo aceitas com naturalidade dentre jovens usuários de redes sociais. A forma tradicional de expressar os sentimentos, no entanto, é criticada, mas ainda escolhida como um meio de expressar afeto. Na relação consigo que sustenta a experiência moral da contemporaneidade, a jovem autora do depoimento julgou o que deveria justificar diante de seu grupo de amigos – o uso de clichês – o que não seria necessário justificar – o consumo de álcool – e o que era relevante – demonstrar o afeto que sentia. Como argumentou Ortega (1999), o julgamento de valores não foi baseado em vínculos orgânicos, como família, religião ou comunidade no sentido mais amplo da palavra, mas sim na relação consigo e com o grupo de iguais.

Ortega (1999) assinala que a amizade seria a forma de existência pensada por Foucault para uma possível atualização da antiga ética da existência, mediante a sexualidade, a qual teria, através de um trabalho sobre si mesmo, a forma de amizade. Para o autor, a reflexão foucaultiana consiste num apelo à experimentação de outras formas de socialidade e de comunidade, sobretudo como alternativa aos modelos tradicionais de relacionamento.

Em Foucault, a amizade “não é vista como uma forma de relação e de comunicação além das relações de poder; representa antes um jogo agonístico e estratégico, que consiste em agir com a mínima quantidade de domínio. Falar de amizade é falar de multiplicidade, intensidade, experimentação, desterritorialização” (FOUCAULT apud ORTEGA, 1999, p.157). A amizade possibilitaria a constituição da comunidade e da sociedade a nível individual, pautada num tipo de relação livre e não institucionalizada. Desse modo, ao contrário de assumir um caráter individualista, a intensificação da relação consigo construída na relação com o outro parece resultar numa intensificação das relações sociais. Como salienta Ortega (2000),

O projeto foucaultiano de uma ética da amizade no contexto de uma possível atualização da estética da existência permite transcender o quadro de auto-elaboração individual para se colocar numa dimensão coletiva. A amizade supera a tensão existente entre o indivíduo e a sociedade mediante a criação de um espaço intersticial (uma subjetivação coletiva), passível de considerar tanto necessidades individuais quanto objetivos coletivos e de sublinhar sua interação. (ORTEGA, 2000, p.91)

Como um fenômeno público, a amizade precisa da visibilidade para florescer, de um mundo compartilhado no espaço entre os indivíduos. Este espaço de liberdade e risco que poderia ser “o espaço das ruas, das praças, dos passeios, dos teatros, dos cafés e não o espaço de nossos condomínios fechados e nossos shoppings centers, meras próteses que prolongam a segurança do lar” (ORTEGA, 2002, p.161-162), tem sido buscado também na internet, que conjuga o estar junto com o estar separado, possibilitando uma ampliação, não apenas do tempo compartilhado, mas, sobretudo das formas de interação entre os sujeitos.

Uma das características dos sujeitos que são usuários dos sites de relacionamento como o Orkut é colecionar ‘amigos’. Saliento que esta não é uma condição

*sine qua non*, pois se sabe que há inúmeros perfis falsos, comumente chamados nas redes sociais de *fakes*, cujos sujeitos não têm interesse em compartilhar amigos, assim como podemos encontrar usuários - não *fakes* - que cultivam poucas amizades, mas que lá estão pelo simples prazer de olhar fotos, pesquisar comunidades, etc.

As amizades colecionadas nos perfis que analisei parecem variar desde amigos muito próximos até os mais distantes, que muitas vezes foram adicionados, mas não tiveram sequer um contato de interação registrado. Alguns são amigos também nos espaços presenciais, outros se restringem à tela do computador e nunca chegam a ultrapassar essa fronteira. As fotografias postadas nos perfis nos endereçam à idéia de que alguns têm muitos momentos de interação, com maior ou menor intensidade, ou seja, reúnem-se em baladas, festas, eventos<sup>21</sup>; outros apenas ocupam o mesmo espaço para ampliar a quantificação das amizades colecionadas. São postados momentos de celebração das amizades onde cada jovem aparece junto ao seu grupo de amigos. Os momentos parecem ser festivos, alegres, marcantes. As fotografias expressam a partir das poses, do vestuário, dos acessórios e dos comportamentos a permanente tensão entre o ser igual e o ser diferente. O conjunto das imagens remete a uma idéia de juventude lúdica que desfruta da moratória social que lhes foi concedida festejando em comunidade e tentando (re)criar modos de ser jovem. Ao contrário do que podia se pensar a algum tempo, o avanço das tecnologias de comunicação não parece ter resultado no isolamento dos jovens, mas sim numa outra forma de estar junto aos seus grupos que em alguma medida substitui, complementa e, por que não, intensifica as práticas de socialidade contemporâneas.

Além das imagens, os depoimentos e recados postados nos perfis dos sujeitos de pesquisa, parecem representar uma espécie de documento comprobatório da amizade declarada. Se há amizade, supõe-se que há momentos de vivências coletivas que inclusive expressam identidades do grupo e respondem às questões como: O que fazem? Onde estão? Do que gostam? Quem está dentro e quem está fora do grupo?

O depoimento a seguir expressa algumas destas vivências.

---

21 As fotos que registram os momentos festivos mencionados não foram adicionadas por razões éticas, a fim de preservar a integridade dos sujeitos, considerando que além dos sujeitos das pesquisas, muitos outros estão expostos neste espaço. Nas fotos em que aparecem exclusivamente os sujeitos da pesquisa, as imagens foram borradas para utilização. Apenas as fotos de Aninha - expostas no último capítulo deste estudo - que atualmente atingiu a maioridade e assinou um termo específico para essa finalidade foram utilizadas sem alteração nas imagens.

02/11/09  
 essas noites estrelas e com a lua iluminando a escuridão...comecei a refletir e a lembrar de muitas coisas.  
 Realmente, to virado num "velho" chorão puta merda. Saudade dos tempos que andavamos todos juntos eu, tu, ana, tiberio, vanessa, daisy, mauro, carol e trupe. Grandes momentos!!! Etemos!! Queria tentar reunir todo mundo novamente um dia, quem sabe em dezembro, se conseguir vencer algumas coisas e me formar.  
 Queria ver nossa turma reunida novamente como nos velhos tempos. Nunca tive amigos como vcs e histórias tão loucas vividas ao lado de cada um. Apesar de cada um ter um defeito, todos tinham o mais importante, que eu acho que era ter um ao lado do outro. Apesar de nao continuarmos todos unidos como antes que nunca venhamos a perder o contato...por que para mim fomos como uma familia e era massa, ninguem podia nos vencer.  
 Apesar do pouco tempo que pessoal consegue ficar junto ainda da para ver que todo mundo tem uma ligação forte.  
 Obrigado por tudo!  
<http://www.youtube.com/watch?v=ky86qN7WYLO>

Figura 31 - Depoimento extraído do perfil de Rodrigo em 2009

O texto postado no perfil de Rodrigo narra vivências que comprovam o vínculo dele com o grupo de amigos e expressa a forte relação de afeto entre eles. Os demais depoimentos postados revelam os amigos mais próximos, os vínculos mais fortes e os mais superficiais. Nem todos os amigos adicionados têm o mesmo nível de amizade.

Tomando por base o quadro da contabilização apresentado anteriormente neste capítulo, é possível desenvolver mais algumas reflexões acerca dos contatos realizados entre os amigos do Orkut. Se Ber, Frederico, Júlia e Luiza têm respectivamente 4, 4, 2 e nenhum recado em suas páginas, enquanto Marcinho, Gianluca, Lana e Rodrigo têm respectivamente 12.317, 9.241, 6.324 e 1.389, poderíamos concluir que os primeiros jovens mencionados não se relacionam com seus amigos da mesma forma que os últimos? Certamente seria esse um indicativo se considerássemos apenas os números divulgados, no entanto é importante ir além deles para compreender o que acontece neste espaço. Há jovens que lêem e, logo após, apagam todos os seus recados. Outros, após a leitura, avaliam se apagam ou deixam expostos os recados para que outros possam ler. Há aqueles que mantêm todos os recados, sem apagar nenhum. Além disso, alguns definem através das opções de privacidade, quem poderá e quem não poderá ler.

Seja como for, o pertencimento às redes sociais vai além do convite de amizade aceito – primeiro passo da relação entre os sujeitos nesse espaço. Pertencer pressupõe participar, interagir, postar atualizações que sejam lidas e comentadas, tomar conhecimento das atualizações dos outros, estar incluído nas fotos, nos eventos, nos depoimentos.

O pertencimento é conquistado a cada dia, a cada interação na rede, a cada destaque dentre milhões de amigos. O desafio está em ser igual o suficiente para garantir o elo que une os sujeitos e diferente o bastante para destacar-se e ser lembrado no grupo.

### 3.2 CONSUMINDO AFETOS: RELAÇÕES LÍQUIDAS NA CONTEMPORANEIDADE

Inseridos na sociedade do consumo, somos interpelados constantemente, das mais diversas formas, pelas incontáveis ofertas da vida contemporânea. Mal fazemos uma escolha e já nos ‘convencemos’, seja através dos apelos da mídia, seja pelas repetidas práticas de descarte ao nosso redor, que esta escolha está ultrapassada, obsoleta, inadequada frente a novas oportunidades que imediatamente vão surgindo. O que compramos parece não ter a menor importância, pois a satisfação pelo que foi adquirido transforma-se rapidamente em desinteresse ou mesmo numa certa frustração por não possuímos a última novidade do momento.

Bauman (2001, p.86) afirma que "na corrida dos consumidores, a linha de chegada sempre se move mais veloz que o mais veloz dos corredores". Desta forma, a satisfação se dá em permanecer na corrida e não em cruzar a linha de chegada, até porque nenhum prêmio seria suficiente. Para o autor, o desejo se torna seu próprio propósito e a escolha, uma compulsão. Observa ainda que: "não se compra apenas comida, sapatos, automóveis ou itens de mobiliário" (BAUMAN, 2001, p.88). Comprar significa analisar as possibilidades e escolher, sem nunca ter a certeza de ter feito a escolha certa, até porque não há uma única escolha certa. A ideia de consumismo, segundo o autor, não diz respeito à satisfação das necessidades, mas sim ao desejo, que define como "entidade muito mais volátil e efêmera, evasiva e caprichosa, e essencialmente não-referencial [...], que não precisa de outra justificação ou causa" (BAUMAN, 2001, p.88). Assim, os objetos do consumo transformam-se em ícones de sujeitos que substituem o ser pelo ter, na busca inesgotável da satisfação dos desejos.

Na mesma direção, Sarlo (2000) afirma que "o sujeito que pode entrar no mercado, que tem o dinheiro para intervir nele como consumidor, é uma espécie de colecionador às avessas" (p.26). Para a autora, o colecionador às avessas não coleciona objetos, mas sim os

próprios atos de compra e venda. Dessa forma, para a autora, os desejos nunca são satisfeitos, pois, após um ato de compra, o colecionador partirá compulsivamente para outro, na busca de momentos plenamente ardentes e gloriosos, porém instantâneos, de satisfação.

Segundo Sarlo (2000),

Os objetos nos escapam: às vezes porque não podemos consegui-los, outras vezes porque já os conseguimos, mas sempre nos escapam. A identidade transitória afeta tanto os colecionadores às avessas quanto os menos favorecidos colecionadores imaginários: ambos pensam que o objeto lhe dá (ou daria) algo de que precisam, não no nível da posse, mas no da identidade (p.28).

Se os objetos do desejo, que são a promessa de realização, não atendem a essa expectativa, por mais que a busca prossiga, o sonho nunca se concretiza. Quanto mais os sujeitos consomem, mais se tornam alvo do consumo, pois não há desejo, necessidade ou fantasia que escape aos olhos de uma sociedade na qual tudo, ou quase tudo pode ser transformado em produto. Inseridos nesta cultura, os jovens parecem ver mais sentido em viver o momento presente, sem muitos planos. Afinal, é impossível saber qual será a próxima oferta e o quanto esta poderá ser melhor do que os sonhos planejados para o amanhã.

Sarlo (2000) salienta que os objetos "tornaram-se tão valiosos para a construção de uma identidade, são tão centrais no discurso da fantasia, despejam tanta infâmia sobre quem não os possui, que parecem feitos da matéria resistente e inacessível dos sonhos" (p.30). As escolhas não são tão livres quanto parecem e os desejos fabricados, mesmo quando atendidos, continuam sem trazer a tão procurada satisfação.

Conforme Sarlo (2000)

As identidades, dizem, quebraram. Em seu lugar não ficou o vazio, mas o mercado. As ciências sociais descobrem que a cidadania também se pratica no mercado, e que as pessoas que não têm como realizar suas transações ali ficam, por assim dizer, fora do mundo (SARLO, 2000, p. 26).

E o que poderia ser pior no “tempo das tribos” (MAFFESOLI, 2006), dos “guetos voluntários” e das “comunidades” (BAUMAN, 2003) do que ficar do lado de fora? Para fazer parte, todos os investimentos parecem ser justificáveis. Não é preciso apenas



consumir, mas também tornar-se um objeto do desejo, alguém a ser consumido dentre tantas ofertas disponíveis.

Segundo Bauman (2008), na sociedade de consumidores as relações humanas foram reconstruídas à semelhança das relações entre consumidores e objetos de consumo. Assim, ninguém pode tornar-se sujeito, sem antes transformar-se em mercadoria, com as características necessárias a uma “mercadoria vendável”. O autor destaca que “a característica mais proeminente da sociedade de consumidores – ainda que cuidadosamente disfarçada e encoberta – é a transformação dos consumidores em mercadorias” (BAUMAN, 2008, p.20). Daí provém, dentre outros aspectos, a importância da visibilidade. Toda mercadoria precisa ser vista, apreciada e desejada para que atenda sua finalidade. No caso da expressão ‘sociedade de consumidores’, os próprios sujeitos-mercadorias apresentam-se, confessam o que há para ser confessado, promovem-se, destacam seus atrativos e diferenciais ao mesmo tempo em que avaliam escolhas de consumo em relação a outros sujeitos. Ora consumidores, ora mercadorias, os sujeitos contemporâneos transitam nas redes de pertencimento construindo relações de afeto e poder.

A imagem, o corpo, o estilo de vestir e de se comportar, os objetos que possui, suas preferências, enfim, tudo está em jogo na representação da identidade a ser vendida e tudo está inserido na complexa teia do consumo. A venda nunca está garantida e o descarte pode ser o destino do sujeito/mercadoria a qualquer momento. Da mesma forma, sempre é tempo de (re)fazer escolhas. Segundo Coward & Ellis (1997) *apud* Rose, 2001).

O lugar do sujeito é um lugar que tem que ser constantemente reaberto, pois não existe qualquer sujeito por detrás do "eu" que é posicionado e capacitado para se identificar a si mesmo naquele espaço discursivo: o sujeito tem que ser reconstituído em cada momento discursivo de enunciação [grifos do autor] (p.149).

Dessa forma, pode-se compreender que o lugar na tribo, no gueto ou na comunidade não é uma conquista vitalícia. No mundo da incerteza e da provisoriedade o pertencimento é conquistado a cada momento. Os sujeitos são permanentemente observados e avaliados em tudo o que fazem, ou mostram ter feito. A vida em grupo parece um jogo sem fim, no qual o placar pode virar a qualquer momento a favor ou contra.

Segundo Gómez (2006),

Talvez um dos fenômenos mais característicos desta mudança de época, em relação às identidades, não seja nem sua fragmentação nem sua volatilidade, mas, sim, justamente sua centralidade no reconhecimento e, conseqüentemente, sua cada vez maior dependência dele. Reconhecimento que só é possível graças à tecnologia midiática que permite ter visibilidade em telas e que cada vez mais se torna sinônimo delas. (GÓMEZ, 2006, p. 93).

Assim, poderíamos empregar a metáfora de uma vitrine para pensar nos sites de relacionamento, como um templo de consumo dos sujeitos. Nessas vitrines os jovens ficam expostos lado a lado, aguardando a escolha que desencadeia, através de um clique do mouse, a oportunidade de acessá-los como produto e saber mais sobre suas especificações. Os perfis elaborados e atualizados por cada usuário mostram as características dos sujeitos-mercadorias e a garantia é dada pelos amigos que de alguma forma o recomendam. A seguir apresento a página de amigos do meu perfil de *Orkut*, representando a ‘vitrine de sujeitos’ a qual me referi anteriormente:

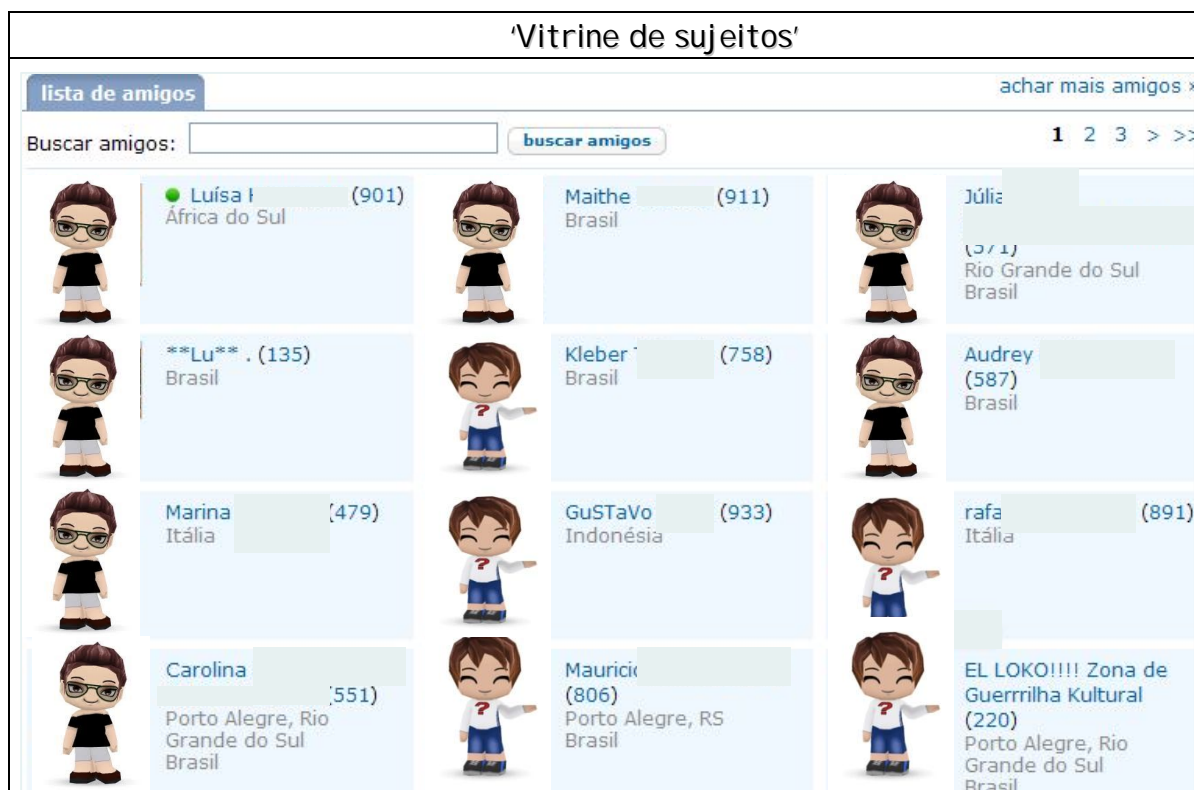


Figura 32 – Vitrine de sujeitos

O estado de fluidez no qual vivemos, do acesso às informações, da satisfação instantânea, do hoje desvinculado do ontem ou do amanhã, traz novas formas de vínculo afetivo e diferentes experiências nas relações entre os jovens da pesquisa.

Segundo Bauman (2004), o contexto da modernidade líquida em que vivemos, repleto de sinais confusos, sujeito à mudanças rápidas e imprevisíveis, é fatal para a nossa capacidade de amar, seja ao próximo, ao nosso parceiro, ou a nós mesmos. As relações são prioritariamente tecidas em rede, concebidas com a mesma facilidade com a qual podem ser desfeitas, gerando níveis de insegurança cada vez maiores e fazendo com que não saibamos mais manter laços a longo prazo. O autor refere que há uma misteriosa fragilidade dos laços humanos – um amor líquido – e que “a insegurança inspirada por essa condição estimula desejos conflitantes de estreitar esses laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos” (p.4). Nesse verdadeiro dilema que se manifesta num movimento constante de aproximação e afastamento do outro, o sujeito contemporâneo, carente e despojado de vínculos, se conecta inventando e reinventando formas de viver seus afetos.

Neste cenário, antigas práticas foram reconfiguradas. Para os jovens, ficar tornou-se normal e namorar, estranho, ou pelo menos raro. Ainda que o namorar tenha um novo significado, na maioria das vezes descolado de planos futuros ou juras de amor, não parece adequar-se tão bem à dinâmica estabelecida. O ficar é instantâneo, sem passado nem futuro, descompromissado, fluido, dinâmico. O namorar implica em construir, ainda que provisoriamente, uma história, aprender a conviver e importar-se com o outro, fazer escolhas, negociar desejos, preencher o vazio com sentimentos. Sem dúvida, namorar é uma experiência interessante, mas difícil. Mesmo assim, a prática do namoro continua presente na vida dos jovens com boa dose de romantismo expressa nas músicas, poemas recados e depoimentos postados nos seus perfis, como podemos observar no excerto a seguir.

**Luciana**  
 Mor,  
 é difícil colocar num depoimento tudo que eu sinto por ti!  
 sao tantas palavras e sentimentos..  
 Quando eu tô contigo é tão bom.. mas tão bom.. que só de te ver e segurar tua mão já me da um friozinho na barriga!  
 Quando a gente fica se olhando eu fico viajando nos teus olhos..  
 E quando eu fecho os olhos, eu ainda te enxergo.. porque tu tá dentro de mim!  
 Dentro da minha mente, dentro do meu coração!  
 Tu faz parte de mim agora!  
 Eu me apaixonei por ti de uma forma inexplicavel..  
 Quando eu me dei conta.. era só tu, tu, tu e tu..  
 Nunca senti isso antes. Até me assusto do quanto eu te amo!  
 É um amor muito sincero e verdadeiro!  
 Tu só me traz felicidade.  
 Contigo TUDO é maravilhoso.. É tao maravilhoso que eu penso que é tudo um sonho as vezes!  
 E se for, é o melhor sonho da minha vida.. eu nunca quero acordar!!  
 e só tenho a te dizer, que tu é perfeito pra mim!  
 agradeço a Deus pelo namorado que ele me deu!  
 Não quero mais nada.. só uma longa vida ao teu lado!  
 TE AMO MUITO NENIS! ;@

Figura 33 - Depoimento extraído do perfil de Bernardo em 2010.

A namorada Luciana tenta traduzir em palavras seus sentimentos por Bernardo: “paixão, (...) amor sincero e verdadeiro, (...) sonho do qual não quer acordar”. Palavras doces, carregadas de romantismo expressam laços profundos construídos entre eles.

Soares (2005), em sua tese de doutorado intitulada *Namoro MTV: juventude e pedagogias amorosas/sexuais no Fica Comigo*, sobre as práticas amorosas/sexuais dos jovens na contemporaneidade, afirma que características como a contingência e a transitoriedade conjugam-se com traços das relações tradicionais. A autora assinala que parece coexistir o desejo por uma relação mais séria, como o namoro, pautada em sentimentos profundos e o desejo pela satisfação momentânea, pautada pela provisoriedade e superficialidade proporcionada pelo ficar. Soares sugere ainda, que a mistura das práticas amorosas do ficar e do namorar pode demonstrar uma tensão, ou mesmo uma aproximação entre as diferentes formas de relacionamento.

No depoimento a seguir, deixado por Camila no perfil de Gianluca, podemos perceber outro tipo de relacionamento, diferente do namoro.

**Camila** 15/02/10  
 Tu quer me fazer chorar?  
 Eu te amo e tu já sabe a tempos, todas as vezes que a gente se vê fica muito na cara que eu preciso de ti. E é verdade, tu me alegra como ninguém, nao tem muito como explicar. Eu te amo pra sempre também, com certeza.

Figura 34 - Depoimento extraído do perfil de Gianluca em 2010

As palavras expressam sentimentos intensos como “fazer chorar... te amo para sempre... não tem muito como explicar”. Embora o texto revele uma relação menos estável

do que o tradicional namoro - “as vezes que a gente se vê” – isso não compromete a intensidade com a qual os sentimentos são expostos.

Dos dez sujeitos que selecionei para acompanhar neste estudo, observei que apenas três estão namorando, ou assumem publicamente esse fato. Tomarei como exemplo Júlia e Frederico. Como complemento farei referência ainda aos perfis dos respectivos namorados de Júlia e Frederico – Vinícius e Juh - aos quais tive acesso por estarem ligados aos perfis dos jovens deste estudo. No perfil de Júlia e Frederico, há várias fotografias postadas nas quais aparecem com os amigos, com os namorados ou ainda conciliando amigos e namorados. As fotografias de Júlia mostram o namorado Vinícius participando de momentos festivos com os amigos e de momentos só do casal, em diferentes lugares. No perfil de Vinícius não constam fotos. As fotografias de Frederico são organizadas separadamente mostrando momentos com os amigos ou com a namorada Juh. No perfil de Juh as fotografias são expostas da mesma forma, embora o casal faça parte do mesmo grupo de amigos e estejam juntos há quase dois anos. De qualquer forma é possível perceber que reunindo amigos com namorados ou não, estes jovens permanecem ligados aos seus grupos, ‘alimentando’ seu perfil com o registro das experiências coletivas e individuais. São formas peculiares, caminhos que cada um encontra de conjugar instantaneidade e vínculos afetivos mais prolongados, tornando viável não ter que fazer escolhas neste sentido.

Nos recados e depoimentos deixados por Juh no perfil de Frederico (disponíveis em 25/09/2010), ela expressa seus sentimentos tornando público momentos que viveram a dois. Apresento a seguir um depoimento extraído do perfil de Frederico:

**Juh:** Bah amor que vergonha nunca mais te fiz um depoimento! Axo que está na hora hein! Pois bem vamos lá! Chegando ao fim dessas nossas férias maravilhosas que tivemos, esse quase um mês sempre junto e foi a melhor época!! Nossa viagem maravilhosa que eu não mudaria por nada desse mundo tenho certeza que aproveitamos o maximo possível! Vamos morar em PS e vender água de coco e fazer trancinhas?!?!asijdaio

Antes da viagem um pouco estressante né! Mas com certeza valeu a pena tudo! Ontem completamos mais 1 ano e 11 meses juntos e 7 meses namorando, tenho certeza que esses 7 meses são os melhores que já passamos juntos. Sei que agora com o fim das férias vamos sentir muitas saudades, pois estávamos acostumados a nos ver quase todos os dias e agora não vai ser nada parecido com isso, vamos ter que estudar muito e ter muitas aulas nos findis onde a gnt se via mais, mas tenho certeza que vamos conseguir se adaptar e com certeza vamos passar disso para uma fase muito melhor né meu amor! Te amo muito!!

Figura 35 – Depoimento da namorada Juh para o jovem Frederico

Como podemos observar no texto, Juh revela certa preocupação em deixar depoimentos, como se isso fizesse parte de algum ritual ou das obrigações que teria como namorada. Podemos observar também duas contagens em relação ao tempo que estão juntos: “1 ano e 11 meses juntos e 7 meses namorando”. Isso demonstra que antes do namoro passaram pela fase do ficar, talvez como uma espécie de experimentação do que estaria por vir.

Nos depoimentos deixados por Vinicius no perfil de Júlia (disponíveis em 25/09/2010), conforme ilustrado no recorte a seguir, ele demonstra seus sentimentos repetidamente com pequenos recados que ‘comprovam’ os diferentes momentos em que estava pensando nela e desejando estar ao seu lado.

**Vinicius:** tu aí sentada na cama, estudando e eu aqui pensando em ti =D

**Vinicius:** estarei sempre aí te azucrinando, namorada linda (L)

**Vinicius:** *"eu encontrei-a quando não quis mais procurar o meu amor e o quanto levou foi pra eu merecer. Antes um mês e eu já não sei; e até quem me vê lendo jornal na fila do pão sabe que eu te encontrei."*

**Vinicius:** ". . . tomorrow i'll miss you."

Figura 36 – Depoimento do namorado Vinicius para a jovem Júlia

Não há recados registrados de Vinícius para Júlia, mas ela costuma apagar os recados já lidos – fato que observei ao acompanhar as postagens no seu perfil. Não há recados nem depoimentos de Júlia no perfil de Vinícius, embora ele não costume apagar. Talvez Júlia seja um pouco mais reservada em relação a tornar público o que sente, talvez não sinta vontade de deixar recados ou depoimentos. Mas Vinícius cumpriu sua missão de namorado e deixou registrado na vitrine o que sente, ou o que deseja demonstrar a respeito disso.

As configurações das experiências amorosas reconhecidas socialmente, como namoro, casamento e mais recentemente o ficar nem sempre foram iguais. Ortega (2002) assinala que no século XVII, “a retórica do amor” estava associada a uma “retórica do excesso e a uma experiência de instabilidade, ao se apresentar principalmente sob a figura do amor-paixão” (p.127), que trazia consigo uma referência negativa pelos excessos e falta de racionalidade. O casamento, nessa configuração, era incompatível com o amor-paixão e estava ligado a outros fatores como transmissão de bens materiais, nomes de família e linhagens. Em meados do século XVIII, numa tentativa de legitimação moral para o amor, estabelece-se uma ligação deste com a amizade, de modo que ambos sejam conjugados harmoniosamente no casamento, evitando os temidos excessos. No final do século XVIII estabelece-se uma unidade entre o casamento por amor e o amor conjugal integrado à sexualidade e a conseqüente valorização da família, como uma das principais formas de poder exercido sobre os sujeitos. No século XIX a família passou a representar um padrão de normalização, uma instituição que seria o pivô das relações de afetividade e teria a função, dentre outras, de resolver todos os males do cotidiano mantendo o ‘equilíbrio’ dos sujeitos. Nesse sentido, não constituir família passa de simples escolha a indicativo de possível anormalidade.

Segundo Ortega (2002), desde a segunda metade do século XX, a imagem aconchegante e supervalorizada de um modelo de família composto pelo casal e seus filhos, evocado como ideal de felicidade e normalidade e que levava a desprezar outras formas de existência, entra em declínio e passa a não representar mais a realidade das famílias contemporâneas, caracterizadas pela crescente instabilidade do casal. O autor assinala que essa distância entre ‘família ideal’ e ‘família real’ passou a resultar em insatisfações, frustrações e infelicidade, na medida em que a família não correspondia mais às

expectativas criadas sobre ela. Já a amizade, como sobrevivente à familiarização da privacidade, coexistiu todo o tempo proporcionando outras formas de afetividade, dentro ou fora da instituição casamento.

A reconfiguração das relações que hoje se apresenta abrindo espaço para diferentes arranjos possíveis acerca das vivências de amor e/ou amizade, parece apontar para outros caminhos, na tentativa de satisfazer, pelo menos momentaneamente, o sujeito-mercadoria-consumidor. Tão fluidas quanto as identidades de seus protagonistas, as relações entre amigos, ‘ficantes’, namorados e casados, não necessariamente nessa ordem, propõem um modo de estar junto, ao mesmo tempo, individualizado, compartilhado, íntimo, publicizado, instantâneo, intenso e, sobretudo singular.

A possibilidade de comunicar-se no espaço virtual, expressar sentimentos e articular relações através das ferramentas disponíveis compõe um novo cenário que comporta imensa diversidade de sensibilidades acerca do outro: novas práticas - instantâneas, fluídas e desapegadas - antigas práticas - românticas, comprometidas ‘para sempre’ - ou ainda práticas reconfiguradas – intensas e dinâmicas.

Nessa direção, Melo (2009) refere:

Ficar, namorar, casar. Ter um rolo, um caso, um namoro aberto. Ser casado, mas morar em casas separadas, ou em quartos separados. Viver só, curtir o momento. Buscar um grande amor ou apenas um companheiro. Arriscar-se nas (in)certezas dos relacionamentos amorosos íntimos, viver a (in)segurança da vida a sós. Essas são algumas opções que o cenário ambivalente da sociedade contemporânea nos oferece. Nesse novo cenário, composto tanto por novas formas de vivência dos relacionamentos íntimos quanto por uma vivência maior da solidão, o amor moderno se constrói. (MELO, 2009, p.91-92)

Os ‘arranjos’ observados nas relações contemporâneas vão muito além do conhecido binômio solteiro ou casado. Muitas vezes definir a própria situação amorosa não implica em fazer escolhas. É possível estar solteiro, ter um rolo e também ‘ficantes’. Mesmo estando casado, pode-se morar sozinho e, nesse caso, também ter o esposo/a como namorado/a. Um casamento mais ‘convencional’ de pessoas que moram juntas, pode variar totalmente em relação ao nível de dependência emocional do outro, indo da absoluta fusão de identidades – numa vivência constante do ‘nós’, em todos os campos – até o completo



individualismo – que de alguma forma produz uma vida paralelamente só, que não inclui o outro, apesar do compromisso formal e da ocupação do mesmo espaço. Pautado em relacionamentos bastante flexíveis e democráticos, o amor contemporâneo se delineia como um sentimento possível.

Giddens (1993) afirma que estamos vivendo uma transformação na intimidade e traz uma importante retrospectiva deste processo de mudança. O autor inicialmente fala sobre o “amor apaixonado”, marcado pelo envolvimento emocional, tão intenso e invasivo, que pode levar o ser amado, ou ambos, a se entregarem de tal forma ao encantamento pelo outro, que chegam a afastar-se do cumprimento de suas obrigações cotidianas. O amor apaixonado é a expressão de uma conexão genérica entre amor e ligação sexual. Por suas características, tende a ser perturbador das relações pessoais e não é, historicamente, considerado essencial para o casamento. Segundo o autor, a idealização temporária do outro, característica do amor apaixonado, associou-se a um envolvimento mais permanente e a uma maior reflexividade, originando o que denominou de “amor romântico”. A partir do final do século XVIII, o amor romântico começou a marcar presença, incorporando elementos do amor apaixonado, mas distinguindo-se deste, especialmente pela vinculação à liberdade e pela predominância do amor sublime sobre a ligação sexual. Assim, rompendo com a sexualidade – embora ainda a inclua – o amor romântico assume um novo sentido para os sujeitos, que buscam num ser amado idealizado, alguém especial, capaz de preencher um vazio sobre o qual até então sequer tinham conhecimento.

A “nova ordem sentimental”, de acordo com Giddens (1993), preconiza um amor ligado às relações mais íntimas, comunicativas e democráticas, ancorado em valores individuais, onde o ser amado se encontra preso, não à relação em si, mas sim ao compromisso com os próprios sentimentos. Nesse sentido, o amor denominado por Giddens “amor puro” ou “amor confluyente”, se baseia numa concepção livre de mentiras, transparente, na medida em que se baseia na abertura da intimidade. O amor puro prevê igualdade sexual e emocional tendo como motivo primordial para sua manutenção a satisfação individual de ambas as partes envolvidas. Amor e sexualidade estão cada vez mais vinculados, admitindo, conforme o desejo dos sujeitos, outras configurações que fogem àquelas tradicionais. O relacionamento puro, como parte de uma reestruturação

genérica da intimidade, é um amor ativo, contingente que, conseqüentemente entra em choque com conceitos do amor romântico como “único amor” ou “amor eterno”. Conforme Giddens (1993) o que realmente conta hoje, no amor confluyente, não é mais uma “pessoa especial”, mas sim um “relacionamento especial”.

Se a contemporaneidade construiu um cenário pouco propício para a vivência do amor romântico, pelo terreno pouco sólido para o ‘enraizamento das relações’ e pelo contexto fragmentado que estimula o extremo individualismo, não se pode dizer o mesmo acerca das vivências do amor puro. Novas formas de amar, incluídas no conceito de amor puro ou confluyente, colocam em xeque visões tradicionais de relacionamento, especialmente no que se refere à ‘negação’ dos gostos, desejos, projetos de vida e características individuais – que não se extinguem ao amar o outro – aos posicionamentos nos quais prevalece a emoção sobre a razão e às questões de gênero.

O amor puro parece ser, pelas suas peculiaridades, um amor possível para os sujeitos contemporâneos. As postagens dos sujeitos deste estudo expressando seus sentimentos mostram formas reconfiguradas de vivê-los: namorados declaram publicamente seu amor – sentimento que não está mais associado especificamente ao universo feminino – como se esta declaração pública fosse indispensável ao relacionamento; a intensidade das palavras e promessas de amor eterno mostram o envolvimento dos jovens, como se ignorassem o caráter provisório, peculiar às relações contemporâneas;

A mensagem a seguir, disponibilizada para compartilhamento no *Facebook* expressa em poucas palavras a ‘lógica’ desta forma de amar contemporânea:

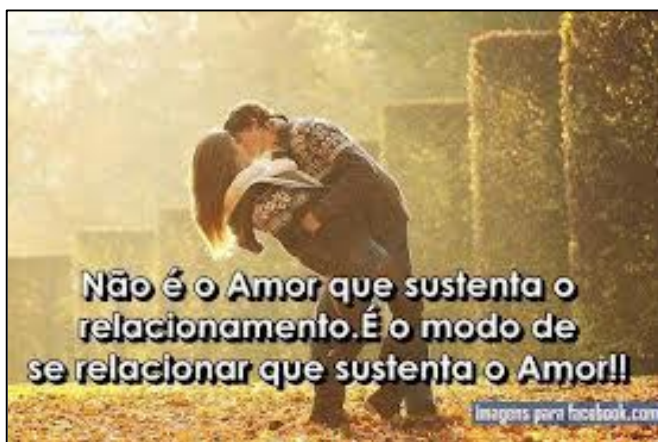


Figura 37 – Mensagem extraída do site [mensagensparafacebook.com.br](http://mensagensparafacebook.com.br) (disponível em jun/2009)

mensagem não se trata de um amor incondicional, que vale qualquer sacrifício, prende ou escraviza; não refere-se ainda a um amor idealizado, por um ser supremo, perfeito ou insubstituível; a mensagem traduz um relacionamento que deve ser bom, desejável, adequado às expectativas dos sujeitos, para que o amor se sustente. A duração deste sentimento está relacionada à satisfação que ele possa trazer a cada momento, sem a perspectiva do eterno, nem estabelecimento de prazos de validade.

Novas sensibilidades têm permitido aos sujeitos jovens contemporâneos outras formas de viver seus amores. O amplo círculo de amizades, a experiência sem vínculos do ‘ficar’, o compromisso do namoro assumido e compartilhado publicamente, a possibilidade de ‘estar junto’ a maior parte do tempo, sem a obrigatoriedade de ‘estar junto’ fisicamente, o ‘acompanhamento’ dos passos do outro sem declaradas cobranças, a compreensão de que pode ser ‘deletado’, a qualquer momento, o que não faz bem é ‘adicionado’ o que dá prazer, são algumas das práticas que compõem um cenário de relacionamentos reconfigurados, alinhados aos novos tempos.

#### 4. SAINDO DO *ORKUT*: espaços fluídos e sujeitos nômades

Noto à margem do que li  
o que julguei que senti.  
Releio e digo: "Fui eu?"  
Deus sabe, porque o escreveu.

PESSOA, 1973

Início a escrita deste capítulo compartilhando algumas reflexões que surgiram ao concluir - ou tentar dar como concluída - a presente Tese. As palavras de Fernando Pessoa apresentadas na epígrafe acima traduzem algo semelhante à angústia que tive frente à tarefa de escrever sobre algo absolutamente dinâmico e complexo: as relações no espaço virtual. Muitas vezes me questioneei sobre o que escrevi e por que o fiz, tendo em vista que, com certa frequência, ao terminar parte da escrita encontrava novos cenários, diferentes dos que acabara de descrever, novos dados, que superavam os que acabara de analisar e ‘novos’ sujeitos - os mesmos sujeitos renovados, modificados ou até excluídos do *Orkut* e adicionados em outro site.

A sensação de impotência frente ao desafio de acompanhar o ritmo dos acontecimentos no espaço virtual foi inevitável. O problema trouxe a inquietação e dela surgiu outro olhar sobre os fatos: se os sujeitos são fluídos, nômades num mundo virtual sem fronteiras, como eu poderia segui-los estando restrita ao espaço do *Orkut*?

Segundo Makinomoto (1997 *in* OLIVEIRA, 2002), uma das particularidades dos sujeitos que utilizam o ciberespaço enquanto espaço de vivência é o nomadismo, na medida em que a mobilidade proporcionada pela ausência de atrito espaço-temporal é guiada pelas necessidades de informação, de saber e de pertença. Nesse sentido, os sujeitos habitam no ciberespaço os lugares onde estão as últimas novidades, os conhecimentos que desejam e os seus amigos. Tal contexto me impulsionou a ultrapassar os “muros imaginários do *Orkut*” e seguir os sujeitos, ainda que brevemente, em seus nomadismos virtuais. Passei a buscar algumas respostas: Quem desapareceu do *Orkut*? Quem permanece? Onde estão os sujeitos? O que motivou as mudanças?

A primeira a desaparecer do *Orkut* foi Aninha. Em pleno andamento da pesquisa, após a briga com o namorado, Aninha deletou seu perfil e optou por não reativá-lo. Embora isso tenha gerado um desconforto, ou por que não dizer, desespero de

pesquisadora, continuei observando-a presencialmente na expectativa de ver se retornaria ao *Orkut*. Certo dia surpreendeu-me a cena:

#### **ANINHA EM NOVA FASE – PARTE 1**

Mais um domingo se inicia! Ler o jornal, assar churrasco, arrumar a cozinha, colocar o trabalho em dia... Enfim... Cada sujeito, no seu mundo, participando da 'reunião' de família. Nada disso parece estranho, mas a mãe aponta para Aninha e denuncia: Aquela lá não toma conhecimento de nada! Passa todo o tempo de novo no tal do computador... Tinha parado com isso, mas foi só terminar o namoro para ficar lá olhando pra tela e rindo nem sei do quê! Me diz, o que parece? (Excerto do Diário de Campo, junho de 2011)

Obviamente me aproximei com a costumeira intromissão e olhando para a tela constatei que Aninha não havia retornado ao *Orkut*. Agora ela estava no *Facebook*!

#### **ANINHA EM NOVA FASE – PARTE 1**

Aninha estava muito concentrada para dar ouvidos ao que falavam ao seu redor. Na verdade, estava ouvindo outras vozes, que se faziam presentes pela tela do computador: as vozes dos amigos on-line no *MSN* e no *Facebook*; as vozes dos que não estavam on-line, mas haviam passado por ali e deixado seus recados; as vozes dos que não escreveram para ela, mas falaram sobre si nos seus 'recheados' perfis. Lembrei-me da primeira cena da Aninha relatada no diário de campo, mas dessa vez, o ponto de encontro não é o *Orkut*. A promessa feita ao namorado da época foi cumprida: o perfil do *Orkut* foi encerrado e Aninha nunca mais voltou lá. Nova fase, novo lugar... Pergunto: por quê? Ela responde: Agora o pessoal está no *Facebook*! (Excerto do Diário de Campo, junho de 2011)

O excerto apresentado expressa a motivação de Aninha para estar no *Facebook*: “o pessoal”, os laços de afeto que construiu, o lugar onde - agora, para este grupo - as coisas acontecem. Poderia ter ela retornado ao *Orkut*, ou disponibilizado um perfil no *Twitter*, ou qualquer outro site, mas o que a atraiu, foram seus amigos.

Ao falar sobre o espaço virtual, a pesquisadora portuguesa Lídia Oliveira, professora da Universidade de Aveiro, afirma:

É neste ambiente comunicacional em que as fronteiras se diluem que se desenha uma nova geografia que deixa de ter como elementos estruturantes o espaço e o tempo e passa a ter como estrutura os nós de conhecimento e de aglutinação motivacional como ímãs de atração dos habitantes deste novo espaço, o ciberespaço (OLIVEIRA, 2002).

Os sujeitos nômades do espaço virtual se deslocam em bandos, atraindo uns aos outros como ímãs. Não importa onde estejam, ou por quanto tempo ficarão ali. O que parece realmente fazer a diferença é estar onde os amigos estão, fazer parte, estar entre os seus.

No entanto, a situação ocorrida com Aninha, que se afastou momentaneamente do espaço de encontro com seus amigos para preservar sua privacidade - e decorrente disso, seu relacionamento com o namorado - não é incomum. Como exemplo disso, posso citar Giuliano, outro jovem que fazia parte da pesquisa e excluiu seu perfil do *Orkut* em virtude dos mesmos motivos que Aninha.

Certo dia, ao fazer compras no supermercado encontrei Giuliano. Como já havia percebido o ‘desaparecimento’ do seu perfil, perguntei o que havia acontecido. Após me contar sua história, sugeri uma troca de e-mails para que pudesse ter o registro do que havíamos conversado. Apresento a seguir nossa conversa por e-mail:

E-MAIL DE CINTIA (PESQUI SADORA) PARA GI UL I ANO

De: Cintia (cbmarques@hotmail.com)  
Para: Giuliano (giulianodrs@hotmail.com)  
Enviada: quinta-feira, 16 de dezembro de 2010 12:31:01

Oii!  
Lembra que conversamos no super sobre a tua saída do Orkut? Como sabes, estou estudando isso no doutorado. Tens como me contar um pouquinho sobre o que aconteceu? Por que deletar os perfis, etc... Vai ser super importante para mim!!!  
Obrigada!

Bj  
Cíntia

## E-MAIL DE GIULIANO PARA CINTIA (PESQUI SADORA)

De: Giuliano (giulianodrs@hotmail.com)  
 Para: Cintia (cbmarques@hotmail.com)  
 Enviada: quinta-feira, 16 de dezembro de 2010 19:33:46

Olá Cíntia, lembro sim.  
 A pessoa que eu namoro mora em outra cidade, sapucaia, então acontecia muito um ciúmes de determinadas coisas que na verdade não eram, até mesmo eu morria de ciúmes por bobagens. Em um dia que estávamos no meu computador vimos meus históricos de conversa e foi então que tudo aconteceu. Conversas que para mim eram besteira e nada de importante levaram a tona um desentendimento do qual nos fez Terminar, para voltarmos a única condição seria eu deletar meus dois orkuts, meu msn e meu twitter. Como estou realmente apaixonado e amando, fiz sem pensar e não me arrependo pois hoje ainda estamos juntos.  
 Espero ter ajudado na sua pesquisa e me ponho a disposição se precisar de algo.

Abraços Gi u.

Mais uma vez, os laços de afeto se fizeram presentes para a tomada de decisão e por estar “amando”, Giuliano optou por afastar-se dos espaços onde se relacionava com outras pessoas. Essa foi a condição imposta e ele não hesitou em atendê-la. A privacidade tornou-se necessária para preservar a relação e o *Orkut* foi preterido aos vínculos presenciais que estavam sendo construídos entre os dois.

Manter-se longe da comunicação virtual pode não ser tão simples quanto parece. A matéria “Sem limites para o virtual”, publicada na Zero Hora de 16/11/2011 afirma que de acordo com o estudo *Connected World Technology Report*, encomendado pela empresa Cisco<sup>22</sup>, quatro em cada cinco pessoas dos 2,8 mil entrevistados consideram a *web* um recurso tão fundamental quanto alimento ou moradia e 63% optariam pela *web* em vez de um carro. Assim, ao abrir mão de estarem conectados de alguma forma, Giuliano e Aninha ofereceram algo que poderia ser considerado hoje uma grande ‘prova de amor’.

<sup>22</sup> A empresa Cisco é uma multinacional que trabalha com soluções em tecnologia e gerenciamento de redes. Tem filial no Brasil, dentre outros países e encomendou a pesquisa para avaliar novas possibilidades de negócios.

**COMPORTAMENTO**

**SMARTPHONES:** aparelhos ajudam a ampliar tempo online

**SEM LIMITES para o virtual**

ESTUDO MUNDIAL MEDE A RELEVÂNCIA DA INTERNET PARA JOVENS

Correio Braziliense

– Experimentar uma falha na rede é o mesmo que ficar sem água ou luz na cidade – comenta Ricardo Ogata, gerente de desenvolvimento da Cisco no Brasil.

De acordo com o doutor em psicologia Marcos Abel, que já trabalhou na área de informática por cerca de 10 anos, a web é importante tanto para o trabalho como o lazer. Mas problemas podem se manifestar quando o virtual substitui o real em grande medida ou inteiramente. Portanto, é importante não perder de vista a diferenciação entre fantasia e realidade.

Para Lúcio Teles, doutor em informática na educação, o tempo em que passamos navegando tem aumentado muito, o que é ainda mais acentuado pelo uso de dispositivos móveis, como smartphones. Ele acrescenta que o lado negativo aparece quando os jovens se isolam do contato físico e deixam de fazer atividades que há 10 ou 15 anos eram usuais, como brincar na rua e jogar bola.

estudo Connected World Technology Report, encomendado pela empresa Cisco entrevistou 2,8 mil universitários e jovens trabalhadores (com até 30 anos) em 14 países, incluindo o Brasil. O resultado mostra que quatro em cada cinco pessoas dos dois grupos consideram a web um recurso tão fundamental quanto alimento e moradia.

Mais da metade dos brasileiros (66% dos estudantes e 75% dos jovens que trabalham) se identifica com a situação e afirma não conseguir viver longe do mundo virtual. Se tivessem de optar entre o carro e a web, cerca de dois em cada três (63%) escolheriam a internet. E mais: mundialmente, um em cada cinco universitários (21%) não compra um livro físico (com exceção dos escolares) há mais de dois anos. Entre os brasileiros, 34% jamais fizeram essa aquisição.

**Entre os entrevistados, 63% optariam pela web em vez do carro**

(...) quatro em cada cinco pessoas consideram a web um recurso tão fundamental quanto alimento e moradia.

Se tivessem que optar entre o carro e a web, cerca de dois em cada três (63%) escolheriam a internet...

Experimentar uma falha na rede é o mesmo que ficar sem água ou luz na cidade...

Zero hora 16.11.2011

Figura 38 - Matéria publicada da Zero Hora em 16/11/2011

Afastar-se da *web*, porém, não consiste na única forma de dar provas de amor no espaço virtual. Alguns jovens casais preferem utilizar esse espaço para divulgar seu compromisso e expressar sentimentos, como podemos observar no perfil de Júlia, a seguir, que contém depoimentos deixados pelo namorado Vinícius.





Figura 39 - Depoimentos postados no perfil da jovem Júlia.

O perfil de Júlia declara explicitamente o compromisso assumido com Vinicius. De diferentes formas o namorado expressa seus sentimentos por Júlia - pensando nela no cotidiano, trechos de músicas que lembram a amada, declarações de como ela mudou sua vida – e o registro na página do *Orkut* não deixa dúvidas sobre o status preenchido por ela logo à esquerda: “namorando”.

As redes sociais são espaços fluídos que reproduzem os movimentos da vida real (presencial/virtual) de seus sujeitos. Amores que se encontram ou desencontram, amizades que se aproximam ou se desfazem, perfis sendo criados, deletados, reconfigurados como resposta ao momento vivido por cada jovem e aos pactos firmados entre eles. As provas de amor à moda ‘pós-moderna’ exigidas pelos jovens sejam elas no sentido de permanecer neste espaço declarando o compromisso, ou mesmo de sair do *Orkut* em nome da relação, reafirmam a importância dada ao que acontece no espaço virtual e mostram novos modos de conviver com os sentimentos, expressá-los e sobretudo de administrar os conflitos gerados a partir deles.

A comunidade *Orkut me dá crise de ciúmes*, que em dezembro de 2011 tinha 39.389 membros, mostra que os conflitos gerados nas relações de namoro pela permanência nas

redes sociais – neste caso o *Orkut* – não são poucos e consistem forte motivo para a exclusão do perfil:

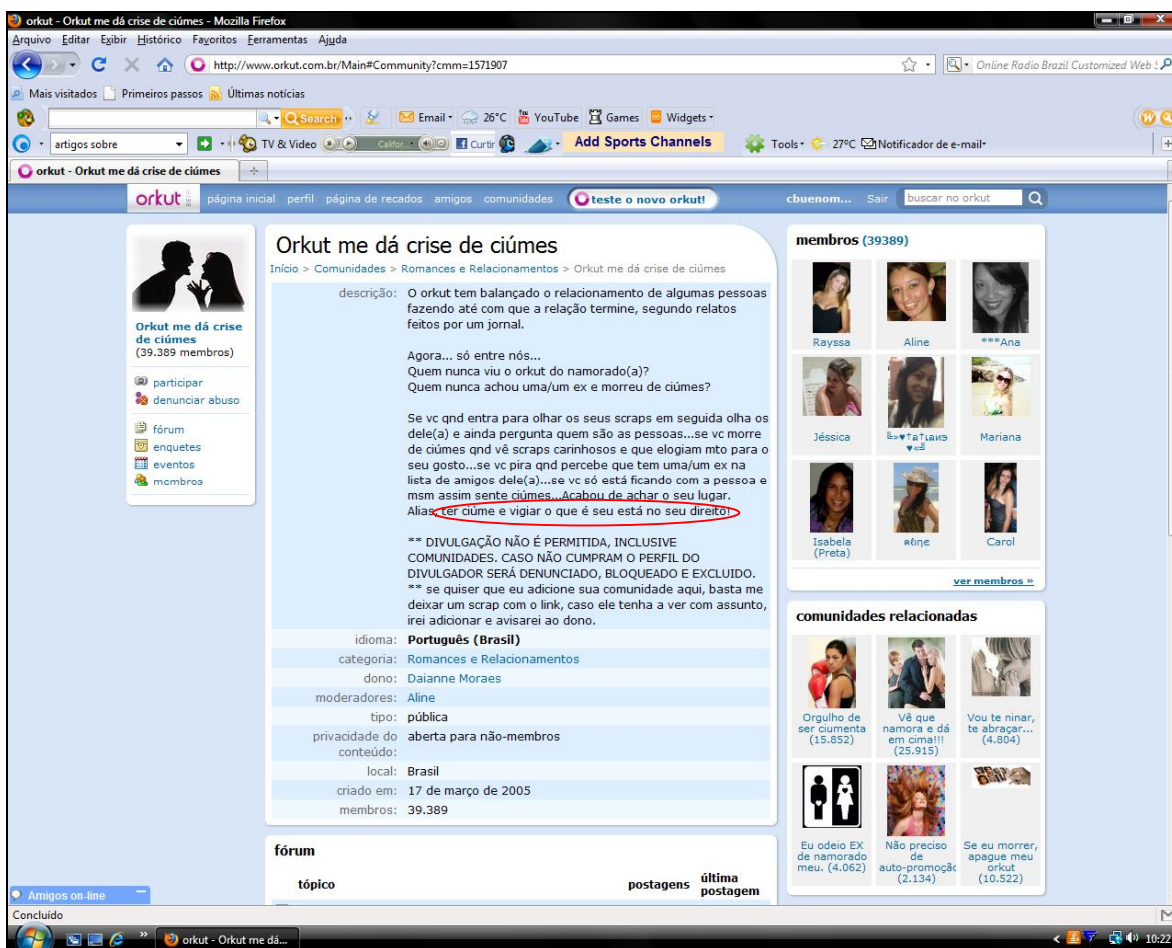


Figura 40 – Página de abertura da Comunidade *Orkut me dá crise de ciúmes*.

A apresentação da comunidade, que encerra com a frase “... *ter ciúme e vigiar o que é seu está no seu direito*” expressa que este movimento de saída dos sites de relacionamento em prol da preservação do namoro está relacionado a conceitos significativos abordados ao longo deste estudo: o imperativo da conectividade e a privacidade compartilhada como uma forma contemporânea de controle.

Ao construir um perfil, o sujeito expõe de uma forma ou de outra sua privacidade, sobre a qual o controle é exercido pelo outro (namorada/o). Se o perfil for mantido, sem expor que há um relacionamento envolvendo o sujeito, o entendimento pode ser de que o mesmo pretende escondê-lo de alguém, ou ainda que não o leva suficientemente à sério. Se o relacionamento estiver claro no perfil e mesmo assim o sujeito receber recados ou

depoimentos ‘açucarados’, isso pode tornar-se um problema grave, ou mesmo gerar o fim do namoro. Por vezes, deletar o perfil parece mesmo ser uma solução plausível para evitar a vigilância e o desgaste na relação.

A comunidade *Orkut me dá crise de ciúmes* propõe diversas enquetes. Uma delas pergunta: “Seu namorado não coloca relacionamento namorando, e nem coloca uma foto de vocês, o que você faz?” As respostas a seguir mostram algumas formas dos jovens lidarem com a situação.

The image shows a screenshot of a poll on the Orkut social network. The poll title is "seu namorado nao coloca relacionamento namorando e nem coloca uma foto de voces dois o q voce faz?". The comments section contains several responses, with speech bubbles pointing to specific parts of the text:

- meury joisy**: "eu faso o mesmo porq si ele esta solteiro eu tbm estou mais ele mi conhesi muito bem e nao faz isto nao" (I do the same because if he is single I am too, but I know him very well and he doesn't do this).
- EXIGO NA HORA PRA QUE ELE COLOCASSE A FOTO DE NÓS DOIS NA PERFIL AINDA DE QUEBRA** (I demand at the moment for him to put a photo of us two on his profile, even better).
- Paty**: "terminaria logico... isso demonstraria q ele tm algo a esconder p alguem." (It would be logical... this would demonstrate that he has something to hide from someone).
- Keilin**: "peço pra ele o motivo do prq não pôs as fotos.. mas não brigo kom ele, prq falta justificada não merece briga prq seria modéstia parte crianças" (I ask him for the reason he didn't post the photos... but I don't argue with him, because there is a justified reason, he doesn't deserve an argument because it would be a child's modesty).
- Itala**: "Nenhum de nós dois tem fotos juntos ainda! Por isso, quando ele coloca uma foto com uma amiga dele eu já coloco 10 com meus amigos, huauhauh ( ele fica morrendo de raiva )" (None of us has photos together yet! Because of this, when he puts a photo with a friend of mine, I already put 10 with my friends, huauhauh (he gets angry)).
- karina**: "se ele nao colocou é porque ele nao quer nada sério, então eu fingo que nao vi e faço o mesmo ;)" (if he didn't put it, it's because he doesn't want anything serious, so I pretend I didn't see it and I do the same ;)).
- Rebecca**: "mato ele" (I kill him).
- Josynha**: "FDP -.-" (FDP -.-).

Speech bubbles from the image contain the following text:

- Yellow bubble: "Exijo na hora para que ele colocasse a" (I demand at the moment for him to put it).
- Cyan bubble: "Peço pra ele o motivo do pq não" (I ask him for the reason why not).
- Orange bubble: "Se ele não colocou é pq não" (If he didn't put it, it's because he didn't).
- Purple bubble: "Mato" (I kill).
- Yellow bubble: "Fim de" (The end of).

Figura 41 – Respostas à enquete proposta na Comunidade *Orkut me dá crise de ciúmes*.

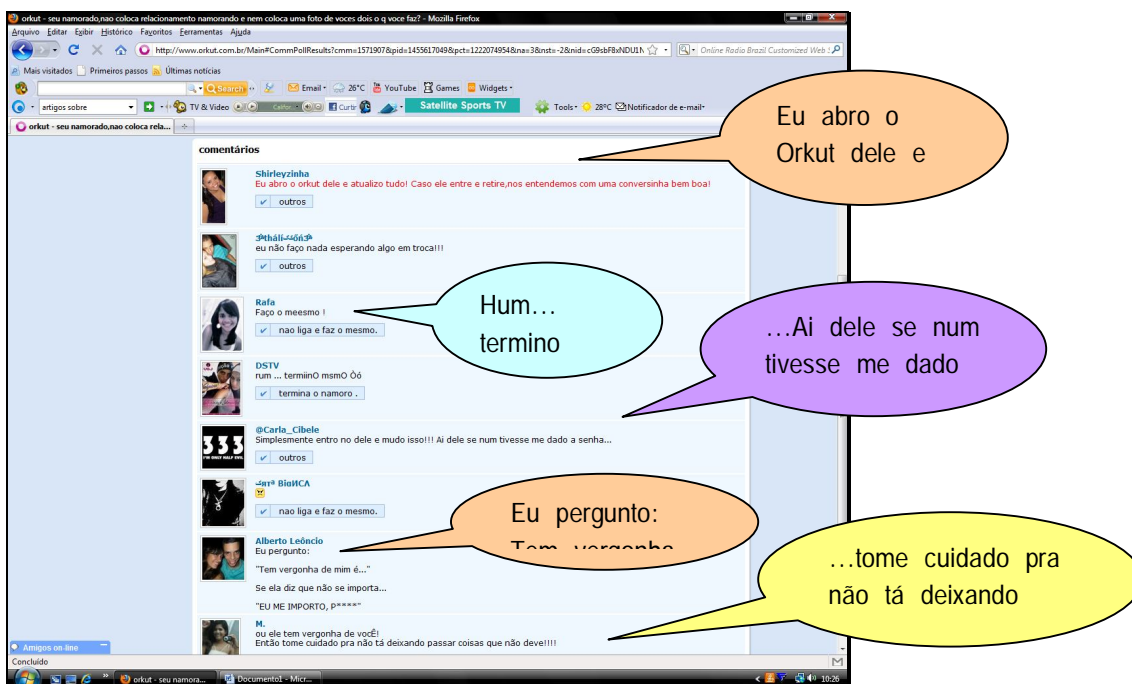


Figura 42 – Respostas à enquete proposta na Comunidade Orkut *me dá crise de ciúmes*.

No espaço dinâmico e fluído das redes, os sujeitos nômades seguem seus amigos e seus amores, enquanto for possível. Condenados pela vigilância e sentenciados por seus sentimentos tomam outros rumos, se preciso for, para preservar a privacidade das suas escolhas.

Segundo o dicionário Michaelis, diz-se nômade das “tribos e raças humanas que não têm sede fixa e vagueiam errantes e sem cultura” (MICHAELIS, 1998). Nesse estudo, emprego o termo referindo-me aos sujeitos que se movimentam no espaço virtual, sem paradeiro fixo. No entanto, não os considero *errantes* - tendo em vista que seus deslocamentos, em geral, não são ao acaso - nem *sem cultura* – haja vista que as culturas juvenis consistem no viés que atravessa este e todos os estudos desenvolvidos pelo grupo de pesquisas do qual faço parte.

Por certo para alguns, os movimentos no espaço virtual motivados pelos laços de afeto, podem parecer um tanto efêmeros ou mesmo sem sentido, porém, a intensidade das manifestações expressas pelos jovens e analisadas neste estudo demonstra que para eles, pertencer ao grupo, seguir os seus e compartilhar sentimentos no espaço comum têm importantes significados. Mas que espaço comum é esse? Qual é o lugar do encontro

agora? O jovem Marcinho, em sua página de abertura do *Orkut*, avalia: “*Facebook* tá muito melhor!”



Figura 43 - Recorte da página de abertura de Marcinho em 2011

A imagem com expressão de desânimo e o cartaz com a palavra “WANTED” – que em tradução livre para português, associada à imagem, teria o sentido de “procurado” – complementa a idéia de que o *Orkut* não é mais, para ele, o melhor lugar. Marcinho indica no seu status que o novo ponto de encontro é o *Facebook*.

Os movimentos fluídos na rede vão tecendo teias cujos pontos de ligação são as relações entre os sujeitos: Luisa, que está no *Orkut* é amiga de Marcinho, que está no *Orkut* e também no *Facebook*, que é amigo de Audrey, que está no *Orkut*, no *Facebook* e também no *Twitter*, etc., etc., etc... Impossível segui-los por toda a parte! Impossível narrar toda a Rede! O encontro entre os sujeitos nômades do espaço virtual se dá em diferentes lugares, de modo dinâmico, em diferentes contagens de tempo. Permanecem num determinado lugar por muito tempo, por pouco tempo, em tempos simultâneos ou não. Ao decidirem partir, bastam alguns cliques e está tudo encerrado! Ao decidirem entrar, mais alguns cliques. O pertencimento se dá na relação com o outro, a cada interação, na construção permanente das identidades dos sujeitos e dos marcadores das suas presenças.

Mas onde estão hoje os sujeitos-jovens desta pesquisa? Júlia e Giuliano não estão mais no *Orkut*. Perfis deletados! O lugar do encontro para eles agora é o *Facebook*.

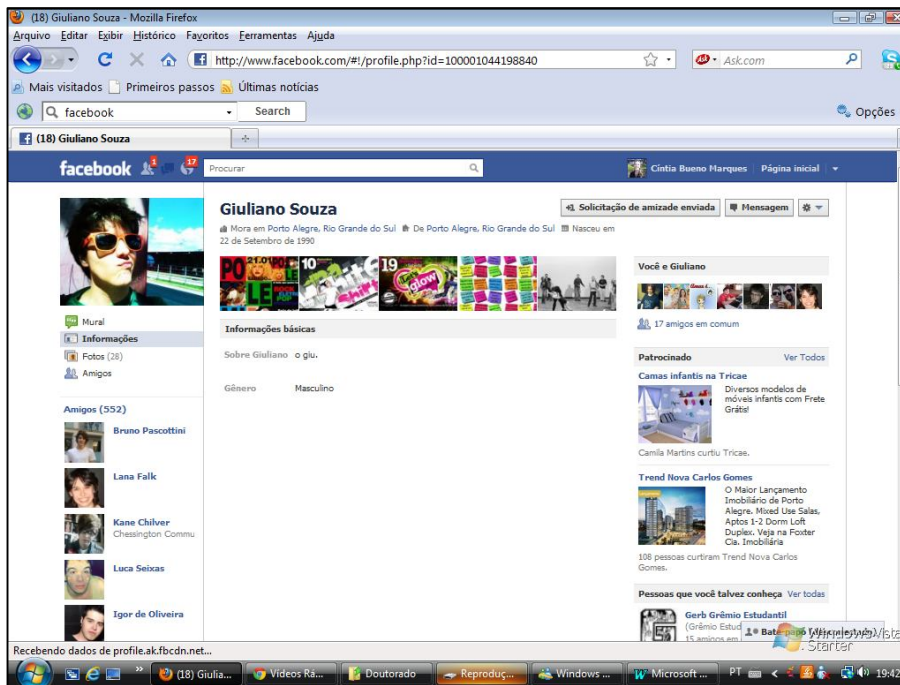


Figura 44 – Perfil 1 de Giuliano no Facebook



Figura 45 – Perfil 1 de Giuliano no Facebook

Audrey, Marcinho, Luiza, Frederico, Lana, Bernardo, Gianluca e Rodrigo continuam no *Orkut*, mas também têm seu espaço no *Facebook*.

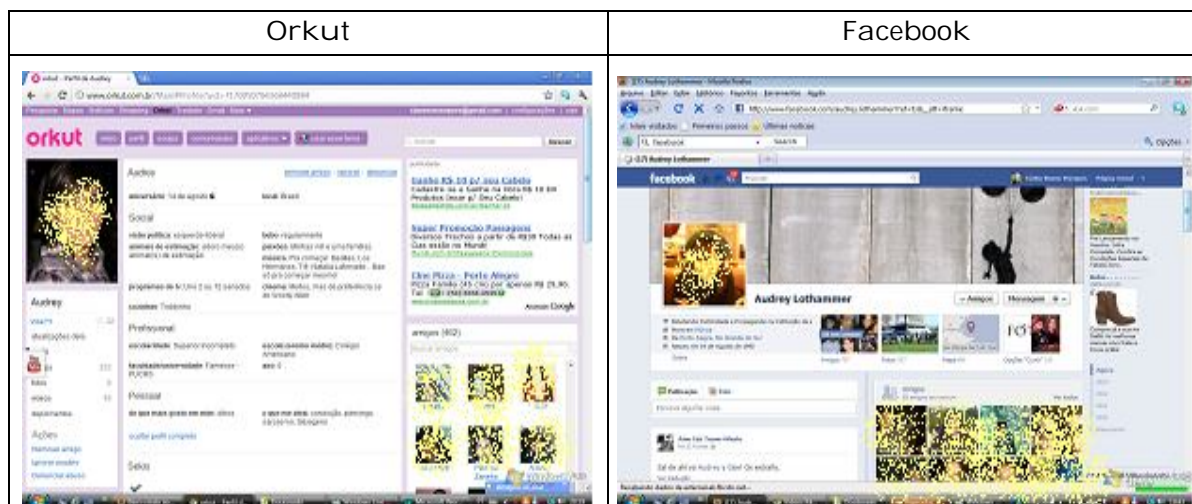


Figura 46 – Perfil do *Orkut* e do *Facebook* da jovem Audrey disponível em 02/05/2012.

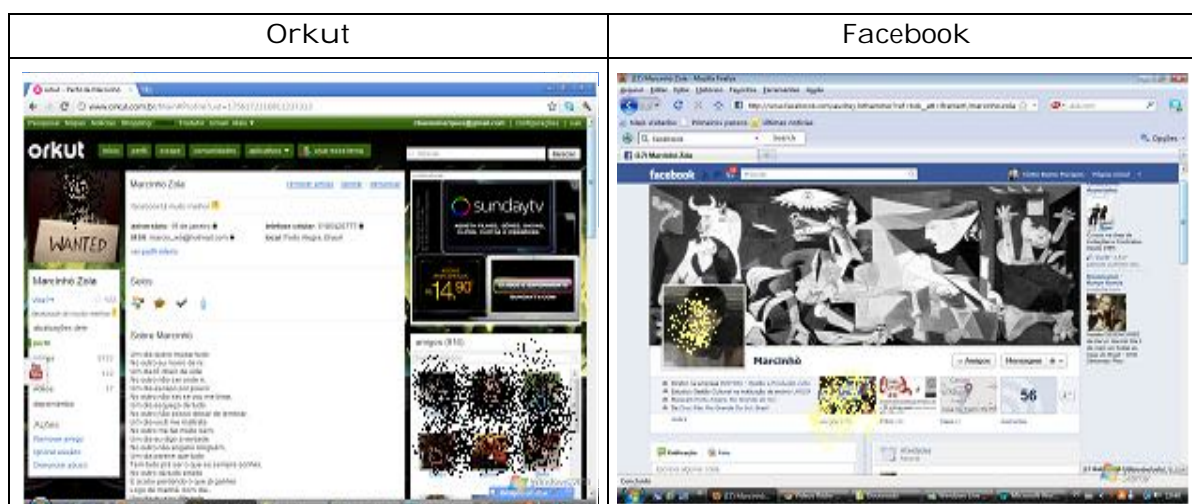


Figura 47– Perfil do *Orkut* e do *Facebook* do jovem Marcinho disponível em 02/05/2012..



Figura 48 – Perfil do *Orkut* e do *Facebook* da jovem Luiza disponível em 02/05/2012.



Figura 49 – Perfil do Orkut e do Facebook do jovem Frederico disponível em 02/05/2012.

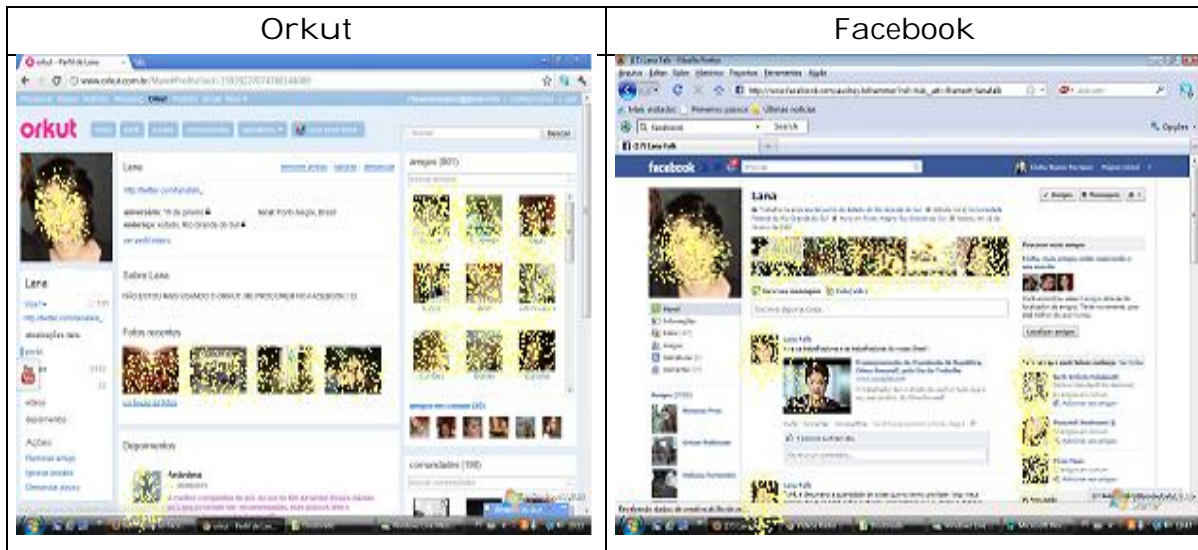


Figura 49 – Perfil do Orkut e do Facebook da jovem Lana disponível em 02/05/2012.

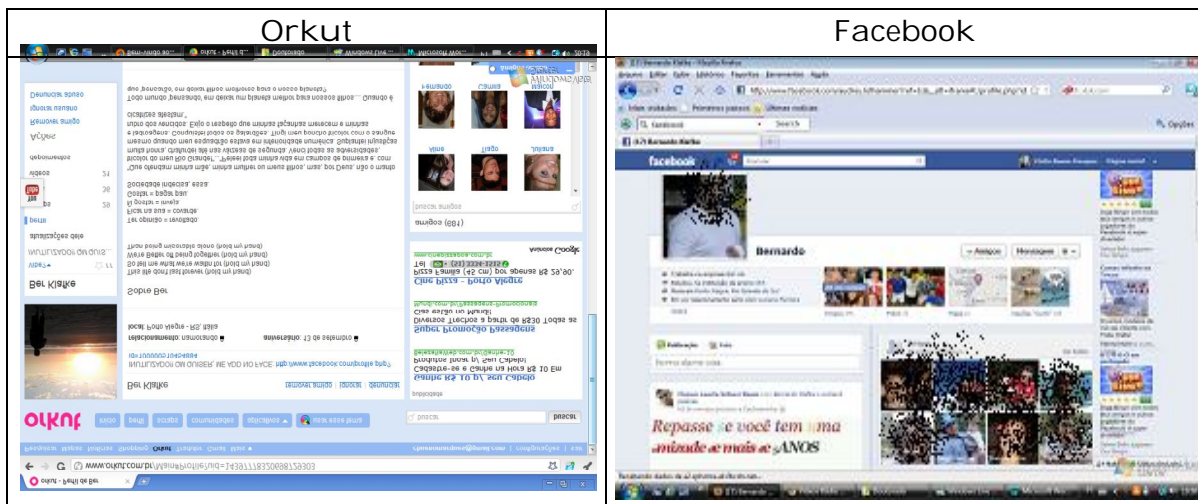


Figura 50 – Perfil do Orkut e do Facebook do jovem Bernardo disponível em 02/05/2012.



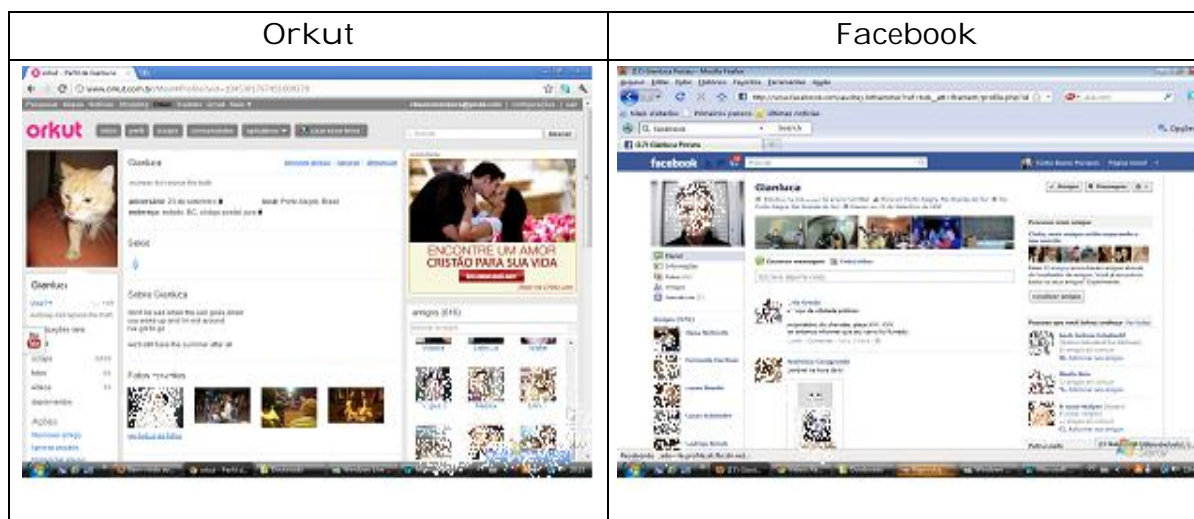


Figura 50 – Perfil do Orkut e do Facebook do jovem Gianluca disponível em 02/05/2012.

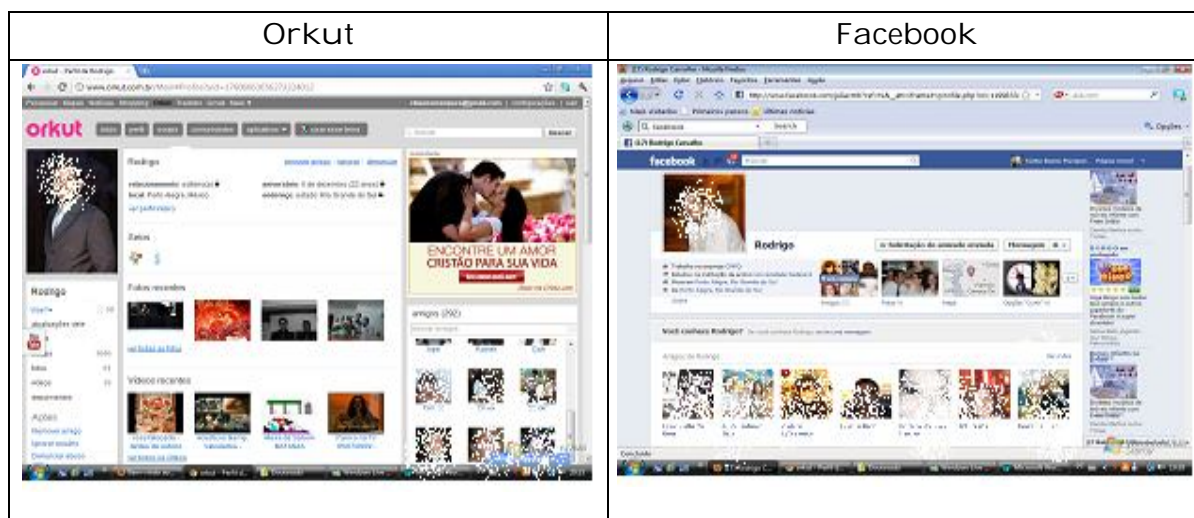


Figura 51 – Perfil do Orkut e do Facebook do jovem Rodrigo disponível em 02/05/2012.

Alguns exibindo novo visual, outros mantendo o estilo já conhecido no *Orkut*, os jovens se apropriam da nova ferramenta e seguem tecendo suas relações na rede. Amigos? Praticamente os mesmos! Afinal, os amigos são a ‘liga’ que atrai os jovens para um lugar ou para outros.

A rápida adesão de milhares de usuários brasileiros ao *Facebook* inspira o aprimoramento do *Orkut* e demais sites de relacionamento. Em resposta aos recursos cada vez mais elaborados oferecidos, o *Facebook* não pára de inovar. Num acelerado ritmo de mudanças os sites de relacionamento travam verdadeiras batalhas para conquistar novos usuários. Nessa conquista, o desafio não se trata apenas de promover a criação de novos

perfis de acesso, mas, sobretudo, de convencer os jovens a seguirem ocupando este espaço, atualizando suas informações, postando novidades e consequentemente, atraindo seus amigos virtuais.

Os sujeitos mutantes do espaço virtual podem estar em muitos lugares, ou em lugar algum. Seus movimentos são rápidos e sua presença se esvai com a mesma fluidez com a qual chegou. A exemplo dos pássaros, que alçam vôo em bandos, migram de um ponto a outro seguindo os seus. Lugar aprovado é lugar povoado...o vazio retrata a reprovação.

Aninha está no *Facebook*! Utilizando o recurso da “linha de tempo”, disponível no site, compartilha recortes da sua vida: formatura, trabalho, viagens, diversão... Alegrias, tristezas, pensamentos, indagações. Novamente conectada aos amigos – os antigos do *Orkut* e outros novos – compõe com imagens, textos próprios, músicas, poemas, pensamentos de autores que seleciona, links de sua preferência e tantos outros recursos que vão sendo disponibilizados pelo site, as identidades que assume para si neste espaço. Aninha é a ‘estrela’ do seu próprio *show*... Também é autora, produtora e pelo que parece, um sucesso entre seus amigos! O lugar do encontro mudou, os recursos foram ampliados, mas a conexão entre os sujeitos e o compartilhamento dos momentos que julgam especiais de suas vidas continua acontecendo com a mesma muita frequência e intensidade.



Figura 52 – Perfil do *Facebook* de Aninha disponível em 30/06/2012



Figura 53 – Perfil do Facebook de Aninha disponível em 30/06/2012 – 2ª parte



Figura 54 – Perfil do Facebook de Aninha disponível em 30/06/2012 – 3ª parte

Por quanto tempo Aninha ficará no Facebook? Para onde irá depois? Voltará algum dia para o Orkut? São perguntas irrelevantes no contexto das relações no espaço virtual. O tempo é o presente, a soma dos momentos vividos, registrados, compartilhados. O lugar é onde o grupo está, onde as relações acontecem, nos nós que se constituem ao tecer da teia. Hoje aqui, amanhã lá, talvez em muitos lugares concomitantemente, as práticas de compartilhamento de vivências e sentimentos no espaço virtual vão constituindo novas formas de relação entre estes jovens sujeitos, que seguem o bando capturados pelo prazer do pertencimento e capturando atenções que lhe permitam marcar presença.



## 5 DESCONECTANDO

Começo aos poucos a me desconectar dos lugares por onde andei, dos jovens que segui, dos autores sobre os quais me debrucei nestes últimos anos de estudo. No tempo da instantaneidade tudo parece estar ao alcance de um ‘clique’, porém, desconectar vai bem além disso e não representa tarefa fácil. Significa colocar ponto final em uma história, chegar a conclusões – sempre provisórias – a respeito do que vi pelos caminhos trilhados. Significa considerar que, de alguma forma, consegui traduzir em palavras os aspectos que entendi como relevantes a respeito do tema proposto. Desafio imenso numa realidade fluída!

As palavras não acompanham a velocidade da vida que brota nas páginas da rede a cada momento. Sensação de incompletude, de verdades ultrapassadas, de novidades envelhecidas num piscar de olhos. Desejo de ir além, de clicar infinitamente desbravando o que mais está sendo mostrado. Imperativo da conexão me capturando, constituindo em mim outras (novas) formas de sentir minhas relações com o que pesquisei, com os sujeitos da pesquisa, com suas vidas virtuais. Imperativo do mundo acadêmico me reportando aos prazos e ao momento de compartilhar minha escrita: momento de retomar o que pretendia, fiz e o que aprendi na caminhada.

Conforme anunciei ao iniciar esse estudo, meu objetivo era analisar as práticas de compartilhamento da vida privada no espaço virtual como produtoras de sensibilidades reconfiguradas nas relações de afeto entre sujeitos jovens contemporâneos. Utilizando a netnografia como escolha metodológica, ‘segui’ os sujeitos da pesquisa no espaço virtual, analisando as postagens que fizeram no *Orkut*, seus movimentos na expressão de afetos ou desafetos, suas formas de interagir com os amigos, de pertencer ao grupo, de demonstrar amor, de assumir seus relacionamentos ou romper com os vínculos estabelecidos. Observei ainda cenas da vida cotidiana que me interpelavam pela estreita relação com o tema em estudo registrando-as em meu diário de campo para posterior articulação com o referencial teórico que ia sendo explorado. Desloquei-me, seguindo os sujeitos, do *Orkut* ao *Facebook*, do *Facebook* ao *Orkut*, vivenciando nesses deslocamentos certa insegurança e sentindo a fluidez dos vínculos contemporâneos.

A cada achado, novos *insights* iam surgindo, abrindo um imenso leque de possibilidades acerca de caminhos a seguir. A variedade de opções que se apresentava refletia a relevância do tema escolhido para a realização do estudo, mas, ao mesmo tempo, consistia num obstáculo a ser superado: a delimitação através das escolhas.

Os conceitos chave visualizados através do material empírico e do referencial teórico deram suporte às escolhas necessárias e à organização das idéias que se articulavam em rede. Tomando como foco os conceitos de *imperativo da conexão* e *sensibilidades reconfiguradas*, as análises foram reunidas em dois blocos: o compartilhamento da privacidade como um imperativo da contemporaneidade - condição para o pertencimento ao grupo de amigos - e as formas de ‘consumir’ afetos e relacionar-se na modernidade líquida, reconfigurando sensibilidades.

A partir das análises realizadas, pode-se perceber o *compartilhamento da vida privada* como um *imperativo* na vida dos jovens da pesquisa. Tais práticas de compartilhamento, ‘naturalizadas’ na contemporaneidade – especialmente entre os mais jovens – tornaram-se condição para pertencimento ao grupo de amigos. Quem não participa das redes sociais acompanhando as últimas novidades e postando informações sobre sua vida, está à margem dos acontecimentos, desinformado, desatualizado. Participar do grupo de amigos inclui momentos presenciais – encontros, eventos, atividades, viagens - devidamente registrados e postados, bem como momentos virtuais – postagens, interação através de depoimentos, recados, compartilhamentos, comentários e ‘curtidas’ de apoio ao que foi postado.

As análises mostram ainda *sensibilidades reconfiguradas* pelos jovens, no que tange às suas relações de afeto – amizades e amores – a partir do deslocamento das expressões dos sentimentos de espaços privados para o espaço virtual, ou seja, um espaço público. Nesse contexto, não basta sentir! É preciso demonstrar publicamente, adicionar amigos contabilizando uma grande quantidade - adequada aos novos tempos, postar depoimentos, deixar recados, compartilhar imagens e textos que registram momentos presenciais onde vínculos do grupo se fortalecem.

Amizades são feitas ou desfeitas por um clique na página da rede, assemelhando-se a um *buffet* de amizades a consumir, ou descartar. Os sujeitos fazem parte dessa teia de

relações a serem consumidas, ora como produtos expostos à disposição do outro, ora como consumidor que avalia a viabilidade de ter o outro como amigo. Relacionamentos amorosos ‘brotam’ nesse mesmo terreno da liquidez contemporânea, em geral avançando gradativamente do ficar para o namorar. Pactos, acordos e provas de amor - que fazem lembrar os tempos do amor romântico – continuam existindo, porém, com novas configurações, tendo a seu serviço ferramentas disponíveis nas redes.

A *privacidade compartilhada*, nesse sentido, serve também para publicizar compromissos de namoro assumidos – como o par de alianças do passado – e ‘alimentar’ relacionamentos – como se fazia antes com buquês de flores, jóias ou presentes – através de postagens com essa finalidade na rede. Da mesma forma, os rompimentos são compartilhados conferindo, a partir da postagem, certo ‘peso de definitivo’ e liberando o sujeito do compromisso para novos relacionamentos. Sentimentos como ciúme são potencializados através da utilização de ferramentas disponíveis no espaço virtual como mecanismos de controle do outro. As possibilidades de manutenção da privacidade oferecidas pelos sites não prevêm estratégias de invasão do espaço do outro, como a exigência dos/as namorados/as de divulgação a eles da senha pessoal, por exemplo, ou de publicação de imagens do casal como foto de identificação dos perfis.

Fazer amizades, namorar, conhecer novas pessoas, assumir ou romper compromissos, firmar pactos, acordos, pedir ou dar provas de amor, certamente não são práticas contemporâneas. Entretanto, o imperativo de estar conectado e compartilhar no espaço virtual o registro de tais práticas produzem sensibilidades reconfiguradas para esse novo contexto, modificando não somente o cenário onde acontecem os encontros, mas, sobretudo, os sujeitos nas suas formas de sentir e expressar o que sentem.

Nessa dimensão, da compreensão dos sujeitos jovens nas suas formas de sentir, de se relacionar com o outro, de expressar sensibilidades, de marcar presença num mundo fluído, permeado pela liberdade ao alcance de um clique, mas também pelo controle ao alcance dos olhos do grupo ao qual se submete pelo pertencimento, torna-se relevante pensar sobre as problematizações apresentadas nesse estudo, conectadas ao campo da educação. Se os sujeitos não são mais os mesmos, se não interagem com o mundo à sua volta da mesma forma, como aproveitar tais considerações para pensar sobre educação contemporânea em

escolas repletas de jovens (des) ordenados, na contramão da hierarquia da ordem do discurso escolar?



## REFERÊNCIAS

AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA, Lucina. **Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital**. Porto Alegre: Revista Comunicação Cibernética, nº20, Dez 2008. FAMECOS/PUC P.34-40. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/famecos/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/4829/3687> (acesso em 20 set. 2010)

ARFUCH, Leonor. El espacio biográfico. Dilemas de la subjetividad contemporánea Buenos Aires. Fondo de Cultura economica: 2002.

BARBERO, Jesús Martín. Jóvenes: comunicación e identidad. **Pensar Iberoamérica. Revista de cultura**. N.0, fev.2002. Disponível em <http://oei.es/pensariberoamerica/ric00a03.htm> (acesso em 20 set. 2007)

BARBERO, Jesús Martín. Desafios culturais da comunicação à educação. **Comunicação & Educação**, Nº 18. São Paulo: USP, 2000, págs. 54-55.

BARBERO, Jesús Martín. Jóvenes: des-orden cultural y palimpsestos de identidad. In: CUBIDES, Humberto J.; TOSCANO, Maria Cristina Laverde; VALDERRAMA, Carlos Eduardo. **“Vivendo a toda”: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades**. Santafé de Bogotá: Siglo del hombre editores; Universidad Central. Departamento de investigaciones, 1998. P.22-37.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidad**. Madrid: Siglo XXI de España Ed., 2003.

BAUMAN, Zygmunt.. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada**: vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2009.

BENJAMIN. Walter. **Correspondência**. Gerschom Scholem, rev. Plinio Martins Filho, São Paulo: Perspectiva, 1993.

BRAGA, A. **Usos e consumos de meios digitais entre participantes de weblogs**: uma proposta metodológica. In: Anais do XVI Encontro da Compós, na UTP, em Curitiba, PR,

2007. Disponível em: [http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_162.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_162.pdf) Acesso em 02 Mar. 2008

CALIGARIS, Contardo. **A adolescência**. São Paulo: Publifolhas, 2000.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

CARDOSO, Sérgio. O olhar viajante (do etnólogo). In: NOVAES, Adauto. **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

COMOZZATO, Viviane. **Habitantes da cibercultura: corpos 'gordos' nos contemporâneos modos de produzir a si e aos 'outros'**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

COSTA, Marisa Vorraber. "Estudos Culturais - para além das fronteiras disciplinares". In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...** Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004. p. 13-36. [Links]

CUNHA, Suzana Rangel Vieira da. **Apontamentos sobre a Cultura Visual**. In: Anais do Seminário Nacional de Arte e Educação: 19ª edição – A Poética da Docência. Montenegro: FUNDARTE, 2005.

D'AMARAL, Márcio Tavares. Sobre o tempo: considerações intespéticas. In: DOCTORS, Márcio. **Tempo dos tempos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. P.15-34.

DELEUZE, Gilles. **As dobras ou o lado de dentro do pensamento** (subjettivação). In: Foucault. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 101-30.

DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo? Trad. Wanderson Flor do Nascimento. In: **Michel Foucault, filósofo**. Barcelona: Gedisa, 1990, p. 155-161.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2000.

DIOGO, Lígia Azevedo; SIBILIA, Paula. Imagens de família na internet: fotografias íntimas na grande vitrine virtual. In COUTO, E. S.; ROCHA, T. B. **A vida no Orkut: narrativas e aprendizagens nas redes sociais**. Salvador: EDUFBA, 2010 (p.33 - 55).

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FEIXA, Carles. **Generación @: la juventud en la era digital**. Revista Nómadas (Col), núm. 13, octubre, 2000, pp. 75-91. Universidad Central, Bogotá, Colômbia.

FONSECA, Claudia. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. **Revista Brasileira de Educação** [online]. 1999, n.10, pp. 58-78.

FONSECA, Márcio. **Dois Ensaios sobre o Sujeito e o Poder**. Departamento de Antropologia, ICHF, UFF, 1990, para uso interno. Extraídos do Livro de Hubert Dreyfus e Paul Rabinow - Michel Foucault: Um Parcours Philosophique, Ed. Gallimard, Paris, 1984. Tradução de Lilia Valle e Revisão de Silvia Aguiar.

FONSECA, Márcio. Para pensar o público e o privado. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo. **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 165-163.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Veja, 1992a. P.29-88.

FOUCAULT, Michel.. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel.. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 29ª Edição. EDITORA VOZES. Petrópolis 2004.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

GARBIN, Elisabete Maria. Cultur@s juvenis, identid@ades e Internet: questões atuais. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro: Ed. Autores Associados, maio/jun/jul/ago, 2003. N°23 (p. 119-135)

GARBIN, Elisabete Maria. **www.identidademusicaisjuvenis.com.br**: um estudo de chats sobre músicas na Internet. Tese de doutorado. Porto Alegre: Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.

GARBIN, Elisabete Maria. Cenas juvenis em Porto Alegre: ‘Lugarizações’ nomadismos e estilos como marcadores identitários. In: SOMMER, Luis Henrique; BUJES, Maria Isabel (org.). **Educação e Cultura contemporânea**: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens. Canoas: ULBRA, 2006.

GARBIN, Elisabete Maria; CAMOZZATO, Viviane C. Corpos Gordos no Orkut: escritas sobre so e os ‘outros’. In: ROCHA, Telma B; COUTO, Edvaldo (org.). **A vida no Orkut**: Narrativas e aprendizagens nas redes sociais. Salvador: EDUFBA, 2010.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da Modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Ed. Da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GÓMES, Guillermo Orozco. Comunicação social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos. In: **Sociedade Midiatizada**. MORAES, Dênis (org.). Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

GOTTSCHALK, Simon. Sensibilidades Pós-Modernas e Possibilidades Etnográficas (Postmodern Sensibilities and Ethnographic Possibilities). Tradução de Ricardo Uebel In: BANKS, Anna; BANKS, Stephen P. **Fiction and social research: by ice or fire**. Walnut Creek/London/New Delhi: Altamira Press, 1998. Ethnographic Alternatives V. 4 (Capítulo 13).

HALL, Stuart. A Centralidade da Cultura. **Educação e Realidade**, n.22(2). Porto Alegre: UFRGS, jun/dez. 1997. P.15-46.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro – 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HINE, Christine. **Etnografía virtual**. Colección Nuevas Tecnologías y Sociedad. I. Introducción. 2000.

ISLAS, José Antônio Perez. Memórias y olvidos. In: CUBIDES, Humberto J.; TOSCANO, Maria C. L.; VALDERRAMA, Carlos E. H. (ed.) **Viviendo a toda: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades**. Série Encuentros, Fundación Universidad Central. Santafé de Bogotá: Paidós, 1998, p.28 a 36.

KANT, Immanuel. **Sobre a crítica da Razão Pura**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

LARROSA, Jorge. Teconologias do Eu e Educação. In: SILVA, Tomas T. (org). **O sujeito e da Educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1994. p.35-86.

LARROSA, Jorge. Narrativa, identidad y desidentificación: In: **La experiencia de la lectura**. Barcelona: Laertes, 1996.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, nº 19, Jan/Fev/Mar/Abr 2002, p.20 a 28.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autentica 2010.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. São Paulo: 34, 1993.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** São Paulo: 34, 1996.

LÉVY, Pierre. **A Inteligência Coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 1998.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura** (trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 1999, 264 p.

MAFFESOLI, Michel. **O instante eterno** : o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas. São Paulo: Zouk, 2003.

MAFFESOLI, Michel. **Notas sobre a pós-modernidade** : o lugar faz o elo. Rio de Janeiro: Atlântida, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. São Paulo: Forense Universitária, 2006.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. **La juventud es más que una palabra**. Buenos Aires: Biblos, de. 1996.

MELO, Camila Pimente Gomes. **Amores possíveis**: as mulheres e os relacionamentos amorosos na contemporaneidade. Dissertação de Mestrado. Pernambuco: Universidade Federal de Pernambuco, 2007.

MIRZOEFF, Nicholas. **Una Introducción a La Cultura Visual**. Barcelona, Buenos Aires e México: Ed. Paidós Ibérica, 2003.

MONTARDO, Sandra Portella; PASSERINO, Liliana Maria. **Estudo dos Blogs a partir da Netnografia**: possibilidades e limitações. CINTED-UFRGS. Novas Tecnologias na Educação. V. 4 Nº 2, Dezembro, 2006.

MONTARDO, Sandra P. e ROCHA, Paula J. **Netnografia**: incursões metodológicas na cibercultura. E-Compós. Disponível em: [w 2006.www.compos.org.br/e-compos](http://www.compos.org.br/e-compos). Acesso em 10 de out. de 2009.

MONTEIRO, Silvana Drumond. O ciberespaço: o termo, a definição e o conceito. DataGramZero: **Revista de Ciência da Informação**, v. 8, n. 3, p. 1-18, jun./2007. Disponível em: < [http://www.dgz.org.br/jun07/Art\\_03.htm](http://www.dgz.org.br/jun07/Art_03.htm)>. Acesso em: 03 maio 2010.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

ORTEGA, Francisco. **Para uma política da amizade**: Arendt, Derrida e Foucault. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

ORTEGA, Francisco. **Genealogias da amizade**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho. **Diários públicos, mundos privados**: Diário Íntimo como gênero discursivo e suas transformações na Contemporaneidade. 2002. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/oliveira-rosa-meire-diarios-publicos-mundos-privados.pdf>. Acessado em 06/05/12.

PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes. EUGENIO, Fernanda. (orgs). **Culturas jovens. Novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. P. 7-21.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades**. Nuevo Mundo Mundos Nuevos [En línea], Coloquios, Puesto en línea el 04 febrero 2005, consultado el 08 diciembre 2012. URL: <http://nuevomundo.revues.org/229>; DOI : 10.4000/nuevomundo.229.

PESSOA, Fernando. **Novas Poesias Inéditas**. Lisboa, Ática. 1ª ed.1973

RATTO, Cleber. **Compulsão à comunicação**: modos de fazer falar de si. Educação & Realidade, Vol. 31, nº 2, 2006. p. 27 a 41.

RECUERO, Raquel. **Dinâmicas de redes sociais no Orkut e capital social**. Disponível em <http://pontomidia.com.br/raquel/alaic2006.pdf> Acesso em 20/08/2007.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet**. Coleção Cibercultura. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2009.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais como estrutura de poder**. Porto Alegre: Revista Social Media, web, 2009ª. Disponível em: <http://www.pontomidia.com.br>. Acesso em 02 Out. 2010

ROCHA, Telma B; COUTO, Edvaldo S. Identidades Contemporâneas: a experimentação de “eus” no Orkut. In: \_\_\_\_\_. (org.). **A vida no Orkut**: Narrativas e aprendizagens nas redes sociais. Salvador: EDUFBA,2010.

ROSE, Nicolas. Inventando nossos eus. (in) Tomaz Tadeu da Silva (org.). **Nunca fomos humanos**: nos rastros do sujeito . Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SARAIVA, Karla. **Outros Tempos, Outros Espaços**: internet e educação. Tese de Doutorado em Educação. PPGEDU/UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

SANTOS, José Manuel. Leituras contemporâneas da ética de Kant. In: **Actas do Congresso Kant 2004**. Posteridade e Actualidade, Centro de Filosofia da UL, Lisboa, 2006.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida Pós-moderna**: intelectuais, arte e videocultura na Argentina. 2ª Ed. Trad. Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2000.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. Trad. Lygia Araujo Watanabe. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

SENNETT, Richard. Risco. In: SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**. Lisboa: Terramar, 2003.

SIBILIA, Paula. **O Homem Pós-Orgânico** – corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

SIBILIA, Paula. **A vida como relato na era do fast-forward e do real time**: algumas reflexões sobre o fenômeno dos blogs. Porto Alegre, *Em Questão* v. 11, n. 1, jan./jun. 2005, p. 35-51.

SIBILIA, Paula. **O interativo como imperativo**: Os corpos suavemente ansiosos da arte digital. *Revista Intermídias.com* (Online), Web, v.ano2, n. 5-6, 2006.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Porto Alegre: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. [ Links ]

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 73-102. [ Links ]

SILVEIRA, Rosa Hessel. Identidades para serem exibidas – breve ensaio sobre o *Orkut*. In: SOMMER, Luís Henrique e BUJES, Maria Isabel Edelweiss (Org). **Educação e cultura contemporânea**: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens. Canoas: Ed. ULBRA, 2006.

SOARES, Rosângela de Fátima Rodrigues. **Namoro MTV**: juventude e pedagogias amorosas/sexuais no Fica Comigo. Tese de doutorado. Porto Alegre: Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

SOMMER, Luís Henrique. Novas Tecnologias: que mundo produzimos? In: SCHMIDT, Saraí. **A Educação em Tempos de Globalização**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

TRAVERSINI, Clarice Salete; BELLO, Samuel Edmundo López. O numerável, o mensurável e o auditável: estatística como tecnologia para governar. **Educação e Realidade**, Mai/ago 2009, p.135 a 152.

VEIGA-NETO, Alfredo. Olhares... In: COSTA, Marisa V. (org.) **Caminhos Investigativos**. Porto Alegre: Mediação, 1996. p.19-31.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Estudos Culturais em educação**: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema... Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004. p. 37-69. [ Links ]

VEIGA-NETO, Alfredo; LOPES, Maura Corcini. **Identidade, cultura e semelhanças de família**: as contribuições da virada lingüística. In: BIZARRO, Rosa (org.). *Eu e o outro: Estudos Multidisciplinares sobre Identidade(s), Diversidade(s) e Práticas Interculturais*. Porto: Areal, 2007. p.19-35.

WALKERDINE, Valerie. O raciocínio em tempos pós-modernos. In: **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.20, n.2, p.207-226, 1995.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz T. (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 2ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p.07- 72.

XAVIER, Ismail. **Cinema: Revelação e Engano**. In: NOVAES, Adauto. **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

YÚDICE, George. **A conveniência da cultura: usos da cultura na era global**. Trad. Marie-Anne Kremer. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

YÚDICE, George. **Nuevas tecnologías, música y experiencia**. Barcelona: Gedisa, 2007.



## ANEXO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**Termo de Consentimento Informado**

Venho através deste, convidá-lo a participar da pesquisa que estou realizando com o objetivo de *analisar as práticas de compartilhamento da vida privada no espaço virtual como produtoras de sensibilidades reconfiguradas nas relações de afeto entre sujeitos jovens contemporâneos*, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, orientada pela Profª Drª Elisabete Maria Garbin.

Para o desenvolvimento da pesquisa, pretendo observar os perfis de *Orkut* e *Facebook* dos participantes, acompanhando as atualizações e a comunicação entre os jovens neste espaço. Embora os textos e imagens disponíveis no perfil do *Orkut* e *Facebook* já estejam publicizadas, estarei utilizando este material para análises sobre a temática proposta, respeitando os preceitos éticos das pesquisas acadêmicas. Esclareço que, buscando preservar as identidades dos sujeitos pesquisados, empregarei as nomeações criadas pelos próprios sujeitos em seu perfil, tendo o cuidado de não mencionar os sobrenomes expostos. Saliento que os materiais utilizados para análise poderão vir a compor o corpo da Tese de Doutorado, bem como integrar comunicações orais ou escritas.

Tendo realizado os devidos esclarecimentos a respeito da pesquisa, coloco-me a disposição para quaisquer dúvidas.

Após ter sido devidamente informado/a sobre o estudo proposto e ter esclarecido minhas dúvidas, eu, \_\_\_\_\_, RG nº \_\_\_\_\_, concordo em participar da pesquisa e autorizo o uso dos textos e imagens divulgados no meu perfil do *Orkut* e *Facebook* e nas publicações relacionadas aos mesmos.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do/a participante da pesquisa

Atenciosamente,

\_\_\_\_\_  
Profª Cíntia Bueno Marques  
(Doutoranda do PPGEDU/UFRGS)

Contatos da pesquisadora: [cbmarques@hotmail.com](mailto:cbmarques@hotmail.com) (51) 9124 11 64

Contatos da profª orientadora: [emgarbin@terra.com.br](mailto:emgarbin@terra.com.br) (51) 9116 6182